

Ataíde Tartari

Título da versão em inglês: *Tropical Shade*

Agradecimentos:

ao Dr. José Themistocles Tartari, que imaginou uma droga plausível para ser usada nesta história, e a José Nêumanne Pinto, autor de *Mengele, a Natureza do Mal* (EMW Editores, 1985), obra fundamental na elaboração do cenário desta história.

* * *

1. Uma Carta do Brasil

Desde seu primeiro dia neste emprego no Centro Rosenthal, David Samen nunca tinha visto seu chefe tão irritado. Andando em direção a sua sala no fim do corredor, Ben Rosenthal passou pela mesa de Samen sem dizer uma palavra. Se estivesse com seu humor habitual, pensou Samen, Ben o teria cumprimentado como fazia todas as manhãs.

Samen virou-se para Sarah, que trabalhava na mesa ao lado. Assim como Samen, ela era responsável pela seção de correspondência do Centro. Eles tinham de enviar os informativos do Centro a todas as organizações judaicas do mundo, assim como cartas-resposta a todos aqueles que ainda tivessem dúvidas sobre o Holocausto.

— Soube de alguma coisa?

— Não. — Ela deu de ombros. — Deve ser alguma coisa na sua vida doméstica.

Vida doméstica? pensou Samen, franzindo a testa. Esta era uma ideia estranha para um trintão solitário como ele. Ele nunca tinha pensado em si mesmo como um homem casado, muito menos tendo esses assim-chamados problemas domésticos. Ele preferia pensar que Ben estava preocupado com outro fugitivo nazista.

— Isso é coisa de mulher — ele respondeu a Sarah.

Ela sorriu:

— Não se esqueça que nós temos um sexto sentido pra essas coisas!

Ele sorriu de volta. Sarah era muito bonita, o que para ele era uma razão suficientemente forte para não convidá-la para sair. Além do mais, ela uma vez lhe dissera que tinha um namorado, um cara que ele nunca vira no escritório. Bem, talvez ele pudesse convidá-la se ela fizesse algo mais do que apenas lhe dar um sorriso educado.

— Você já tinha visto o Ben irritado desse jeito? — ele perguntou.

Ela novamente deu de ombros:

— Claro.

— Eu não me lembro.

— É porque você é novo aqui.

Samen fez que sim com a cabeça. Ele fora contratado por Ben Rosenthal no segundo semestre de 1984, cerca de seis meses atrás, graças às suas ligações com as autoridades israelenses. Ele nunca soube se em condições normais, Ben contrataria um falasha como ele.

— Você se lembra quando foi? — ele disse.

— Hmm.. — Ela baixou os olhos. — Ben ficou muito irritado com aquele caso dos Diários de Hitler.

Ele franziu a testa:

— Mas ele sempre soube que eles eram uma fraude.

— Foi por isso que ele ficou tão irritado — ela disse, olhando nos olhos de Samen. — Quanto mais as pessoas acreditavam naqueles diários, mais irritado ele ficava.

É, concluiu Samen, *deve ser outro caso de fraude*. Mas qual seria? Se os empregados de uma renomada organização de caça aos nazistas como esta de Ben Rosenthal não tinham ouvido nada a respeito, a mídia certamente não estava a par de nada.

Ele virou-se de volta para a pilha de cartas que deviam ser lidas e respondidas. Depois de folheá-las, ele as separou. Aquelas pedindo por informações sobre o Holocausto e os fugitivos nazistas ele colocou à esquerda; aquelas *dando* informações sobre fugitivos nazistas, à direita. Embora quase todas nesta última categoria fossem fraudes ou frutos de fantasia, eram estas que mereciam uma cuidadosa leitura. Afinal, o Centro Rosenthal tinha conquistado sua reputação ao revelar o esconderijo de muitos criminosos de guerra, e tais informações geralmente vinham de cartas que punham os investigadores do Centro para trabalhar.

A primeira carta que Samen pegou para ler vinha do Paraguai. Estava escrita em espanhol. Como Samen tinha sido educado em outra língua latina, o português, não era difícil entender o que esse remetente tinha escrito. Lendo dois parágrafos, ele concluiu que se tratava de outra "revelação" de algum judeu aposentado que, andando à toa pelas ruas de Assunção, afirmava ter visto Josef Mengele dentro da limusine de um general paraguaio.

Samen riu e pôs a carta de lado. A mesma história, ainda sem confirmação, tinha sido publicada há quatro meses no informativo do Centro Rosenthal.

Enquanto ele pegava outra carta, o telefone em sua mesa tocou. Era o chefe pedindo que ele fosse a sua sala.

Ele virou-se para Sarah, dizendo:

— Desculpe, mas a sua intuição feminina falhou desta vez.

Ela o encarou e franziu a testa. Ele ajeitou as longas tranças de seu cabelo rastafári enquanto caminhava em direção ao escritório de Ben.

Fechando a porta atrás de si, Samen viu mais cinco empregados na sala. Ben Rosenthal estava sentado atrás de sua mesa, olhando para ele. Pela janela de vidro atrás de Ben, Samen podia ver, além de alguns edifícios vizinhos, o East River de Nova York.

Olhando para o teto, Ben suspirou:

— Ontem à noite eu estava tentando dormir quando recebi um telefonema da Alemanha Ocidental — ele disse. — Era da sala de imprensa do *Die Welt*. Eles estão publicando uma história interessante no jornal de hoje. Diz que, na última sexta, a polícia de Günzburg achou uma velha carta nas mãos de um empregado aposentado das indústrias Karl Mengele; uma carta do Brasil comunicando a morte do filho mais famoso de *Herr* Karl Mengele.

Todo mundo na sala deu risada, exceto Ben. Ele continuou:

— O problema é o seguinte: a polícia não está achando que isso é outra fraude. Junto com a carta eles encontraram uma agenda com vários endereços e telefones da cidade de São Paulo. A polícia brasileira foi chamada e... bem, eles estão a ponto de abrir o caixão.

Todos ficaram em silêncio. Ben acrescentou:

— É claro que agora teremos uma maneira científica de provar que esta é outra fraude. — Ele olhou para relógio. — Neste momento Patrick está num voo para São Paulo.

Samen balançou a cabeça. Patrick era um prestigiado legista de Nova York que trabalhava como consultor do Centro Rosenthal em assuntos de medicina legal. Samen ficou imaginando se Ben mandaria mais alguém ao Brasil. Alguém para acompanhar as investigações da polícia local; alguém que falasse a língua dos brasileiros.

Ele olhou para Ben:

— E a investigação? — ele disse. — O Centro vai acompanhar a da polícia brasileira ou fazer a sua própria?

Olhando para todos na sala, Ben disse:

— Quantos de vocês falam a língua dos brasileiros?

O colega ao lado disse:

— Eu falo um pouco de espanhol.

— Os brasileiros — disse Samen, virando para ele — falam português. E eu falo português fluentemente — acrescentou, agora olhando para Ben. — Fui educado em Angola, que foi uma colônia portuguesa, assim como o Brasil.

— Vou pensar nisso — foi a resposta que Ben deu antes de ficar em pé olhando para a mesa. — Enquanto isto, vamos esperar pelo resultado da exumação. Nós provavelmente não precisaremos de mais nada para provar que é uma fraude.

Olhando para Ben, Samen levantou a mão. Antes que ele conseguisse fazer um lobby em prol de sua causa, porém, Ben dispensou a todos com um gesto de mão e a promessa de mantê-los informados.

Samen deixou o escritório de Ben resmungando. Ele não voltou à sua mesa na seção de correspondência: ele foi direto ao elevador.

* * *

Quando Samen chegou à missão de Israel no complexo das Nações Unidas, ele estava totalmente sem fôlego. Viera correndo como um maratonista. Parando ao lado da porta, tentou recuperar o fôlego enquanto pensava no que fazer. Ele sabia que estava quebrando as regras, vindo aqui dessa maneira. O correto seria arranjar um encontro com Leon num local público e discreto. Por outro lado, esta era uma situação de emergência. Não havia tempo para pensar em procedimentos.

Sua ideia era entrar no escritório e deixar que Leon o visse. Enquanto ainda recuperava o fôlego, uma mulher abriu a porta e ficou lhe fitando.

— Está tudo bem com o senhor? — ela disse.

— Hã-han.

— O senhor quer falar com alguém aqui?

Sim, eu quero, ele pensou, *mas você não deveria saber disso*.

— De certo modo, sim — ele disse, olhando para ela. — Quero dizer, eu estou à procura de emprego.

— Desculpe, mas nós não estamos precisando de ninguém no momento.

Ele fez que sim com a cabeça, mas ainda precisava de uma desculpa para entrar.

— Eu gostaria de preencher uma ficha mesmo assim — ele disse.

— Tudo bem, mas não temos nenhuma perspectiva de abrir vagas.

Ele deu de ombros:

— Não tem importância.

Ela hesitou, ainda olhando para ele. Então deixou que ele entrasse.

Ele permaneceu encostado num balcão esperando que a mulher lhe trouxesse a ficha. Olhando para as pessoas na sala, ele não viu Leon. E se Leon não estava, ele pensou, não havia razão para permanecer ali.

Samen estava pronto para sair quando um homem alto e corpulento trouxe a ficha. Era Leon.

— É você que quer trabalhar para nós? — perguntou Leon.

Samen apenas fez que sim com a cabeça. Ele não sabia aonde Leon queria chegar.

— Por que você não nos mandou seu currículo, então?

— Não tive tempo de sentar e escrever — disse Samen. — Mas é importante que eu consiga esse emprego.

Leon empurrou a ficha e a caneta na direção de Samen, dizendo:

— Então escreva.

Samen pegou a caneta e escreveu:

Ben mandando Dr. p/ Bras, sem investig
Sou investig perfeito
Falo língua bras
Posso ouvir tudo
Devia ir já

Leon pegou a ficha e sorriu:

— Obrigado por ter vindo — ele disse, apertando a mão de Samen. — Eu verei o que posso fazer.

* * *

Samen estava cansado de bancar o maratonista; ele voltou ao Centro Rosenthal caminhando.

Ao chegar à sua mesa, Sarah virou-se para ele:

— Onde diabos você esteve? — ela disse. — O Ben quer falar com você.

— Obrigado — ele disse, afastando-se de sua mesa e andando em direção à sala de Ben.

Ele bateu na porta e abriu. Ben estava sozinho no escritório, sentado em sua mesa, gesticulando para que ele entrasse.

Ele sentou na poltrona em frente à mesa. Ben lhe entregou um envelope. Ele abriu. Era uma passagem aérea para São Paulo, Brasil. O voo sairia no fim da tarde.

Erguendo a cabeça e olhando para Ben, Samen perguntou:

— Alguma instrução?

— Quem sou eu para dar instruções a um agente da inteligência? — disse Ben, exibindo um sorriso de deboche em seus lábios.

Samen deu de ombros:

— Você é meu chefe.

Ben fez que não com a cabeça:

— Eu sou aquele que paga suas contas. Seu chefe é aquele homem que me pediu para mandá-lo ao Brasil.

— Mesmo assim, você não é obrigado a fazer o que Leon lhe pede.

— Talvez — disse Ben. — Mas o que aconteceria se eu me recusasse a fazê-lo?

— Bem, o que acontece quando pessoas que dividem o mesmo barco começam a se comportar de modo egoísta?

Ben engoliu em seco e não respondeu.

— De qualquer modo — Samen continuou — eu sei que você está certo de que este é outro caso de fraude, mas eu acho que seria conveniente se nós começássemos a agir como se Mengele tivesse mesmo morrido.

— E jogar o jogo deles?

— Que jogo?

— O das pessoas que querem que o mundo acredite que ele está morto.

Samen fez um gesto de repúdio:

— O que eu quero dizer é que seria mais conveniente se nós gastássemos nosso tempo procurando por aqueles que foram ao seu enterro.

— Ou aqueles que o *encenaram* — disse Ben, ficando em pé e estendendo sua mão por cima da mesa.

Samen apenas fez que sim com a cabeça enquanto apertava sua mão.

Saindo do Centro Rosenthal, Samen foi direto ao seu apartamento. Ele ainda tinha quatro horas para arrumar suas malas e pegar o voo para o Brasil.

* * *

2. A Ilha dos Negros-Aços

Deitado numa maca, tudo o que Roy conseguia ouvir era a chuva forte batendo no telhado. Como não havia forro, de vez em quando uma gota espirrava sobre ele. O dia estava tão quente que isso vinha como um chuveiro refrescante.

Ao ouvir o som de passos, Roy abriu os olhos. As telhas avermelhadas e sua armação de madeira estavam sobre ele, assim como o rosto enrugado do velho doutor. Dr. Schultz estava sorrindo e exibindo uma tesoura. Roy fechou seus olhos e sentiu a tesoura cortando as ataduras em seu rosto.

Enquanto removia as ataduras, o doutor disse com seu inconfundível sotaque alemão:

— Você pode olhar no espelho, mas...

Dr. Schultz não precisou dizer mais nada; Roy sabia que ele devia se parecer com uma criatura inchada, monstruosa. Ele tentou rir da situação.

— Não se preocupe. Eu não vou culpá-lo, doutor.

Depois de removidas as ataduras, o doutor lhe trouxe um grande quadrado. Roy franziu a testa. Isso não parecia ser um espelho. Isso não *era* um espelho. Na verdade, era a capa de papelão do último LP de Michael Jackson, *Thriller*, com a foto do cantor à frente. Segundo o que ele havia lido na mídia especializada em fofocas, Michael Jackson estava se submetendo a um tratamento semelhante ao seu. Na capa deste álbum, Roy podia ver alguns traços de gente branca em seu rosto, como o nariz mais fino, mas sua pele ainda era escura.

— Bem? — perguntou o doutor. — Que tal?

Roy sorriu:

— Droga, eu não pedi pra você mudar o meu sexo.

— Você ainda é um homem, Roy. — Dr. Schultz lhe entregou o espelho propriamente dito. — Um homem deformado, no entanto — ele disse e caiu na gargalhada.

O espelho lhe mostrava um rosto inchado. Ainda assim ele podia ver que seu nariz e seus lábios estavam bem mais finos do que antes, do jeito que ele queria. O espelho lhe mostrava o rosto inchado de um homem branco. Um branco de pele morena, mediterrânea. Ainda um tanto obeso, porém. Mais do que ele gostaria.

O doutor continuava olhando para ele:

— O que você pretende fazer com esse cabelo encaracolado?

Roy deu de ombros:

— Isso não é importante.

Embora ele tivesse lido que Michael Jackson também estava alisando seu cabelo, muitos brancos o tinham negro e encaracolado.

Roy agarrou-se aos braços do doutor e sentou-se na maca, fechando os olhos.

— Sentindo tontura?

— Não. — Ele abriu os olhos. — Estou bem. Quer dizer, eu estaria bem se eu pudesse *respirar*.

— Eu te disse: rinoplastia é uma cirurgia dolorosa. — Ele tocou o nariz de Roy, apertando a gaze dentro de suas narinas. — Continue respirando pela boca. Só por mais alguns dias.

Ofegando, Roy fez que sim com a cabeça.

O doutor olhou para cima, para o telhado:

— Parece que a chuva está parando.

A porta do consultório foi aberta com violência. Roy virou a cabeça e viu o garoto negro de pele branca (“negro aço”, como alguns falavam) que trabalhava como assistente do Dr. Schultz entrar na sala. Sua camiseta estava molhada nos ombros. Ele tirou seu boné e sacudiu. Virando-se para o doutor, ele disse:

— Parou a chuva, doutor.

O garoto então olhou para Roy e fez um gesto tocando seu próprio nariz:

— Isso dói? — ele perguntou.

Arranhando o português, Roy respondeu:

— Um pouco.

Desde que tinha chegado à ilha do Dr. Schultz no começo do ano, Roy tinha visto vários negros-aços como Carlinhos, o assistente do doutor. Era por isso que essa ilha era conhecida na região como a Ilha dos Negros Aço. No caso de Carlinhos, a pele era absolutamente desprovida de cor. Mas ele não era um garoto albino: ele tinha sido um dos primeiros pacientes nas experiências do Dr. Schultz, quando sua droga de clareamento de pele ainda não tinha sido aperfeiçoada.

O garoto continuou olhando para Roy. Ele se parecia com qualquer outro garoto negro de 12 anos, exceto pela pele. Seus olhos e cabelos eram escuros, normais. Era muito estranho.

— Qual é a sua doença? — o garoto perguntou.

— Eu não estou doente.

— Como assim?

— Algumas pessoas vêm ao médico porque elas querem mudar sua aparência. Elas não precisam ter nenhuma doença.

Dr. Schultz balançou a cabeça:

— Essa doença se chama auto-preconceito — ele disse, olhando para seu assistente. — Ou auto-racismo, no caso de Roy.

Roy encarou o doutor. Seu senso de humor alemão era muito rude. Além do mais, ele não estava qualificado para opinar sobre esse assunto.

— Uma pessoa que faz o tipo de experiências que você faz — Roy resmungou — não deveria acreditar numa besteira dessas.

— Ninguém precisa acreditar naquilo que faz — Dr. Schultz disse. — Ele apenas deve fazê-lo melhor que os outros.

— Eu também vou ser um doutor — o garoto disse para Roy.

Ao sair da casa do Dr. Schultz, Roy tentou não escorregar na rua enlameada. Na pequena ilha do doutor as ruas não tinham nem pavimentação, nem calçadas. Como não havia carros, elas nada mais eram que trilhas de terra.

Ao olhar para frente, Roy viu um homem subindo a rua. Era um de seus vizinhos, um velho pescador chamado Jacinto. Roy endireitou seu corpo a fim de ficar ereto. A reação de Jacinto lhe diria algo sobre sua aparência.

Jacinto apenas olhou de relance enquanto inclinava a cabeça e o cumprimentava tocando seu chapéu de palha. Roy também estava usando um chapéu de palha; um bem largo. Talvez fosse largo demais para que alguém percebesse os novos traços de sua face.

Alguns passos rua abaixo, Roy percebeu um casal branco vindo em sua direção. Ele não sabia quem eram. Deviam ser turistas, já que ele conhecia todos os sessenta e quatro habitantes da pequena ilha do doutor. Eles passaram por ele conversando entre si e dando risada. Só quando Roy entrou em casa ele teve a reação que esperava: a mulher que trabalhava como sua empregada pareceu surpresa.

— O que é que o doutor fez com a sua boca? — ela disse, quase berrando.

Roy passou os dedos sobre seus lábios costurados. Doía.

— Ele afinou meus lábios.

— Pra quê?

— Pra combinar com o resto.

— Ele nunca fez isso pras outras pessoas com vitiligo.

— É claro que não. Mas ele também é um cirurgião plástico. E dos bons.

Sua empregada, Betânia, era mulata; era óbvio que ela jamais tomara a droga de clareamento de pele do médico alemão. Mesmo assim, Betânia já tinha por diversas vezes falado com Roy sobre vitiligo. Na ilha do Dr. Schultz todo mundo sabia o que era essa doença. Embora a ilha ficasse um tanto escondida, muitas pessoas de cor que apresentavam essas repulsivas manchas brancas na pele vinham procurar pelo doutor e seu tratamento milagroso. E ele os tratava de graça, algumas vezes aceitando peixe e galinhas como pagamento. Até onde Roy sabia, ele tinha sido o primeiro a usar a droga de clareamento de pele do Dr. Schultz com propósitos puramente estéticos.

— Então essa ilha vai acabar ficando lotada — ela disse.

— Por que você diz isso?

— Muita gente vai vir aqui pra tratar com o doutor; muitas madames.

Roy riu. Na língua de sua empregada, madame não era apenas alguém da alta classe; era alguém que ela detestava.

— Por que ele é um cirurgião plástico? — ele perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça enquanto voltava a varrer o chão:

— O doutor é uma boa alma. O mundo precisa de mais gente como ele.

Roy sorriu. Mesmo sendo um homem estranho, reservado, Dr. Schultz nunca tinha negado nada ao povo do lugar. Eles o adoravam por isso. Ele era o dono da ilha, mas não se importava quando famílias que não tinham onde morar chegavam e se estabeleciam no lugar. Roy era um dos poucos a pagar aluguel pela casinha que ocupava.

Usando a vassoura como apoio, Betânia voltou-se para ele:

— O doutor já te falou sobre seu Pedro?

— Acho que não — ele respondeu, balançando a cabeça. — É alguém do continente?

— Ele vivia em São Paulo — ela disse. — Era um outro alemão, amigo do doutor.

Então, pondo um sorriso maroto em seus lábios, ela acrescentou:

— Ele foi meu marido.

Roy franziu a testa:

— O que aconteceu?

— Ah! — ela disse, fazendo um aceno com a mão. — Isso foi há seis anos atrás, em 79. A gente estava nadando lá na praia de Bertioga quando ele...

— Se afogou?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Sinto muito.

— Tudo bem. — Ela deu de ombros. — Eu sabia que alguma coisa assim ia acontecer quando eu me casei com ele. Seu Pedro era um homem muito bonito mas, sabe?, ele era mais velho que meu pai.

Roy continuou franzindo a testa. Que tipo de acordo a Betânia teria feito? ele pensou. Hoje ela era um tanto gorda, mas seis anos antes ela devia ser uma linda mulata de 27 anos. Por que ela casaria com um alemão pobre e idoso?

— Eu não entendi — ele disse, olhando em seus olhos. — Quer dizer, por que é que você está...? — ele acrescentou, apontando para a vassoura.

Ela olhou para o chão:

— Nós nunca fomos casados de papel passado. Os Stammer levaram tudo o que seu Pedro tinha; eu fiquei sem nada.

Roy suspirou balançando a cabeça.

Falando mais alto, Betânia continuou:

— Mas agora eles estão dizendo que ele era outra pessoa.

Ele olhou fixamente para ela.

— Olha só! — ela disse. — Esta revista tá mostrando seu Pedro na capa!

Roy olhou para a mesinha de centro. Betânia estava apontando para seu exemplar da revista *Time* que estava sobre ela.

— E o pessoal da TV anda dizendo — ela continuou, com a voz ainda mais aguda — que seu verdadeiro nome era Mengele.

* * *

3. Os Restos Mortais

Sentado em seu assento da classe econômica, David Samen foi acordado por um comissário de bordo; um jovem atendente de voo com olhar de poucos amigos. O cara o olhava com bastante desprezo, isso era óbvio para Samen.

— O que é? — Samen grunhiu.

O comissário não disse nada. Ele apontou para o indicador luminoso para apertar os cintos e se afastou.

Samen ergueu-se no assento, calçou suas sandálias e apertou o cinto. A mulher idosa a seu lado afastou-se. Ele tentou ajeitar suas longas tranças dentro da boina enquanto virava para a janela.

O avião descia rápido. Olhando pela janela ele podia ver o caótico traçado da área metropolitana na qual estava prestes a pousar. Era possível ver muitas coisas lá embaixo, exceto uma linha reta. Vista de cima, São Paulo parecia um labirinto sem fim.

Quando Samen entrou na área de desembarque deste aeroporto com cara de recém-inaugurado, com muitas coisas ainda a concluir, ele logo viu seu anfitrião segurando um cartaz com "Centro Rosenthal" e seu nome escritos à mão. O cara esperando por ele era um mulato claro, baixo, com cabelo cortado a máquina e uma arma na cintura por baixo da camisa. Samen parou na sua frente e colocou a mochila no chão.

O cara olhou atravessado para ele, deu um passo de lado e continuou a observar os passageiros

que chegavam. Samen virou-se para ele:

— Eu sou David Samen.

Seu anfitrião o olhou fixamente e franziu a testa.

Samen suspirou, tirou seu passaporte do bolso e lhe entregou.

— Desculpe — ele disse, lendo o passaporte de Samen. Então ele estendeu a mão. — Meu nome é Gil Moreno. Eu pensei que sua organização de caça aos nazistas estava mandando um homem judeu.

— É isso que eu sou. — Samen apertou sua mão. — Eu sou um falasha.

Gil franziu a testa.

Samen sorriu:

— Falasha é como nós chamamos os judeus da Etiópia — ele disse. — Eu fui educado em Angola.

Mesmo sem nunca ter vindo ao Brasil, Samen sabia que seu sotaque angolano soava de maneira distinta para um ouvido brasileiro. Um sotaque que ele tinha adquirido dos colonizadores portugueses de Angola.

— Sei... — Gil olhou atrás dele. — Onde está sua bagagem?

Ele apontou para sua mochila:

— Está aqui.

Seu anfitrião pôs a mochila no ombro e saiu andando. Como ele era uns dez centímetros mais baixo que Samen, a mochila raspava no chão.

— A gente precisa se apressar.

— Tu não vais me levar ao hotel? — Samen perguntou.

— Não temos tempo. Já está todo mundo no cemitério. Incluindo seu parceiro, Patrick.

Seguindo Gil através do saguão do aeroporto, Samen apenas concordou com a cabeça. O legista enviado por Ben Rosenthal já tinha chegado há quinze horas em São Paulo. Neste momento, pensou Samen, ele devia estar se dedicando totalmente à tarefa que Ben tinha lhe dado: provar que os restos mortais de Wolfgang Gerhard não eram de Mengele. No entanto, de acordo com o inquérito policial germano-brasileiro que Leon havia lhe enviado, era quase certo que eles encontrariam o corpo de Mengele enterrado sob este nome, Wolfgang Gerhard.

Gil jogou a mochila de Samen no banco traseiro de uma perua. Estava escrito Polícia Federal nas portas laterais. Eles entraram no carro e saíram em velocidade.

Sentado atrás do volante, Gil virou-se para Samen:

— É seu chefe, o cara que tá duvidando da nossa investigação?

— Nós não temos nada contra a polícia brasileira, mas no Centro Rosenthal muita gente está a pensar que isso é outra fraude. Esta é a sexta notícia da morte de Mengele desde 46.

— Josef Mengele... — Gil falou rindo. — A primeira vez que eu ouvi este nome foi naquele filme...

— Os Meninos do Brasil?

— É. Eu pensei que ele era só um personagem de cinema.

— Tu nunca aprendeste sobre o Holocausto?

— Eu vejo filmes como todo mundo — disse Gil — mas você nunca pode saber o que é real ou não com esse pessoal de Hollywood, né?

Samen balançou a cabeça. Vivendo no Brasil, Mengele poderia muito bem ter usado sua verdadeira identidade nas ruas. Considerando que este membro da polícia federal, a seu lado, nunca tinha ouvido seu nome antes, quem se importaria em denunciar o Anjo da Morte?

Samen percebeu que eles estavam saindo da estrada e entrando na cidade. Ele virou-se para Gil:

— É muito longe?

— A gente ainda está na zona leste. Embu fica lá no lado oeste — disse Gil. — Mas hoje é dia

de Corpus Christi.

— É feriado?

— É. Você não viu como o trânsito tá bom?

* * *

Mesmo com o trânsito bom, demorou mais de uma hora para que eles chegassem no cemitério Nossa Senhora do Rosário, que era o que dizia a inscrição que Samen estava vendo na entrada. O lugar era pequeno e as ruas de Embu eram estreitas, mas agora davam lugar a gente do mundo todo. A mídia global estava acampada ao redor do cemitério.

Quando Samen saiu do carro, ele teve de cavar seu caminho através da multidão. Perto da cova aberta, ele encontrou seu colega do Centro Rosenthal, Patrick, e parou ao seu lado.

— Quais são as chances? — ele perguntou a Patrick.

Patrick continuou observando o coveiro que trabalhava sob centenas de cliques de máquinas fotográficas:

— Eu sou um cientista. Não posso dizer nada antes de ver as evidências.

— Se nós não estivéssemos lidando com nazistas, eu diria que o caso está encerrado.

Esse dia de Corpus Christi, 6 de junho, era apenas seis dias depois do começo das investigações em Günsburg, Alemanha. Aparentemente Hans Sedlmeier, o empregado aposentado das indústrias Mengele com quem a polícia alemã havia encontrado a carta de 1979 do Brasil, tinha sido o pombo correio dos Mengele por décadas.

Ele continuou:

— Eu li os depoimentos e vi suas fotos como um homem idoso: por enquanto tudo combina com os dados que temos.

— Mesmo assim o corpo de outra pessoa pode estar lá — disse Patrick, apontando para a cova.

Samen deu um passo à frente para ver melhor. O caixão estava praticamente descoberto. Pisando sobre ele, o coveiro continuou usando sua pá. Então, de repente, o caixão de madeira cedeu sob seu peso.

Samen ouviu Patrick murmurar:

— Quanta incompetência!

Quando o coveiro ergueu o que tinha sobrado da tampa do caixão, Samen notou que o falecido fora enterrado com os braços esticados ao lado do corpo.

Ele virou-se para Patrick:

— Você está vendo o mesmo que eu?

Patrick fez que sim com a cabeça:

— Ele está na posição de sentido.

Sendo um caçador de nazistas, Samen sabia que os membros da SS eram sempre enterrados na posição de sentido. Este era mais um indício de que isso não era uma fraude — ou era uma fraude muito boa.

Os fotógrafos ao lado de Samen começaram a se empurrar de modo a conseguir o melhor ângulo enquanto o coveiro pescava os ossos um a um e os entregava ao médico legista acima dele. Quando o médico pegou o crânio em suas mãos, ele o ergueu para as câmeras, posando como um ator canastrão interpretando Hamlet.

Gil puxou Samen pelo braço e disse:

— Meu chefe quer falar com você.

Ele seguiu Gil até a capela do cemitério. Havia vários policiais no seu interior, quase todos com armas na cintura. O mais alto deles parou Samen.

— Aonde você pensa que vai? — ele latiu, lançando um olhar desafiador.

Gil deu um passo para trás e encarou o colega:

— Ele está comigo.

— Você não devia trazer esse elemento aqui.

— Ele não é um... — Gil suspirou. — Ele é um convidado estrangeiro.

— Ah. — O policial afastou-se. — Desculpe.

Samen franziu a testa:

— O que ele quis dizer, me chamando de "elemento".

— É gíria de policial — disse Gil. — Quer dizer "suspeito" ou qualquer coisa assim.

Ele riu:

— Suspeito, é?

— Bom... — Gil o olhou dos pés à cabeça. — Dê uma olhada em si mesmo. Você não pode culpá-lo.

— Qual é o problema com a minha aparência? — Samen agarrou suas tranças com a mão direita.

— Eu sempre soube que no Brasil os negros eram sujeitos a humilhações; agora eu vejo que é verdade.

Gil fez um gesto de repúdio:

— Eu não sei do que você está falando.

Ele apresentou Samen a seu chefe, um homem trajando terno e desarmado. Ele disse que era Tadeu Summa, superintendente da Polícia Federal, o cabeça do caso Mengele.

Apertando sua mão, Summa perguntou:

— Como está o ceticismo de Ben Rosenthal?

— Essa é sua função — disse Samen. Ele sabia que seu chefe sempre sonhara em capturar Josef Mengele vivo. — Esse caso pode muito bem ser uma fraude bem sofisticada como foi o episódio dos diários de Hitler — ele acrescentou. — Mengele e seus seguidores certamente ficariam felizes se fizessem o mundo acreditar que ele está morto.

— Se essa for uma história armada — o chefe de Gil retrucou — quem a armou tem um cérebro de Agatha Christie.

* * *

Saindo do cemitério, Samen e Gil foram verificar o local onde Mengele supostamente vivera até sua morte. De acordo com várias testemunhas, o Anjo da Morte tinha vivido em São Paulo como um cidadão comum, um imigrante em situação regular e com endereço conhecido.

Gil dirigiu do Embu para São Paulo e entrou numa avenida larga e livre. Olhando para o velocímetro, Samen percebeu que Gil estava correndo a mais de 120 km por hora. Ele apertou seu cinto de segurança. O carro passou por várias torres de vidro, um parque com um obelisco e um aeroporto urbano. Então a avenida foi se estreitando e surgiram semáforos. Gil diminuiu a velocidade. A avenida os levou a um bairro construído à beira de uma represa. Samen percebeu que essa era uma vizinhança pobre, com casas mal-acabadas, jardins pequenos e muros quebrados.

— Estamos perto? — perguntou Samen.

— Estamos. Este é o endereço — disse Gil, entregando a Samen um pedaço de papel com o nome do bairro de Mengele, Eldorado Paulista, e seu endereço, Estrada do Alvarenga, 5555.

Observando uma placa de rua, Samen viu que eles já estavam descendo pela Estrada do Alvarenga. O número 5555 estava preso a um poste, de modo que todos podiam vê-lo. A casa em si estava num plano mais elevado que a rua e pintada num amarelo chamativo, como se pedisse para ser vista. Se Mengele passou mesmo seus últimos anos neste endereço, pensou Samen, era como se ele estivesse querendo zombar de seus caçadores. Enquanto a maior parte do mundo pensava que ele estava sob a proteção da guarda armada de um ditador, ele vivia uma vida comum, numa casa amarela, sem

segurança, em uma das cidades mais populosas do mundo.

Como agente de Israel, porém, Samen sabia mais que a maioria dos caçadores de nazistas. Sabia mais que seu chefe civil, de fachada, Ben Rosenthal. Leon e outros de seus superiores em Israel já tinham lhe passado esta informação há alguns anos. Mengele, eles sabiam, estava no Brasil desde a primeira metade dos anos 60, após sair da Argentina e passar pelo Paraguai. A caçada só não foi em frente, eles lhe disseram, por restrições políticas e diplomáticas. Por isso seus colegas nunca puderam chegar ao endereço exato, este em que ele agora estava.

Neste endereço, a calçada não passava de uma trilha lamacenta. O portão da frente estava enferrujado. Gil tocou a campainha. Uma mulher saiu da casa e desceu a escadaria. Gil lhe mostrou seu distintivo e explicou a situação. Ela disse que já sabia e os convidou a entrar.

Samen seguiu Gil e a mulher escada acima. Os novos proprietários eram obviamente pobres, já que o lugar estava mal conservado. Ele viu duas salas de estar, dois quartos, um banheiro e uma cozinha. Colchões no assoalho e sofás rasgados compunham a mobília. De uma das salas, dava para ver a represa.

Enquanto Samen e Gil examinavam a casa, a mulher disse:

— Eu não sei o que vocês querem ver. Nós nunca conhecemos esse homem de quem as pessoas estão falando. Isto é só uma casa.

Então ela apontou para a rua:

— Dona Marta conheceu o velho.

Gil virou-se para ela:

— Quem?

Ela continuou apontando para frente:

— Ela vive do outro lado da rua.

Eles atravessaram a rua. Gil tocou a campainha dessa vizinha. Quando ela atendeu a porta, ele lhe mostrou a foto do idoso Mengele.

Dona Marta fez que sim com a cabeça:

— Este é o seu Pedro, sim. Ele era nosso amigo; meu e do meu marido.

Samen perguntou:

— Tu nunca suspeitaste de sua real identidade, senhora?

Ela riu:

— Vocês estão perdendo seu tempo. Seu Pedro nunca poderia ser esse tal de Anjo de Morte, eu te garanto. Ele era um senhor muito fino que amava plantas e animais. Ele até construía brinquedos para nossos filhos.

— Em que ele trabalhava?

Ela deu de ombros:

— Eu não sei. Ele nunca reclamou de falta de dinheiro. Ele até emprestava para alguns amigos.

— Ele vivia sozinho? — perguntou Gil.

Ela deu uma gargalhada:

— Qual é? O seu Pedro era um homem bonito, charmoso.

Gil sorriu:

— Parece que você arrastava uma asinha por ele...

— Eu não era a única, te garanto. Quem não cairia por ele? Mas eu sou uma mulher casada — ela disse. — De qualquer modo, quem conseguiu agarrar ele foi a Betânia.

— Amiga sua?

Ela fez que sim com a cabeça:

— Ela vivia ali, numa chácara no final daquela estrada — ela disse, apontando para uma estrada de terra que começava 200 metros abaixo na Estrada do Alvarenga.

— E ela ficou sendo sua namorada?

— Ou esposa, amante... Eles não eram casados de papel passado.

— Tu ainda tens contato com ela? — perguntou Samen. — Eu gostaria de lhe fazer umas perguntas.

— Eu não sei... — Ela balançou a cabeça. — Ela não vive mais aqui. Eu acho que ela está trabalhando em Angra.

Samen franziu a testa:

— *Onde?*

— Angra dos Reis — disse Gil. — É uma cidade perto do Rio.

— Tu tens seu novo endereço? — perguntou Samen.

— Por que vocês não perguntam à mãe da Betânia? — ela disse, apontando para a mesma estrada de terra. — Ela, com certeza, sabe.

* * *

Como eles haviam sido informados na Estrada do Alvarenga, a mãe de Betânia vivia numa chácara ao final da estrada de terra. Samen e Gil não precisaram tocar a campainha, mesmo porque não havia nenhuma. A casa térrea de tijolos estava a cinquenta metros da entrada, protegida por uma cerca de madeira guardada por dois cães horrorosos. O latido desses cães era a campainha da propriedade.

Samen viu uma senhora mulata de meia idade sair da casa. Ele franziu a testa, repentinamente sentindo que estava seguindo a trilha errada. O Mengele que o Centro Rosenthal conhecia, o ideólogo da Higiene Racial, jamais dividiria sua casa com uma mestiça. Samen podia conceber Mengele *vivendo* em um país mestiço como o Brasil, mas nunca fazendo amor com uma mestiça.

A mulher tinha um andar vagaroso. Quando ela se aproximou da cerca, fez com que os cães parassem de latir. Ela parecia preocupada quando perguntou o que eles pretendiam.

— Não se preocupe, dona — disse Gil. — Nós somos da polícia. — Ele apontou para o carro da polícia estacionado atrás deles.

Ela deu uma olhada para o carro e perguntou:

— O que aconteceu?

— Nós sabemos que sua filha viveu com Mengele — disse Samen.

A mulher olhou com desconfiança para Samen, para suas tranças, e virou-se para Gil:

— Com *quem?*

— Seu Pedro — disse Gil.

— Ah... — Ela fez que sim com a cabeça.

— Nós gostaríamos de falar com Betânia, senhora — disse Samen. — Nós achamos que ela poderia nos dizer algo sobre seu Pedro.

— Ela não está aqui.

— Nós sabemos que ela está em Angra — disse Gil — mas nós não temos o endereço.

— Não tem endereço — ela retrucou. — Ela vive numa pequena ilha.

— Em qual?

— As pessoas a chamam de Ilha dos Negros Aço — ela disse. — Se você escreve assim na carta, ela chega até ela. Ela me disse que está trabalhando na casa de um gringo.

— Como o seu Pedro? — Samen perguntou, elevando o tom de voz.

Ela fez que não com a cabeça:

— A Betânia me disse que ele é americano. E é preto. O nome dele é Roy.

* * *

4. Falando de Negócios

Roy já tinha lido a revista *Time* que estava na sua mesinha de centro, mas ele não tinha associado o artigo sobre a ossada de Mengele à ilha onde estava, muito menos associado esse assunto a Betânia e ao Dr. Schultz. Ele ergueu os olhos e virou para Betânia, que ainda estava apontando para a revista com uma mão enquanto segurava a vassoura com a outra.

— Você disse *Mengele*? — ele perguntou, levantando a voz.

Roy, tal como o resto do mundo, sabia quem era Mengele. Embora ele nunca tivesse se interessado por essas histórias de Holocausto e caçada aos nazistas, achava algumas delas interessantes. Emocionantes, até. O problema, a seu ver, era que havia um desagradável toque de amargura judaica em todas elas, como se eles fossem a única raça perseguida na história da humanidade.

— É. — Betânia fez que sim com a cabeça. — Essa é a foto do meu homem. Eu até lembro de quando essa foto foi tirada — ela disse, apontando para a revista.

Roy focou seus olhos na revista:

— O que ele costumava dizer sobre o passado dele?

— Ele não era de falar muito. — Ela deu de ombros. — E eu não sou enxerida. Uma vez, quando um sobrinho dele, um tal de Rolf, veio fazer uma visita, ele me disse que tinha sido casado na Áustria.

— E ele não tinha guardado nada daquele tempo?

Ela olhou para o chão, pensativa. Depois ela disse:

— Eu lembro que ele tinha uma pistola chamada Mauser. Ele gostava muito dela.

— Por acaso ele não tinha um uniforme negro no armário? — ele perguntou, sorrindo.

Ela fez que não com a cabeça:

— Por que é que essas pessoas estão caçando ele, afinal?

— Você não sabe? — Roy franziu a testa. — Ele foi o médico nazista que...

De repente, ele pensou em algo que não pensara antes: Dr. Schultz tinha a idade, nacionalidade e *amizade* que o ligava a um passado nazista. E, é claro, isso explicaria tanto sua habilidade como cirurgião quanto sua droga de clareamento de pele, possivelmente uma criação do próprio Mengele.

— Que *o quê*? — ela disse.

— Que... — Sua mente estava divagando. Ele tinha tido a ideia de um negócio em que o doutor teria um papel central, e ele o estava pressionando para que aceitasse, mas agora... — Que fazia experiências com humanos — ele finalmente concluiu.

Ao dizer isso, Roy levantou-se e pegou a revista da mesa. Betânia ficou olhando para ele, franzindo a testa. Ele abriu a porta e saiu.

* * *

Quando Roy apareceu na clínica, ele viu que o Dr. Schultz atendia uma mulher idosa com grandes manchas de vitiligo na testa. A mulher lhe lançou um olhar furioso.

— Desculpe — disse Roy.

— Algum problema? — o doutor perguntou em inglês.

Roy ergueu a revista e apontou para a foto de Mengele na capa. O doutor levantou a mão, pedindo que aguardasse um minuto. Então ele sussurrou algo para sua paciente. A mulher caminhou para fora do consultório, ainda lhe dirigindo um olhar furioso.

Ao fechar a porta, Dr. Schultz suspirou:

— OK — ele disse. — O que é que a Betânia andou lhe dizendo?

Quando Roy chegou na ilha, há seis meses, Betânia era empregada do Dr. Schultz. Na verdade,

ela ainda era empregada do doutor: ela limpava sua casa & clínica três vezes por semana.

— O suficiente.

O doutor franziu a testa.

Como Roy viera correndo até a casa do doutor, ele ainda estava sem fôlego, respirando apenas pela boca:

— Ela me disse o suficiente para... — ele disse, antes de fazer uma pausa. — Quer dizer, foi o suficiente para que eu percebesse quem você realmente é.

O doutor sorriu:

— Quem você *pensa* que eu era: é isso que você quer dizer.

— Por quê? Você pode provar o contrário?

— É claro que posso! Quantos anos você acha que eu tenho?

Roy deu de ombros:

— Quase setenta.

— Qual é? Eu não pareço tão velho assim! Tenho cinquenta e nove.

Roy riu. Dr. Schultz tinha muito mais que 59 *rugos*, e envoltas por cabelos brancos.

— Então você tinha...

— Dezenove anos quando a guerra terminou. Na verdade, eu tinha dezoito quando Hitler se suicidou.

— E daí? Você poderia estar no exército.

— Eu *estava* no exército alemão. É claro que estava. Eu tinha de estar. Mas isso não quer dizer nada. Eu encontrei Mengele aqui porque nós tínhamos amigos em comum. E eu não soube sua verdadeira identidade até quando ele morreu. Para mim ele era um austríaco chamado Peter Hochbichlet, conhecido pela gente daqui como "seu Pedro".

Roy sorriu:

— Essa é uma boa história da carochinha, doutor. Agora só falta você me dizer que nunca suspeitou dele.

Dr. Schultz sorriu de volta:

— Por que é que *você* nunca suspeitou de mim antes?

— Por que deveria?

— Esta é a questão! Por que eu suspeitaria de meu bom amigo Peter?

Roy deu um suspiro e fechou os olhos. Ele tinha notado a ironia na voz do doutor.

Ele abriu seus olhos:

— Não foi isso o que eu quis dizer.

— Eu sei disso. — Dr. Schultz deu um passo na direção de Roy e pôs a mão em seu ombro. — O que você quis dizer foi: "eu sou um americano negro que está fugindo de seu passado e vivendo no Brasil".

Roy riu e balançou a cabeça. Esta era mesmo a questão. Seu pai tinha lutado contra os nazistas, mas Roy crescera numa comunidade negra que jamais lutaria pelo que agora era visto como uma causa predominantemente judaica. Seu crime, pensão alimentícia em atraso, não era um crime de guerra, embora ele pudesse ser caçado da mesma forma. E ele estava vivendo no Brasil, uma sociedade onde o perdão não era apenas parte de sua maneira de ser, mas um preceito.

O doutor olhou para o nariz de Roy. Ele ergueu seu queixo:

— Você está sangrando.

— Onde?

— Na narina esquerda.

— O que aconteceu?

— Você devia estar repousando.

Dr. Schultz então puxou a gaze de sua narina. Doe. Ele foi até o gabinete e voltou com gaze com tesoura.

Enquanto tratava do nariz de Roy, o doutor disse:

— Você falou com seus amigos de Nova York?

Com a boca fechada, Roy murmurou que não.

— Eu estive pensando sobre sua ideia para um negócio e... Bem, eu estou interessado.

Quando Roy estava terminando seu tratamento de clareamento de pele e pensando em fazer seu nariz, ele também estava pensando no potencial desse negócio. Quantos norte-americanos de pele escura não viajariam ao Brasil e pagariam por um tratamento cosmético como esse? Ele era simples e eficiente: com duas doses da droga do Dr. Schultz, um negro bem escuro podia se tornar um mulato claro. Permanentemente. Sem manutenção. Seria uma mina de ouro para o doutor e seu empresário. Era isso o que Roy tinha dito ao Dr. Schultz, que não tinha demonstrado interesse — até agora.

Roy afastou a mão do doutor de seu nariz:

— Você tem certeza? Quer dizer, se você é um...

— Criminoso procurado? — ele disse. — Acho que você deveria se preocupar com o *seu* problema com a lei, não o meu. Ninguém está me caçando.

Roy deu de ombros:

— De qualquer modo, eu não falei com meus amigos em Nova York porque eu pensei que você não queria, digamos, expandir seu negócio.

Dr. Schultz puxou uma cadeira e se sentou, de frente para a cama metálica onde Roy estava sentado:

— Mas estes seus amigos, eles estão dispostos a pagar por um tratamento de clareamento de pele?

— Eu não sei, doutor. Mas, de qualquer modo, eu tenho certeza que não vou ter problemas em encontrar clientes pra você. Principalmente mulheres. Conheço muitas mulheres negras que ficariam felizes em pagar por um tom mais claro de pele.

— Que tipo de cliente elas seriam?

Roy franziu a testa:

— Negras americanas, é claro.

— Eu me refiro a seu status social. Elas vivem naqueles cortiços que vocês têm em Nova York?

— Você já esteve nos Estados Unidos?

Ele balançou sua enrugada cabeça alemã:

— Eu assisto TV, eu sei como vocês negros americanos são.

— Então dê uma olhada nessa nova série, Miami Vice. Tem um tira negro com mais classe que o branco.

— Isso é fantasia.

Roy suspirou:

— Você está errado. Muitos deles estão ganhando muito dinheiro. Eles nos farão muito ricos.

— Rico? — Dr. Schultz riu. — Não é isso que eu quero.

* * *

5. A Amante

Um dia depois da exumação do corpo no cemitério em Embu, Samen deixou seu hotel em São Paulo para ir atrás de Betânia em Angra dos Reis. Gil veio buscá-lo na porta do hotel com sua perua preta e branca

da Polícia Federal.

Quando eles começaram a descida da serra do mar, Samen sentiu uma mudança na temperatura e na umidade. O ar frio do inverno estava ficando para trás. Ao chegar ao nível do mar, Samen tirou a única peça de agasalho que vestia, uma jaqueta de algodão. O inverno tinha definitivamente ficado no planalto.

Assim que entraram na pista simples da Rio-Santos, Gil ligou a sirene. Cinco minutos mais tarde, o ruído estava dando nos nervos de Samen.

— Isso é necessário? — Samen perguntou aos berros.

Gil parecia tão concentrado em sua pilotagem que não prestou atenção no que Samen disse. A perua da polícia uivava como um animal ferido. O barulho vinha do motor, das janelas escancaradas, do escapamento furado e, é claro, da sirene. A direção de Gil era bem agressiva, assim como a de outros na mesma estrada. Se havia um veículo à frente, ele tinha de ser ultrapassado. Ser ultrapassado por outro seria uma humilhação. A diferença a favor de Gil era a sirene.

Depois de examinar todo o painel, Samen encontrou a chave e desligou a sirene.

Ele olhou para Gil. Gil não disse nada; apenas olhou para o espelho esquerdo e, numa manobra arriscada, tentou ultrapassar o ônibus que estava bem à frente. Ele não viu o carro que vinha na direção oposta e quase colidiu de frente, abortando a manobra no último segundo.

Samen deu um assobio, sentindo como se seu coração estivesse na garganta.

— Quanto tempo mais tu pretendes viver?

— Relaxa — disse Gil. — Você quer interrogar a amante do homem ou não?

— Quero, mas não precisa ser já.

— Nós ainda estamos a quatro horas de Angra.

— Vamos fazer em cinco, OK?

Gil diminuiu. Era óbvio que ele tinha ficado tão abalado quanto Samen.

Samen tentou relaxar e aproveitar a paisagem. A estrada por onde eles seguiam acompanhava a costa. De tempos em tempos, eles chegavam mais perto da praia. Para Samen, as partes mais bonitas da estrada eram os trechos montanhosos de onde ele podia vislumbrar segmentos inteiros da costa. Além disso, eram nestes locais que a vegetação era mais densa, escura, melhor preservada.

— É diferente no seu país? — perguntou Gil, apontando para as praias lá embaixo.

— Que país?

— Aquele que você chama de lar.

— Eu nunca chamei nenhum deles de lar.

Lar, pensou Samen, não era uma maneira apropriada de chamar seu país adotivo, Israel. Sem falar na sua nativa Etiópia.

Gil franziu a testa.

Samen então disse:

— Tu já foste rejeitado?

— Por mulheres?

— Por vizinhos. — Samen suspirou. — Como é que tu te sentes quando teus vizinhos te odeiam, querem te expulsar?

— É por isso que você não tem um país?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Por que você não fode com eles? — disse Gil.

— Tu não sabes do que estás a falar — Samen retrucou. — Tu não sabes como és um homem de sorte.

Gil era um homem de sorte, e agora Samen estava certo de que Mengele fora ainda mais sortudo. Os novos vizinhos de Mengele não apenas não sabiam quem ele tinha sido, eles o *amavam*. Na mesma época em que Samen estava fugindo de uma sociedade onde nativos fisicamente semelhantes se odiavam

por causa de uma diferença cultural, Mengele estava vivendo numa cultura onde o diferente é geralmente o melhor, o mais atraente. Devido à sua altura, aparência e sotaque, o desgraçado deve ter sido tratado como um príncipe no Brasil. A "sortuda" que tinha conseguido agarrar esse velho criminoso de guerra devia ser a mais bonita do lugar.

Agora, seis anos após a morte de seu homem, Betânia já devia ter perdido sua juventude e beleza. Samen não dava a mínima, de qualquer modo. No que lhe dizia respeito, a única coisa que precisava estar tão boa quanto seis anos antes era sua memória.

Assim que ele e Gil chegaram em Angra do Reis, eles pararam defronte a uma padaria. No balcão, Gil pediu um misto quente e Samen perguntou sobre a Ilha dos Negros Aço.

Atrás da caixa registradora, um robusto homem de meia idade que devia ser o dono levantou sua voz para dizer:

— Você nunca irá encontrá-la sozinho.

— Eu não preciso encontrá-la sozinho — Samen retrucou — se eu contratar alguém para me levar até lá.

O homem olhou para o relógio:

— A esta hora?

Samen deu uma olhada no relógio na parede. Eram quatro da tarde. Não faltava muito para escurecer nesta época do ano.

— Assim que possível.

— Há um pescador que vive nessa ilha — o homem disse. — Seu nome é Jacinto. Ele ainda deve estar por aqui vendendo seu peixe.

O dono da padaria desenhou um mapa mostrando onde eles poderiam encontrar Jacinto. Com Gil na direção, eles chegaram ao local em cinco minutos.

Era um mercado de peixe informal na calçada perto do ancoradouro. Os pescadores punham seu produto sobre caixas de madeira, esperando pelos fregueses. Samen encontrou Jacinto atrás de uma destas caixas, sentado em outra.

Ele ficou de pé quando Samen e Gil se aproximaram. Ele não devia ser velho, mas seu rosto estava tão rachado quanto lama seca.

— Jacinto? — perguntou Gil.

O pescador o cumprimentou tocando seu chapéu de palha:

— Senhor?

Gil mostrou seu distintivo de policial federal:

— Nós precisamos de uma carona até sua ilha.

Jacinto fez que sim com a cabeça e olhou para seu estoque de peixe. Era óbvio que ele não tinha gostado da ideia.

— É longe? — perguntou Samen.

Ele deu de ombros:

— Menos de uma hora com meu barco.

Samen apontou para os peixes:

— Quanto?

— Qual deles?

— Todos.

Jacinto disse seu preço. Eram dezenas de milhares na moeda inflacionada do Brasil, mas Samen calculou em pouco mais de dez dólares.

Samen lhe deu o dinheiro e perguntou:

— E pela viagem?

A bordo da barulhenta lancha do pescador, eles levaram pouco mais de meia hora para chegar à ilha. O sol estava se pondo na baía de Angra, fazendo com que as diversas ilhas à frente da costa escarpada ficassem em destaque. Se havia outros criminosos de guerra vivendo em alguma destas ilhas, pensou Samen, eles eram ainda mais sortudos que Mengele.

— Quantas ilhas existem aqui? — Samen perguntou a Jacinto.

Ele pigarreou:

— Trezentas e sessenta e cinco, senhor.

Samen continuou observando a bela baía. Seria mesmo difícil tropeçar em um fugitivo por aqui.

— E duas mil praias — o pescador acrescentou.

Enquanto prendia seu barco ao pequeno ancoradouro, Jacinto perguntou:

— Vocês estão vindo pra ver o doutor?

— Não — disse Samen. — Que doutor?

— As pessoas vêm aqui pra se tratar com ele; gente com essa doença da mancha branca.

— Nós estamos procurando por Betânia. Tu conheces?

— É claro — ele disse, explicando onde eles poderiam achá-la. Numa ilha tão pequena, eles não precisariam de um mapa para achar seu endereço.

Deixando o ancoradouro, Samen e Gil caminharam até a casa de Betânia. Samen olhou para a rua à sua frente, um caminho de terra com valas em ambos os lados. As poucas casas da rua eram feitas de tijolos e telhas francesas, com pouco ou nenhum acabamento. O resto da ilha — que não era nada mais que uma colina rasa saindo da água — estava coberto por uma densa vegetação tropical.

Cutucando seu braço, Gil disse:

— Dá uma olhada nessas crianças.

Samen virou-se para a casa ao lado e franziu a testa. Era algo estranho: dois negros albinos brincando juntos.

— Gêmeos? — perguntou Gil.

— Um é mais velho que o outro — retrucou Samen, balançando a cabeça. — O que é que está a acontecer aqui?

— Esse é o apelido que deram a essa ilha, não é?

— É mas...deve haver uma razão.

Gil apenas deu de ombros.

— Fico imaginando se vocês brasileiros estão a tratar seus negros albinos como leprosos, confinando todos eles numa ilha.

— Qual é? Não há nada de errado com os nossos negros-aços.

Samen apontou para uma casa bem cuidada no lado esquerdo da rua:

— Acho que é esta aí.

Não havia cerca nem campainha. Samen parou em frente à porta e bateu palmas.

Uma mulata clara abriu a porta. Devia ser Betânia. Ela aparentava ter a idade certa. Samen se apresentou como um investigador estrangeiro que escrevia um relatório sobre a vida de Mengele no Brasil. Ela os convidou a entrar.

Sentando no sofá, Samen notou que as revistas sobre a mesa de centro eram todas americanas. Ele pegou uma delas e começou a folhear.

— O dono da casa é americano? — ele perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ele conheceu seu amante? Digo, Mengele foi seu amante, não?

Ela o encarou:

— Quem te disse isso?

— Qual é? — disse Gil. — Vamos pular essa parte. Todo mundo sabe que você foi sua namorada, amante ou o que quer que seja.

Ela deu de ombros:

— Eu fiz alguma coisa errada?

— Não, de jeito nenhum — disse Samen. — Nós só queremos determinar algumas coisas sobre a vida de Mengele no Brasil, suas amizades...

— Em primeiro lugar, seu nome era *Pedro* — ela disse, erguendo seu dedo para Samen. — Eu sei ler. Todas as contas que vinham pra ele tinham esse nome.

— Que era...?

— Pedro Stammer.

Samen tentou não rir. Os investigadores já tinham descoberto que Stammer era o nome da família húngara que tinha dado abrigo a Mengele em 1961. O Anjo da Morte fora apresentado a eles por Wolfgang Gerhard, o verdadeiro, o simpatizante nazista que o trouxera furtivamente ao Brasil.

— De qualquer modo — ela continuou — primeiro ele me contratou como empregada pra, você sabe, cuidar da casa e fazer comida. Mas aí... — Ela deu uma risadinha.

Samen olhou em seus olhos:

— Que tipo de relacionamento vocês tinham?

Ela o encarou:

— Ele não era impotente, se é isso que você quer saber.

Samen balançou a cabeça. Isso simplesmente não fazia sentido. Esses brasileiros continuavam negando tudo o que ele havia aprendido sobre o Anjo da Morte. Como é que alguém como Mengele poderia adotar um estilo de vida assim, sem preconceitos? Como é que ele podia viver em meio a essa mistura de raças e ainda ter prazer com isso?

— Vocês tiveram filhos?

Ela fez que não com a cabeça.

Pelos menos este dado, pensou Samen, não negava a natureza de Mengele. Misturar seus genes arianos com os de uma mestiça como Betânia iria contra os fundamentos de suas teorias raciais higienistas.

— Ele te fez abortar?

Ela fez uma expressão de repúdio:

— Não, pelo amor de Deus!

Gil perguntou:

— De onde vinha o dinheiro dele?

— Pedro nunca teve problemas de dinheiro. Ele até emprestava pra algumas pessoas. Mais como caridade, mesmo.

— Onde ele guardava o dinheiro? — disse Samen.

Ela ficou pensando, olhando para o chão, e então disse:

— Ele nunca me levou junto com ele quando ia ao banco. Eu só sei que ele pegava o ônibus que ia pro Vale do Anhangabaú.

— E sobre os outros amigos do seu Pedro? — perguntou Gil. — Dá pra você fazer uma lista pra nós?

Ela começou a dar os nomes, mas de um modo tão titubeante que Samen achou que ela estava escondendo algo. Todos os nomes que ela disse eram de vizinhos ou gente que a polícia já tinha interrogado.

Anotando os nomes, Samen perguntou:

— Mais alguém?

Ela fez que não com a cabeça.

— Mas como é que tu vieste parar nesta ilha? Tu já tinhas estado aqui com Pedro?

— Ummm, não. — Ela engoliu em seco. — Eu só vim pra cá quando eu fui contratada pelo Roy, seis meses atrás.

— Foi contratada, como?

— Mas o que é que isso tem a ver com o Pedro? — Ela parecia irritada. — Isso aconteceu *seis anos* depois de sua morte.

— Eu só quero saber se foi através de um amigo em comum.

— O Roy só me contratou. Foi só isso. — Ela parecia ainda mais irritada. — Ele nunca conheceu meu marido, nem nenhum de seus amigos.

Samen levantou-se do sofá. Ele tinha certeza de que ela estava escondendo algo, talvez algo relacionado com a verdadeira natureza de sua profissão. Para Samen, Betânia provavelmente era — ou tinha sido, quando tinha um corpo melhor, mais jovem — mais do que apenas uma empregada doméstica: seu trabalho seria confortar fugitivos exilados em seus momentos de solidão, por assim dizer.

Estava escuro quando eles saíram da casa. O céu estava cheio de estrelas e o ar cheio de mosquitos. Samen esperava que o pescador ainda estivesse esperando por eles no ancoradouro, como tinha prometido.

* * *

6. O Homem de Negócios

Estava escuro quando Roy caminhou de volta para casa. As ruas da ilha não tinham iluminação artificial, mas a lua estava bem brilhante esta noite. O tradicional ruído de fundo produzido pela fauna era abafado por uma festa adolescente mais abaixo na rua.

Roy entrou em casa sentindo-se melhor do que quando saíra durante a tarde. Era uma sensação de euforia, pois enquanto o negócio com a cirurgia cosmética do doutor estava prestes a torná-los ricos, a Interpol estava ocupada demais para caçar dois transgressores de pouca importância como eles. Quem se importaria em procurar por um ex-marido que não pagava pensão e um ex-nazista que ainda era um adolescente quando a Alemanha foi derrotada? Não, nada iria dar errado.

Ele sentou no sofá e lá ficou, visualizando mentalmente os passos que ele teria de dar a fim de concretizar seu negócio. Ele não tinha notado que Betânia estava na sala olhando para ele. Quando ele prestou atenção, ela dizia:

— Eu não gosto de gente que tem ódio nos olhos.

Roy franziu a testa. De quem é que ela estava falando, afinal?

Ela continuou:

— O cara chega aqui e já vem fazendo essas perguntas indiscretas sobre o Pedro e eu. E ainda por cima ele tinha um cabelo, assim...

— Desculpe, Betânia, mas de quem você está falando?

— Ele me disse que seu nome é Samen. Ele é um policial estrangeiro ou coisa assim.

Roy engoliu em seco. Ele sentiu como se o sangue tivesse abandonado seu rosto:

— Ele esteve *aqui*?

— Foi o que eu disse. Ele acabou de sair. O Jacinto tá levando ele de volta pro continente.

— Ele já foi? Mas ele não estava procurando por mim?

— Te procurando? — ela disse, franzindo a testa. — Não, ele veio aqui pra falar sobre meu falecido marido, que Deus o tenha.

Ele sorriu, meio sem jeito:

— É claro. Desculpe.

Por um momento ele imaginou ser o alvo de uma caçada internacional.

— Eu não gosto de gente como esse detetive, esse tal de Samen — ela continuou.

— Por causa do "ódio nos olhos"?

Ela fez que sim com a cabeça:

— Mas eu não falei pra ele tudo o que sei sobre os amigos do Pedro.

— O que é que ele sabe sobre o Dr. Schultz?

Ela deu de ombros:

— Se ele soubesse de alguma coisa, ele estaria na casa do doutor agora.

Roy concordou balançando a cabeça. Mas se esse detetive tinha algo a ver com uma dessas organizações judaicas que caçam nazistas, ele pensou, ele provavelmente não sairia do país até encontrar todos os que ajudaram e foram ajudados pelo Mengele.

— Mas o que é que você estava falando sobre o cabelo desse cara? Por acaso ele tinha uns caracóis, assim, em volta das orelhas? — Roy perguntou, fazendo um gesto com os dedos ao lado de suas orelhas. Ele imaginava se esse investigador seria um daqueles judeus ortodoxos que ele costumava ver em Nova York.

— Não. — Betânia sacudiu a cabeça. — Rastafári. Como um cantor de reggae.

Ele soltou uma gargalhada:

— Um *negro*?

— E *bem* preto mesmo — ela disse. — O policial brasileiro que estava com ele me disse que ele é da África.

— Da *África*? — Roy perguntou, espantado. Por que um detetive *africano* estaria batalhando para encontrar velhinhos nazistas no Brasil? Isso não podia ser sério. Dr. Schultz estava seguro. Sua parceria comercial estava segura.

* * *

Pela manhã, Roy navegou com Jacinto até o continente. Jacinto não pôde acrescentar nada ao que Betânia lhe dissera sobre os dois investigadores. De qualquer modo, ele lhe garantiu que ambos haviam partido de Angra dos Reis na última noite. Roy não precisava roer suas unhas por causa deles.

Ele desceu do barco do Jacinto no Cais de Santa Luzia, centro de Angra, e caminhou até o posto da companhia telefônica. No balcão, comprou as fichas telefônicas e entrou em uma das cabines.

Ele discou o número de sua irmã em Nova York. Rita era o único parente com quem ele mantinha contato desde sua mudança para o Brasil.

Uma voz feminina respondeu:

— R e R Turismo. Em que posso ajudá-lo?

Era a voz de Rita. Roy percebeu que ela ainda não tinha contratado uma assistente para a agência de turismo R&R, das iniciais de Rita e seu marido Roger, o coproprietário.

— Olá, maninha! — disse Roy.

O diálogo começou com as informações rotineiras sobre parentes e negócios, sua saúde física e financeira. Tudo e todos estavam na corda bamba. Nada de novo, portanto. Roy não tinha o hábito de perguntar sobre sua ex-esposa, mas desta vez era diferente.

— Você tem ouvido algo sobre ela? — ele perguntou.

— Não. — Rita suspirou. — Sondra continua com o mesmo cara, eu acho.

Então Sondra não precisava de seu dinheiro, ele pensou; o juiz era o único que não conseguiam ver isso. De acordo com Rita o novo namorado de Sondra era um traficante de drogas. Talvez, com um pouco de sorte, ele seria também um espancador de mulheres.

— Deixe-me refazer a pergunta — ele disse. — Você soube de algo sobre ela através da justiça?

Rita suspirou profundamente antes de dizer:

— Quantas vezes eu preciso repetir, Roy?

— Repetir o quê?

— Você pode fazer o que quiser, viver onde quiser, mas não fantasie ser um fugitivo. Isso não é bom pra você.

— Agora você está falando como aquele psiquiatra...

— Porque ele está certo.

Roy riu:

— Você não sabe nem de metade da história, Rita.

Esse psiquiatra, Dr. Brown, ainda estava iludindo sua irmã. Mas não Roy, não mais. Roy tinha descoberto que Dr. Brown e Sondra eram parceiros na trama. Ele convencera Roy de que ele estava vivendo fechado em uma concha e que devia livrar-se dela casando com Sondra, uma mulher que sempre tivera uma quedinha por ele. Com esse psiquiatra pressionando, ele agiu como um perfeito idiota comprando anel, flores e propondo casamento a ela. Quão estúpido ele foi! Mas agora, nem Sondra nem esse psiquiatra veriam um centavo de seu dinheiro—especialmente o dinheiro que ele e o Dr. Schultz estavam prestes a ganhar.

— Tudo bem, Roy. — Rita suspirou de novo. — Bem, o que você tem feito aí no Brasil?

— Falado português.

Ela riu.

Ele continuou:

— Não, sério, eu tenho trabalhado num grande projeto. Era sobre isso que eu queria lhe falar.

Ele descreveu seus planos para Rita: o clareamento de pele, a plástica opcional nos lábios e nariz, e os clientes americanos que viriam à Angra através de sua agência de turismo.

Rita demorou algum tempo para responder:

— Eu não sei, Roy. Eu não acho que isso seja legal. Nós poderíamos ser processados.

— No *Brasil*?

— Por que não?

— Acredite, isso não acontecerá.

— E, hã, você fez isso em si mesmo?

— Você não vai me reconhecer, Rita.

— Minha nossa! — ela murmurou.

— Eu fiquei bonito. O Dr. Schultz é um ótimo cirurgião.

Ela não respondeu.

— De qualquer modo — ele disse —, eu lhe perguntei sobre Sondra porque eu estou indo pra Nova York.

— Você vem mesmo? — Ela parecia entusiasmada.

— É, e eu não quero ser algemado quando chegar no aeroporto.

Rita suspirou:

— Não se preocupe, Roy. Isso não vai acontecer.

Havia outro meio de saber se ele estava sendo caçado por Sondra e pela justiça americana: indo ao consulado no Rio. Sua ideia era pedir um novo passaporte—que teria uma foto com seu novo rosto—e observar a reação dos burocratas. Eles não tinham autoridade para prendê-lo no Brasil, de qualquer modo.

— OK, maninha. Eu preciso cuidar dos meus negócios agora. Eu te chamo de novo quando estiver de partida.

7. Mudança de Planos

Na manhã do dia 21 de junho, quinze dias após a exumação, Samen estava na sala do Dr. Summa no edifício da Polícia Federal, centro de São Paulo.

Cercado por investigadores e especialistas do mundo todo, o chefe de Gil pigarreou e disse em voz alta:

— Se algum de vocês tem dúvidas sobre este relatório, — ele disse, pondo sua mão direita no documento sobre a mesa — diga agora. Depois de sua divulgação, todos vocês estarão eticamente impedidos de discordar.

A sala ficou em silêncio. O Dr. Summa olhou em volta, provavelmente esperando por uma voz em desacordo. Samen não seria essa voz, já que seu colega Patrick também estava convencido de que os restos mortais eram de Mengele.

O legista brasileiro pegou o crânio que estava sobre o tampo de vidro na mesa à sua frente e o entregou ao Dr. Summa. Ele o segurou por alguns instantes e passou adiante. Assim como ocorrera no cemitério, os repórteres e fotógrafos ao lado de Samen começaram a empurrar e subir na mesa e nas cadeiras na tentativa de conseguir o melhor ângulo.

Os especialistas na sala, inclusive o do Centro Rosenthal, Patrick, assinaram o documento na mesa em frente a Samen. Samen já tinha lido este documento; ele dizia que os restos mortais não poderiam ser de Wolfgang Gerhard e que, do ponto de vista científico, eles pertenciam a Josef Mengele.

O caso estava encerrado.

Gil levou Samen de volta ao hotel. Depois do almoço, ele cochilou e começou a trabalhar em seu relatório para o Centro Rosenthal.

À noite ele ligou a TV e viu um homem de cabelos grisalhos anunciando as manchetes do dia. Era o telejornal das oito que, segundo Gil, conseguia mais de 50 % da audiência nacional. Não era de admirar, pensou Samen, que os brasileiros tomassem o que era dito neste jornal como uma espécie de revelação divina. Nesse exato momento, a Verdade Revelada era que os restos mortais de Mengele eram os restos mortais de Mengele.

Samen não tinha como contradizer a Palavra Divina das Oito. Enquanto ouvia a TV, ele continuou a trabalhar em seu relatório. Ele seria depois datilografado nos escritórios do Centro Rosenthal em Nova York, apenas para confirmar o que seus chefes mais temiam: que Mengele havia morrido sem ter sido punido. Pior, ele tivera uma aposentadoria bem agradável nos trópicos.

Esse relatório também confirmaria que Samen falhara em sua tentativa de encontrar outros criminosos ainda vivendo no Brasil depois da morte de Mengele. Mas ele poderia escrever esta parte mais tarde.

Deixando o papel e a caneta de lado, ele ligou para a missão israelense na ONU em Nova York e perguntou por Leon. Assim que Leon atendeu, ele pôs o fone no gancho.

Dois minutos depois ele recebeu a ligação de retorno.

Na manhã seguinte, quando Gil chegou ao hotel para levá-lo ao aeroporto, Samen comunicou a mudança nos planos.

— Eu vou ficar — ele disse a Gil pelo interfone do hotel. Ele permanecia em seu quarto enquanto Gil o chamava do saguão de entrada.

Gil parecia confuso:

— Mas me disseram que...

— O legista terminou o trabalho, — disse Samen — eu não.

Depois de alguns segundos, Gil disse:

— Eu não sei se vou poder continuar te acompanhando; tenho de perguntar ao meu chefe.

— Tu não precisas alterar teus planos porque eu alterei os meus. Daqui em diante eu posso fazer tudo por mim mesmo.

No mesmo instante Samen se arrependeu de ter dito isso. Ele não queria fazer com que Gil suspeitasse dele.

Não demorou um segundo para Gil perguntar:

— Por quê? Você soube de algo mais? Porque se você soube, você sabe que precisa nos informar.

— Não, não há nada de novo, Gil. Eu recebi ordens de fazer o mesmo que fiz com aquela mulher, Betânia. Vou permanecer para fazer perguntas a outras pessoas que tiveram contato com o homem.

— Boa sorte, então — Gil disse antes de desligar o interfone.

Era isso o que Samen tinha de fazer, sim. A diferença é que desta vez ele iria fazê-lo pelos israelenses. De acordo com Leon, um homem negro como ele, vestido como ele se vestia, jamais iria levantar suspeitas em um nazista com medo de ser descoberto por agentes de Israel. O que Leon não havia considerado, Samen pensou, era que o racismo dos nazistas poderia ser um obstáculo maior que seu medo dos israelenses.

Depois de colocar o fone no gancho, Samen foi à janela. Olhando para a rua, viu Gil entrando na perua da polícia e partindo rua acima.

Ele vestiu-se e deixou o quarto. Chegando ao saguão do hotel, notou que as mesmas prostitutas que ele vira nos outros dias estavam na sala. Embora ele algumas vezes recorresse a esse tipo de serviço profissional, estas mulheres não o deixavam nem um pouco excitado. Elas podiam ser mais jovens e saudáveis do que algumas que ele tinha visto em outros hotéis pelo mundo, mas ainda assim elas lhe pareciam muito produzidas. Num país como esse, ele pensou, todas as garotas deviam mostrar-se deliciosamente ao natural. Descalças, se possível.

Coerente com o visual das prostitutas, a rua onde o hotel estava tinha um ar de metrópole decadente. Era estreita, com ônibus elétricos caindo aos pedaços que subiam e desciam. Suas diversas lojas eram todas pequenas e feias, mas os seus hotéis — como este em que ele estava hospedado — eram surpreendentemente bons. Um estranho contraste numa área central.

Ele tomou um táxi, um fusca sem o banco do passageiro. O barulhento besouro o levou a uma rua muito mais larga dez quilômetros adiante. Uma avenida, na verdade; a avenida onde o consulado israelense estava localizado.

Havia belas torres de vidro nessa avenida. Nada muito diferente de outros endereços privilegiados pelo mundo. Ele conferiu o número do edifício antes de entrar. O segurança da entrada sorriu e lhe deu um crachá de visitante para que ele pegasse o elevador.

No andar do consulado, porém, a segurança foi bem menos cordial. O homem corpulento que bloqueava a entrada o mediu da cabeça aos pés antes de perguntar:

— O que você quer? Aqui só tem o consulado de Israel.

— Eu sei onde estou — disse Samen. — Eu vim receber o pacote enviado por Leon.

O grandalhão engoliu em seco.

— Você quer entrar?

Samen fez que não com a cabeça.

— Apenas me dê o pacote, por favor.

O homem entrou, deixando a porta aberta. Samen pôde ver enquanto ele falava com outro homem atrás de uma mesa. O homem atrás da mesa lhe entregou um envelope e deu uma olhada na direção de Samen. O grandalhão voltou com o envelope.

Samen agradeceu e andou de volta ao elevador que estava aberto e vazio. Ele estava com vontade de abrir o envelope, mas, olhando para o teto, percebeu que havia uma câmera.

Caminhando pela avenida, avistou um shopping center e entrou nele. Agora que teria de permanecer mais alguns dias no Brasil, ele precisava de mais roupas do que as que trouxera em sua mochila.

* * *

Durante a tarde, de volta ao hotel, Samen viu apenas uma garota fazendo ponto no saguão de entrada. Ela era um tanto diferente das outras. Parecia bem jovem e não usava nenhuma maquiagem, a não ser pelo batom vermelho.

Ele parou na sua frente e sorriu.

— Sabe, eu acho que tu não devias usar batom,...

— Marina — ela disse. Sua voz fez com que ela lhe parecesse ainda mais jovem. Ela tirou um lenço da bolsa, limpando seus lábios com ele. Então ela perguntou:

— Qual o seu nome?

— Bob.

Ela sorriu mostrando os dentes:

— Sabe, eu adoro reggae. Você é cantor? Toca algum instrumento...?

— Bateria — ele disse. — Quer ver minha performance?

— Claro!

Ela levantou-se e seguiu Samen até o quarto.

* * *

Depois que a garota deixou seu quarto, Samen foi à janela. Já estava escuro na cidade, o que escondia sua feiura e mostrava sua vitalidade. Era como se houvesse uma vasta e luminosa teia circundando o hotel. De repente, ele sentiu que poderia viver aqui. Assim como Mengele, ele poderia facilmente se esconder aqui.

Ele tomou uma ducha, ligou a TV e pegou o interfone a fim de pedir o jantar. Só então ele abriu o envelope.

Havia apenas duas folhas de papel dentro dele. Elas obviamente tinham sido impressas numa daquelas máquinas de fac-símile que eles tinham no consulado. A qualidade do papel era diferente, encerada. Uma das folhas mostrava uma foto; a outra, um mapa desenhado a mão.

A qualidade da foto, ao menos nesta cópia, era muito ruim. Mas Samen podia ver a torre que ele já tinha visto antes, em outras fotos—era uma torre de observação como as que os nazistas tinham erguido em Auschwitz. Esta torre, no entanto, não estava em Auschwitz: ela era rodeada por uma plantação de café.

O mapa na outra folha de papel o mostrava como chegar a essa plantação de café. Era em uma cadeia de montanhas não muito distante de São Paulo, entre duas cidades chamadas Serra Negra e Lindóia.

* * *

8. A Torre

Com um carro alugado, Samen levou menos de quatro horas para chegar à cidade de Serra Negra. Era quase meio dia. Ele sentia o sol aquecer sua pele enquanto o vento frio a resfriava. Por sorte, tinha comprado uma jaqueta mais quente no shopping.

Serra Negra obviamente dependia do turismo, ele pensou. Havia muitos hotéis à sua volta nessa área central, alguns deles bem luxuosos. A cidade em si, porém, lhe parecia humilde e sonolenta.

Ele estacionou o carro em frente a um hotel e entrou nele. Após escolher uma mesa no canto mais vazio do restaurante, ele pediu o almoço. Tirando as duas folhas de papel do bolso, ele as abriu sobre a mesa.

O que Leon pretendia dizer com essa foto da torre de observação?, ele pensou. Se foi Mengele quem a construiu aqui em Serra Negra, qual tinha sido seu propósito? Talvez a inteligência de Israel não soubesse as respostas e estivesse tão curiosa quanto ele. Talvez eles pensassem que essa torre ainda tinha nazistas escondidos sob sua sombra.

Seguindo as indicações no mapa de Leon, Samen dirigiu sete quilômetros pela estrada ligando Serra Negra a Lindóia e então entrou numa estreita trilha de terra à direita. Não havia placas, mas ele continuou por mais um quilômetro, conforme indicado no mapa. A plantação de café apareceu à sua frente, atrás de uma cerca. A torre que copiava as de Auschwitz também não estava longe da cerca.

Samen viu alguém na torre. Quem quer que fosse, estava observando Samen e desceu. Samen estava desarmado, confiante na palavra de Leon de que ele pareceria inofensivo a qualquer nazista. De qualquer modo, o homem que veio caminhando até o portão não parecia ser alemão. Na verdade, Samen via um típico camponês nativo à sua frente.

— Procurando por alguém, senhor?

— Eu não queria perturbar — disse Samen — mas eu trabalho para o departamento de arquitetura, e eles querem saber mais sobre a construção desta torre — ele acrescentou, gesticulando em direção à torre.

O camponês franziu a testa:

— Senhor?

— Há alguém que sabe quem a projetou?

O camponês continuou franzindo a testa, olhando para ele como se não estivesse entendendo nada.

— Quem é o encarregado desse lugar?

— Você quer falar com o Valmiro?

— É — Samen concordou com a cabeça. — Eu acho que sim.

O camponês abriu o portão e apontou para a principal casa da propriedade. Samen entrou no carro e dirigiu até lá. Se a torre tinha sido projetada para proteger o lugar, ele pensou, ela certamente não tinha mais essa função. Não havia nada de mais a ser protegido. Talvez o formato da torre fosse apenas uma coincidência; talvez algum projetista local tivesse visto uma foto de Auschwitz e decidido fazer algo semelhante.

Dentro da casa ele encontrou Valmiro. Valmiro apresentou-se como o administrador do lugar.

— Há quanto tempo tu trabalhas aqui? — Samen perguntou.

— Desde os anos 60 — ele disse. Sua voz era rouca; seu cabelo, grisalho.

Samen contou-lhe a história sobre ser do departamento de arquitetura e foi direto ao ponto:

— Tu sabes quem projetou aquela torre de observação perto da entrada?

Valmiro fez que sim com a cabeça:

— Foi um homem chamado Peter. Ele vivia aqui quando a torre foi construída em 63.

— Ele era estrangeiro?

— Era, sim. Da Europa, eu acho.

Devia ser o próprio Mengele, pensou Samen. O problema era que, sendo alguém interessado apenas em arquitetura, não ficaria bem pedir a Valmiro que lhe desse uma descrição física de Peter.

— Entendo...E ele era o proprietário?

Valmiro riu:

— Aqui entre nós, era isso que eu achava também. Peter vivia dando ordens pro seu Gezza, o proprietário.

Gezza?, Samen pensou. *Mas é claro!* De acordo com o que a polícia já tinha investigado, Mengele tinha sido hóspede de Gitta e Gezza Stammer por mais de uma década.

Samen fez que sim com a cabeça:

— Eu vou falar com ele, então. Tu sabes onde ele está?

Valmiro sacudiu a cabeça:

— Eu nunca mais soube do seu Peter. Mas, considerando sua idade, ele já deve ter morrido.

— É uma pena. — Samen suspirou. — Tu te lembras de mais alguma coisa sobre a construção da torre? Se o Peter copiou algum desenho ou fotografia, se ele tinha amigos que o ajudaram..

— Ele tinha alguns amigos, sim. Ao menos uma vez por mês eles vinham aqui e falavam com ele naquela língua deles. Seu Peter tinha muito orgulho da torre; ele sempre levava seus amigos até ela.

— Tu ainda conheces algum deles?

— Eu não sei nada sobre eles, me desculpe. O sítio tem um novo proprietário. Eu nunca mais vi os antigos donos — disse Valmiro. — Eu acho que você devia falar com o pedreiro que ergueu a torre. Seu nome é Ferdinando.

* * *

Samen encontrou Ferdinando em Serra Negra. Ele não era mais um pedreiro. Agora ele tinha uma clínica na cidade, uma clínica onde eles supostamente curavam reumatismo com rezas e plantas. Samen teve de esperar enquanto ele terminava uma de suas sessões de cura.

Quando ele pôde recebê-lo, Samen repetiu a história sobre ser do departamento de arquitetura e disse:

— Me disseram que tu ajudaste seu Peter a construir uma torre de observação. Eu acho que tu podes me ajudar com..

— Desculpe — disse Fernando — eu não trabalho mais como pedreiro.

— Eu sei disso. É que eu..

— Na verdade foi seu Peter quem descobriu meu verdadeiro talento. Eu devo tudo isso a ele — ele disse, gesticulando em torno.

Samen franziu a testa:

— Por acaso ele...?

— Seu Peter sofria de reumatismo e eu curei ele.

— E qual era a profissão dele? Era arquiteto?

— *Seu Peter?* — Ferdinando franziu a testa. — Não, eu acho que ele era veterinário: uma vez eu vi ele e um amigo tratando de um macaco.

Samen não conseguiu associar essa informação com nada que ele soubesse sobre Mengele. Talvez ele tivesse continuado com suas experiências racistas — mas por que com macacos? E quem poderia ser esse amigo? Ele devia perguntar mais sobre isto, mas seu problema continuava sendo o interesse em arquitetura apenas.

A fim de mudar o assunto da conversa, Samen deu uma gargalhada:

— Um veterinário construtor de torres exóticas! O sujeito devia ter muitos talentos, hein? Seu amigo veterinário gostava de construir torres também?

Ferdinando deu de ombros:

— Eu não sei. Eu vi ele e Peter juntos várias vezes mas eu não conseguia entender o que eles falavam. Eles falavam naquela língua deles, você sabe.

Então Ferdinando sorriu como se tivesse se lembrado de uma velha piada:

— Mas quando a torre ficou pronta, eles ficavam brincando nela como duas crianças.

Samen sorriu também:

— Que tipo de brincadeira?

— A torre tem dez metros de altura, você viu. Então eles ficavam lá em cima várias horas, só olhando para as pessoas embaixo, apontando pra elas e caindo na gargalhada.

Ainda sorrindo, Samen franziu a testa:

— *Apontando?*

— É, como se eles tivessem um fuzil, assim — disse Ferdinando, inclinando-se para frente com seu braço direito totalmente estendido e seu olho esquerdo fechado.

Samen parou de sorrir e engoliu em seco. As memórias de Mengele pareciam vivas até para aqueles que nunca estiveram com ele.

* * *

De volta a seu quarto de hotel em São Paulo, Samen tentava juntar mentalmente tudo o que havia descoberto em Serra Negra. Não era muito. Mesmo se ele fosse do departamento de arquitetura, tudo o que ele tinha a dizer sobre a torre era que ela fora erguida com pedaços da memória do Anjo da Morte— e que seu principal propósito era reviver partes ainda mais negras da mesma memória maligna.

Para Leon, no entanto, seu relatório tinha de ser feito de epigramas. Na foto da torre que Leon havia mandado, Samen escreveu:

Torre da Nostalgia
J.M. Arquitetura
Construtora Indefinida Ltda.
Status atual: vago

Samen então dobrou a folha e a colocou dentro do mesmo envelope, escrevendo "Leon, ONU" sobre ele.

Saindo do hotel, seguiu até a locadora de automóveis, devolveu o carro e foi de táxi até o consulado de Israel. O mesmo segurança corpulento controlava a entrada do consulado. Ao ver Samen, ele sorriu:

— Encomenda para Leon?

Samen concordou com a cabeça.

— Quer entrar?

— Claro que não.

O segurança deu meia-volta, entrou pela porta. Segundos depois ele voltou com um malote diplomático de lona. Samen inseriu o envelope no malote, agradeceu ao segurança e caminhou de volta ao elevador.

Chegando na avenida, ele chamou um táxi que passava. Era um carro maior desta vez, com quatro portas. O motorista, porém, fedia, e o rádio berrava notícias do submundo do crime.

No banco de trás, Samen disse:

— Eldorado Paulista. Estrada do Alvarenga 5000.

Com o carro andando, o motorista perguntou:

— Você não é daqui, é?

Samen balançou a cabeça:

— Eu adquiri este sotaque em Angola.

O motorista fez que sim com a cabeça. Segundos depois ele gesticulou em direção ao rádio que

continuava berrando os crimes do dia anterior.

— Aposto que lá é mais seguro que aqui — ele disse. — Aqui a gente tem ladrão por todo o lado, a começar pelo políticos.

Samen deu de ombros:

— Mas vocês não odeiam uns aos outros.

O motorista franziu a testa, olhando para Samen pelo espelho:

— O que você quer dizer?

— Que eles podem te roubar, mas eles não te odeiam.

O motorista riu:

— E qual a diferença?

— Toda a diferença do mundo.

Rindo, o motorista sacudiu a cabeça.

Ele deve estar pensando que sou louco, pensou Samen. Se fosse brasileiro, ele também não entenderia o significado de suas palavras. Sendo quem era, porém, ele estava convicto de que jamais compreenderia o que é viver sem o sentimento de ódio, sem ter de "conhecer seu lugar". Por toda a sua vida, Samen sempre fora lembrado de qual era o "seu lugar".

Mesmo em sua infância, nos anos 50, ele era constantemente lembrado dessa diferença que não conseguia entender: sua condição de judeu. Nas escolas e pontos de encontro de seu país nativo, a Etiópia, ele logo percebeu que nem todas as crianças eram tratadas da mesma maneira. Embora não conseguisse compreender a razão, ele já conhecia "seu lugar" naquela época.

Seus anos dourados foram em Angola, sem dúvida. Só de relembrar aqueles anos, um sorriso lhe veio aos lábios. Ele pouco se importava se o motorista estava pensando que ele era um lunático; era muito bom relembrar a sensação de se viver num lugar que era o lugar de todos. Claro, havia rivalidades tribais em Angola, mas elas eram quase imperceptíveis em seu meio. O fato de que ele era um falasha não fazia diferença alguma. Como seu pai era um diplomata estrangeiro e ele estava frequentando as melhores escolas de Luanda, a maioria de seus amigos era portuguesa. Suas namoradas eram garotas portuguesas. Apenas uma vez ocorreu de uma namorada questionar sua origem:

— Isso é uma coisa de judeus, não é? — ela perguntou enquanto segurava seu pênis com a mão. Eles tinham acabado de transar e ela o segurava como se estivesse treinando para ser uma urologista.

— Não apenas de judeus — ele retrucou. — Isso é uma prática comum hoje em dia.

— Mas tu és, não?

Ele riu:

— Ao menos foi o que meus pais me disseram.

— Estranho... — ela disse, ainda examinando seu pênis. Ele pensou que ela estava intrigada com seu formato ou algo assim, mas então ela acrescentou:

— Por que é que teu povo adotou essa religião, afinal?

Pegando em seu queixo, ele a fez parar de olhar para seu pênis e olhar em seus olhos.

— Na verdade isso nunca foi uma questão de escolha para nós. Está nos nossos genes — ele disse. — Crenças religiosas à parte, nós somos judeus.

Ela franziu a testa.

Ele continuou:

— Acredite ou não, nós falashas dividimos os mesmos genes com os outros judeus. É uma coisa étnica. Nossos ancestrais foram parar na Etiópia porque a sua nação, Beta Esra'el, juntou-se ao império etíope por meio de um casamento dinástico.

Ela sorriu para ele:

— Casamento é tudo nessa vida...

Sorrindo para ela, ele disse:

— Não é, não. Não mais.

Ela lhe deu um soco carinhoso.

Sua namorada nunca mostrou nenhum tipo de rejeição por ele depois desta noite. Na verdade eles continuaram namorando por mais seis meses, até que três revoluções — a dos Cravos em Portugal, e as guerras civis da Etiópia e de Angola, todas em 1974 — desabaram sobre suas vidas. Foi aí que seus anos dourados tiveram um final abrupto. Seus amigos portugueses fugiram do país, indo para o Brasil e Portugal, enquanto ele voltou com sua família para a Etiópia. Ao chegar em seu país natal, porém, ele foi imediatamente lembrado de qual era o "seu lugar".

* * *

O carro havia parado e o motorista estava lhe falando alguma coisa. Ele estava em São Paulo, Brasil, uma década depois da eclosão da guerra civil angolana. Ele estava olhando para a casa amarela de Josef Mengele. Ele estava num lugar onde as pessoas eram aparentemente incapazes de se odiar.

— O número 5000 não existe — o motorista estava dizendo. — Você tem certeza de que o endereço é esse?

— Eu vou ficar aqui — Samen disse enquanto pagava ao motorista.

Ele saiu do táxi e ficou olhando para o número 5555 da Estrada do Alvarenga, uma casa amarela bem visível que por acaso — ou por isso mesmo — fora o esconderijo perfeito.

Assim que o táxi se afastou, ele procurou pelo ponto de ônibus mais próximo. Não era longe da casa. De acordo com o que sua amante tinha dito, era aqui que Mengele pegava o ônibus para o Vale do Anhangabaú a fim de ir pegar dinheiro no banco.

Ele esperou vinte minutos até que o ônibus chegasse. O letreiro na sua frente indicava que o destino final era o Anhangabaú.

Foi uma longa viagem. O ônibus passou por inúmeras ruas e avenidas e — pior, ele pensou — defronte a inúmeras agências bancárias. Demorou duas horas até que ele chegasse ao seu destino final, o Vale do Anhangabaú no centro de São Paulo.

Descendo do ônibus, Samen olhou à sua volta. O centro do vale concentrava um número muito grande de pessoas. Em ambos os lados havia numerosos arranha-céus, muitos deles exibindo logotipos de bancos.

Em qual deles? ele se perguntou. Não havia como saber. Considerando seu tamanho, muitos deles deviam ter cofres subterrâneos.

Andando pelo vale, ele notou quantas lojas de compra e venda de ouro havia ao lado das agências bancárias. Não apenas lojas, mas também muitos homens exibindo placas com anúncios de compradores de ouro.

Samen apostaria que este era o destino de Mengele quando ele pegava o ônibus próximo à sua casa. Ele também apostaria que sua fonte de renda era ouro roubado depositado em um ou em vários cofres da região. Mas a questão que ele mais desejava ver respondida agora era: quem herdou tudo isso?

* * *

9. Nova York

Antes de ir para o aeroporto, Samen pegou um táxi até a sede da Polícia Federal. Ele procurava por Gil. Demorou quinze minutos para localizá-lo no 14o. andar, atrás de uma escrivaninha.

Gil ergueu a cabeça e olhou para ele, franzindo a testa:

— O que aconteceu?

Samen não respondeu. Ele puxou uma cadeira e sentou-se de frente para Gil. Enquanto colocava sua mochila no chão, ele olhou ao redor. Não havia ninguém muito próximo.

Virando-se para Gil, ele perguntou:

— Tu queres me substituir?

— Fazendo o quê?

— O que eu faço.

Gil deu de ombros:

— Eu não sei o que você faz.

— Eu caço nazistas.

Gil riu:

— E eu caço criminosos em geral, mas só dentro do Brasil.

— Eu não estou pedindo que deixes teu emprego — Samen retrucou. — Pelo contrário, eu preciso de ti aqui para me manter informado enquanto eu estiver em Nova York.

Gil olhou para baixo e murmurou:

— Sei...

Ao pegar sua mochila do chão, Samen levantou-se.

— Na primeira vez que eu te ligar — ele disse —, tu vais me dizer o número de tua conta no banco.

Com um sorriso nos lábios, Gil olhou para cima e ao redor. Então ele disse:

— Indo pro aeroporto?

Samen concordou com a cabeça:

— Eu pego um táxi.

— Pegue o serviço de ônibus do aeroporto; ele sai da praça da República — disse Gil, apontando para a praça a duas quadras do prédio da Polícia Federal.

Samen agradeceu e deu uma olhada em seu relógio. Ainda faltavam três horas para seu voo que sairia de São Paulo em direção a Nova York com uma escala no Rio.

* * *

No aeroporto internacional do Rio, Roy abriu seu passaporte e sorriu com satisfação para sua própria foto. Graças ao Dr. Schultz ele agora era um homem bonito e com pele clara. As pessoas o tratavam melhor. Ele sentiu isso quando foi ao consulado americano no Rio pedir um novo passaporte sob a alegação de que o seu havia sido roubado. Todos os funcionários foram extremamente atenciosos, sempre sorrindo ao novo Roy. Ele sentira como se de repente todas as portas tinham sido abertas para ele.

Ele tentou imaginar porque as coisas eram assim, porque diferentes tons de pele causavam diferentes reações nas pessoas. Assim como a roupa que se veste, a cor da pele que se tem parece indicar o status social. Roy lembrou-se de uma nação pobre, de pele escura, onde isso era óbvio: a Índia. Em seu sistema de castas sociais, ele imaginou, quanto mais claro o tom de pele, mais alta a casta. Enquanto os governantes da família Gandhi tinham o mais claro dos tons de pele, os Intocáveis, da casta mais baixa, tinham o tom mais escuro.

O Brasil era outro exemplo. Roy tinha notado como os brasileiros se recusavam a aceitar as divisões entre as raças. Todos se consideravam brancos nesta nação de mulatos. *Eu sou moreno* era o eufemismo mais comum usado pelos negros do país. Estranhamente, em seus anúncios de emprego os empregadores pediam "boa aparência", um requisito que acabava mantendo os "morenos" mais escuros nos cargos mais baixos, ele concluiu.

Roy fechou seu passaporte, colocou-o no bolso da jaqueta e entregou a passagem à garota atrás do balcão da companhia aérea. Ela lhe deu um sorriso convidativo. Qual seria a reação da garota, ele pensou, se eu ainda fosse escuro e feio?

Ao entrar no avião, Roy olhou para alguns passageiros enquanto procurava seu assento. A maioria usava terno, o que era natural, pois o voo viera de São Paulo, a megalópole cuja única atração turística eram as convenções de negócios. O passageiro que mais se diferenciava dos outros estava bem na sua fileira: um homem negro vestido como um cantor de reggae.

Graças a Deus eu não preciso sentar ao lado dessa figura repulsiva, pensou Roy. Dois assentos e um corredor os separavam. Enquanto fitava seu rosto negro e suas longas tranças, porém, Roy tentava imaginar como as pessoas reagiam à sua aparência. Com um visual tão repulsivo, ele provavelmente era tratado como um intocável hindu em qualquer lugar do mundo. Exceto, talvez, na Jamaica.

* * *

A alfândega do aeroporto Kennedy em Nova York não deteve Roy. O mandado de prisão não havia chegado na alfândega, ele deduziu, assim como não havia chegado ao consulado americano no Rio. Roy passou por ela e encontrou-se com sua irmã na área de desembarque.

Ele parou bem em frente a Rita mas ela não virou os olhos em sua direção; ela continuou olhando para os outros passageiros que passavam pelo portão.

Ele continuou olhando para ela e sorrindo. Quando finalmente virou-se para ele, ela franziu a testa.

— Olá, maninha — ele disse.

Rita o abraçou.

— Desculpe. Eu não sabia que você estava falando sério sobre isso.

Ele deu um passo para trás e olhou em seus olhos:

— Sobre isso o quê?

— Essa coisa de clareamento de pele.

— Mas é esse o nosso negócio agora! — ele resmungou.

Ele sentiu que sua irmã não estava fazendo a parte dela — enquanto ele tinha vindo até aqui, arriscar seu pescoço em Nova York.

Ela segurou sua mão:

— Está tudo bem, Roy. Vamos falar sobre isso em casa.

Rita o deixava irritado com esse comportamento. Ele praticamente esquecera que ela ainda o tratava como o irmãozinho indefeso. Rita era mais maternal que sua própria mãe.

Ao saírem do aeroporto eles foram até a casa de Rita no Brooklyn, o bairro onde eles sempre moraram. Na verdade, Rita e seu marido agora viviam na mesma casa em que Roy e Rita foram criados. Quando ambos a herdaram, Roger pagou a Roy pela sua metade da propriedade. Com esse dinheiro Roy pôde fugir do país antes que Sondra soubesse que sua conta bancária tinha saído do vermelho.

Rita estacionou o carro no jardim em frente à casa. Roy percebeu que a propriedade tinha sido recentemente pintada na cor ocre e nada mais havia mudado. Ela ficava em uma das poucas vizinhanças que tinha preservado um pouco do estilo de vida de uma cidade do interior. Roy conhecia quase todos os velhos moradores da rua. Dona Gladden, a solteirona ao lado, estava cuidando de suas rosas quando Roy saiu do carro.

Ela olhou para ele e então se virou para Rita como se perguntasse: quem é esse moreno bonito com você?

Rita apenas acenou para ela ao entrar em casa.

Roy colocou a bagagem em seu antigo quarto, agora um quarto de hóspedes. Sentou-se na cama e olhou ao redor. Embora o quarto tivesse sido redecorado depois que ele se casou e mudou, ele sentia como se estivesse voltando ao útero. Sua vida acabou se tornando insegura e desconfortável depois que ele deixou este quarto. Deixar que Sondra e o Dr. Brown o tirassem daqui foi o maior erro de sua vida.

— Lembranças?

Roy virou a cabeça. Era Rita; ela estava parada ao lado da porta do quarto, sorrindo.

— Sensações — retrucou Roy.

— Ummm, talvez tenha sido um erro trazer você de volta a esta casa. Você quer ir para um hotel? Seria mais seguro.

Roy riu:

— Mais seguro pra quem? Só se for praquele psiquiatra idiota.

— Pare de culpar o Dr. Brown. Ele só estava tentando te ajudar.

— Ninguém ajuda ninguém, Rita, é tudo negócio. Eu nunca fui mais do que uma mercadoria para ele e Sondra.

— Pelo amor de Deus, Roy! Eu pensei que você... — Ela olhou para baixo e suspirou. — Você não fez nenhuma amizade no Brasil?

— Tem o Dr. Schultz — ele disse. — E a Betânia.

— Uma *namorada*?

Ele sorriu:

— Ela apenas cuida do meu canto.

Rita sorriu de volta:

— Sei...

— Ela gosta de conversar comigo. Bater papo.

— Até nos sábados?

Ele riu:

— Ela é tão mente aberta quanto qualquer um naquele lugar. E meu parceiro nos negócios é... bem, ele é alemão.

* * *

A agência de turismo R&R ficava no bairro do Brooklyn. Roy sabia que seu cunhado estava louco para mudá-la para Manhattan, mas os negócios não iam tão bem assim. Roger era um desses jovens ambiciosos que, nesta década de 1980, estavam sendo chamados de *yuppies*. Ou, pensando melhor, Roger *pensava* que era um yuppie.

Tal como sua irmã e a dona Gladden, Roger não o reconheceu de imediato. Ele franziu a testa antes de resmungar:

— Mas que porra...?

Roy sorriu para seu cunhado. Ele estava vestido como Don Johnson, o Sonny Crocket da série Miami Vice. Sendo negro, porém, Roger deveria se espelhar em Ricardo Tubbs, não em Sonny Crocket. Talvez ele precisasse da ajuda do Dr. Schultz.

— Você pode pôr meu rosto no anúncio, se quiser — disse Roy. — Do velho e do novo Roy.

Eles se sentaram junto à mesa de Roger. Rita ficou em sua escrivaninha. Seu pequeno escritório era de frente para a rua, com uma fachada de vidro coberta com propaganda de roteiros turísticos e fotos.

Roger continuava estranhando a nova aparência de Roy:

— Por que você fez isso?

Roy deu de ombros:

— Para me abrir portas.

— Quer dizer, como tomar ácido?

— Eu estou falando de portas de verdade, como esta — Roy disse, apontando para a porta do escritório.

— Até no Brasil?

— E o que você sabe sobre o Brasil?

Roger apenas deu de ombros.

— Se você planeja fazer amigos no Brasil, ou mesmo arrumar uma namorada branca — disse Roy — pode ir em frente. Ninguém vai fechar a porta na sua cara. Agora, não tente arrumar um emprego na gerência. Você vai quebrar seu nariz.

— É a mesma merda em todo lugar — disse Roger, sacudindo a cabeça. — Mas enfim, quanto do meu dinheiro você ainda tem sobrando?

— Não faço ideia.

— O que você está fazendo? — disse Roger, rindo. — Vivendo debaixo de uma palmeira e comendo coco?

— O que eu quis dizer é que minha conta bancária aumenta todo dia. Eu não preciso fazer nada, ela simplesmente aumenta. E não é uma conta poupança. Os bancos de lá te pagam um juro bem alto, mais o que eles chamam de correção monetária — disse Roy, sorrindo para Roger. — Resumindo, eu não sei quanto tenho. Eu continuo gastando e minha conta bancária continua crescendo. É uma loucura, Roger.

Roger cruzou os braços e sorriu de volta. Como ele tinha feito faculdade de economia, disso ele entendia.

— Você está emprestando seu dinheiro para o governo no overnight — ele disse. — É isso que está acontecendo.

Roy riu:

— Um agiota? Foi isso que eu me tornei, um agiota?

— É, mas não fique muito alegre. Mais cedo ou mais tarde eles vão quebrar. E não dá pra extorquir um governo quebrado, né? E além disso esse negócio de conta bancária sempre crescendo é ilusão: é só o número que cresce; o valor real nunca aumenta, só diminui.

— Mas eu não vou precisar mais disso, Roger. Contanto que você arrume clientes pra nós, quero dizer.

Ao contrário de sua irmã, seu cunhado tinha mostrado verdadeiro entusiasmo pela sua ideia desde a primeira vez que ele a mencionou. Roger reconheceria uma mina de ouro assim que a visse, coisa que ele provavelmente aprendera na escola de economia.

Roger fez que sim com a cabeça:

— Eu tenho um bom nome: Uma *trip* de clareamento. O que você acha?

Roy franziu a testa:

— *Trip*? Isso parece coisa de drogado...

— Exatamente. Duplo sentido sempre chama a atenção.

— Quem você acha que vai pagar por isso?

— Mulheres solteiras de meia idade — Roger respondeu. — Eu já falei sobre isso com algumas delas. Elas me pareceram interessadas.

— Quanto preconceito! — berrou Rita de sua escrivania.

Eles viraram para ela. Ela continuou:

— Por que não homens solteiros de meia idade. Roy é um deles, não é?

— Seu irmão é diferente — retrucou Roger.

Roy concordou com a cabeça:

— Eu sou *divorciado*.

— De qualquer modo — completou Roger, com um estranho sorriso nos lábios — nós não

vamos rejeitar clientes. Até branquelos podem se juntar à nossa *trip* de clareamento.

— Isso seria engraçado — ela disse. — Dá até pra colocar na propaganda como um slogan.

* * *

10. O Caubói Sefardita

A primeira coisa que Samen fez em Nova York foi ligar para Leon na missão israelense nas Nações Unidas. Eles acertaram um encontro num bar barulhento do Soho, centro de Manhattan. Samen teve de se apressar; tomou um banho rápido em seu pequeno apartamento no Village e então correu para o bar.

Ao entrar, ele logo viu que Leon estava esperando por ele junto ao balcão. Aquele judeu marroquino descendente de ibéricos (conhecidos como sefarditas), alto e corpulento, que, quando não estava no escritório, gostava de usar lenço no pescoço e botas de caubói, estava bem ali, bebendo sua cerveja. A não ser pelo fato de não usar chapéu, ele poderia ser confundido com um daqueles personagens em antigos filmes de caubói.

Samen sentou a seu lado e pediu um sanduíche. Ele não tinha comido nada durante o voo de onze horas.

Seu copo de cerveja chegou antes do sanduíche. Sem levantar os olhos, Samen disse:

— Eu poderia ter pressionado a garota, mas não ia conseguir mais nada.

Sem se virar para Samen, Leon retrucou:

— Nós temos gente que sabe como refrescar a memória de uma pessoa.

— Ela não era nada pra ele, um brinquedo sexual.

— Que país estranho...

— É, parece que as raças gostam de se misturar naquele lugar. Deve ser algum tipo de tara sexual.

— Você tentou algo com ela?

— Ela me odiou logo de cara.

— Mesmo? Você não tinha nos informado disso.

Samen gelou. De repente ele percebeu que cometera um terrível erro. Um agente deve seduzir seus contatos; as pessoas devem confiar nele. Naquele caso, porém, isso teria sido impossível. O suposto know-how israelense-americano não tem utilidade no Brasil. Os brasileiros confiam mais em quem é diferente do que em quem é semelhante.

— Foi apenas uma impressão que eu tive — disse Samen. — Posso deixar Bob Marley pra trás?

— Pode — Leon respondeu. — Foi um erro.

Seu sanduíche chegou. Samen colocou ketchup, mostarda e deu uma mordida. Então disse:

— Eu recrutei um policial de São Paulo. Ele vai nos deixar a par.

Leon pôs uma nota de cinco dólares ao lado de seu copo vazio e saiu do bar. Samen continuou mastigando seu sanduíche.

* * *

O verão nova-iorquino já tinha acabado quando Samen pediu suas férias de verão ao Rosenthal Center. Como eles tinham gostado de seu relatório sobre a vida de Mengele no Brasil, lhe deram três semanas. Mas agora, no meio da segunda semana, ele não sabia o que fazer com seu tempo livre.

Ele tinha retirado os apliques, as longas tranças em seus cabelos, e não estava mais usando sandálias. Ele agora vestia tênis, jeans e camiseta. Seu cabelo não estava nem longo, nem curto.

Precisava adotar um novo visual, mas não conseguia achar nenhum modelo que lhe agradasse. Ele certamente não se aconselharia de novo com Leon, já que o homem provou não entender nada sobre visuais e disfarces. Talvez Leon soubesse como se fantasiar de terrorista palestino, nada além disso. Samen teria de definir o novo David Samen por si mesmo.

Ele saiu do apartamento, comprou comida chinesa e voltou para assistir o jornal das sete. Era isso o que ele estava fazendo com suas férias: assistindo TV. Ele jantou assistindo o jornal. A manchete do dia era o aguardado encontro entre Reagan e Gorbatchov.

Samen riu. Até onde ele sabia, Gorbatchov não duraria muito. Os israelenses gostavam de sua política, mas estavam certos de que os conservadores soviéticos acabariam bloqueando seu caminho. Em todas as agências ocidentais, no entanto, o plano era ajudá-lo a continuar desmantelando seu "império do mal" até o ponto onde não fosse mais possível voltar atrás.

Quando o jornal terminou, Samen já tinha acabado com sua comida chinesa. Ele pensou em ligar para Gil no Brasil. Não era muito tarde; São Paulo estava apenas duas horas à frente de Nova York. Mas então ele lembrou que Gil era um cara solteiro com namorada e muitos amigos. Além disso, ele estava frequentando a faculdade de Direito à noite.

Samen suspirou. *Eu preciso arrumar uma vida social para mim.* Os personagens da literatura e do cinema fazem isso o tempo todo. Pessoas no mundo real também. Como eles conseguem? Talvez ele devesse entrar em um curso ou clube. Ele já tinha feito isso em vários países depois de Angola, mas nunca mais conseguiu ter amigos de verdade. Seria muito mais fácil arrumar uma esposa que um amigo. Pelo menos há agências onde se pode encontrar uma estranha simpática para dividir mesas de restaurante, assentos de cinema e camas de casal.

Talvez ele precisasse de uma nova e atraente persona. Se o visual Bob Marley tinha causado repulsa em quase todo o mundo, que visual os seduziria?

Na TV estava começando um capítulo da série Miami Vice. Samen nunca tinha visto, embora soubesse que era a série de maior sucesso no momento. Seus colegas de trabalho no Rosenthal Center falavam bastante sobre ela, sobre seu estilo inovador. Essa era a primeira vez que ele prestava atenção, que ele via sua arquitetura, sua decoração de interiores, seus carros esportivos, suas roupas da moda, Sonny Crocket, Ricardo Tubbs...

Ele correu até o banheiro e se olhou no espelho. Será que ele conseguiria adotar o visual de Tubbs? Ele certamente não era tão bonito quanto Philip Michael Thomas, o ator. Na verdade, ele não passava de um etíope feio e magrelo. Apenas sua altura e idade eram as mesmas de Philip Michael Thomas.

Ele correu de volta para a frente da TV. Tubbs vestia um terno bem conservador; o diferencial estava na camisa brilhante e nos sapatos de cor clara. E no brinquinho em uma das orelhas.

* * *

Em sua última semana de férias, Samen já tinha comprado um terno acinzentado de abotoadura dupla ao estilo Ricardo Tubbs e um par de sapatos de cor clara. Ele também vestia uma camisa negra brilhante com o colarinho aberto e usava um pequeno brilhante no seu lóbulo esquerdo.

Assim que entrou na barbearia, as pessoas sorriram para ele. Será que ele tinha conseguido se tornar uma pessoa cativante?, ele se perguntou. Ele nunca estivera nessa barbearia antes. Sentou-se na cadeira ao lado de um barbeiro negro e idoso que lia um jornal tabloide. Ele pôs o jornal de lado e cumprimentou Samen.

— Você trabalha em Wall Street? — o barbeiro perguntou.

Samen sorriu:

— Eu sou apenas um bancário.

— É isso que eu sempre digo pro meu neto — disse o barbeiro. — No meu tempo todo mundo queria se vestir bem. A gente não tinha um tostão, mas a gente se vestia bem. Meu neto ganha mais dinheiro do que eu jamais ganhei, mas ele se veste como um mendigo. Que nem esses cantores modernos que tem por aí.

— Eu sei o que você quer dizer. Eu também não entendo essa gente.

O barbeiro fez que sim com a cabeça:

— Como o senhor quer o cabelo?

Fazendo um gesto com o polegar e o indicador, Samen disse:

— Dessa altura; pouco mais de um centímetro.

Antes de começar, o barbeiro ofereceu a Samen o tabloide que ele estava lendo. Samen pegou e começou a folheá-lo. Quando estava virando a quinta página, o barbeiro fez com que ele parasse de folhear.

— Você viu isso? — o barbeiro perguntou, apontando o lado inferior da página.

Era o anúncio de uma agência de turismo. Essa agência, R&R Turismo, estava oferecendo algo chamado Trip de Clareamento. Havia três fotos no anúncio. Duas delas mostravam um homem "antes" e "depois" do assim-chamado clareamento de pele. Era como um anúncio de uma daquelas milagrosas terapias de emagrecimento onde coroas gordas se transformam em garotinhas magrelas. Tudo era obviamente falso: em uma das fotos o sujeito tinha pele escura e nariz largo; na outra ele era um moreno claro com nariz e lábios finos. A terceira foto mostrava a milagrosa clínica numa bela ilha tropical.

— Você acha que é possível? — o barbeiro acrescentou.

— O quê?

— Transformar pessoas como nós em gente branca?

Samen deu de ombros:

— Eu não sei. Mas tem uma doença que causa isso.

— Eu sei. Especialmente nas mãos e no pescoço. Eu já vi gente assim.

— Algumas pessoas ficam com isso no corpo todo. Os coitados parecem fantasmas.

— Talvez eles tenham achado um jeito de controlar isso no Brasil — o barbeiro disse, apontando para o anúncio com seu pente. — Quem sabe?

Samen franziu a testa. No *Brasil*? Ele resolveu ler o resto do anúncio. Realmente, eles estavam vendendo uma viagem de um mês a Angra dos Reis, onde a clínica milagrosa estava localizada, mais alguns dias no Rio.

Ele então se lembrou que a ilha em Angra onde tinha interrogado a amante de Mengele era chamada de Ilha dos Negros Aço, provavelmente porque muitos negros albinos moravam lá, como ele efetivamente tinha visto. E se eles não fossem albinos mas pacientes dessa clínica? Além disso, o pescador que levava ele e Gil tinha dito algo sobre um doutor que morava na ilha, não tinha?

Enquanto pagava ao barbeiro, Samen pediu pela página que continha o anúncio. O barbeiro lhe deu o tabloide inteiro.

Em seu apartamento, ele leu o anúncio mais uma vez. A agência de turismo ficava no Brooklyn; seu endereço e telefone estavam no anúncio. Ele ligou para a agência e, mencionando o anúncio, pediu pelas credenciais da clínica de Angra dos Reis. A mulher ao telefone hesitou por um momento e transferiu a chamada para um homem que prontamente lhe disse a idade, nacionalidade e nome do doutor: Ernst Schultz, um alemão de 59 anos.

Ele desligou o telefone e se esparramou no sofá, pensando no péssimo trabalho de investigação que fizera no Brasil. A amante de Mengele estava vivendo na Ilha dos Negros Aço porque ela conseguira um emprego por lá—e Samen não tinha se preocupado em checar *como* ela conseguira o emprego. Talvez houvesse algo relacionado com isso, talvez não, mas ele devia ter checado de qualquer maneira.

Ele olhou para o seu relógio. Eram 11:30 da manhã; 1:30 da tarde em São Paulo, portanto. Ele

ligou para a delegacia de polícia onde Gil trabalhava. Gil não estava. Samen deixou uma mensagem.

* * *

11. É Quente em Angra

Assim que Gil voltou à delegacia da Polícia Federal, ele ligou para Sonia. Ele acabara de falar com seu tio Jorge, que estava lhe emprestando sua casa em Angra para o fim de semana. Gil já tinha esquecido quando fora a última vez que ele e sua namorada passaram um final de semana inteiro juntos.

Enquanto conversava com Sonia, a secretária lhe entregou um bilhete. Ele o ergueu com sua mão livre, lendo que David Samen havia ligado. Isso fez com que ele encurtasse o telefonema para meia hora. Era difícil interromper uma conversa com Sonia; ela era tão doce...

Então ele ligou para Samen em Nova York. A nota dizia que ele estava em seu número particular e não no Centro Rosenthal. Ele tinha fornecido três números de telefone para Gil: o de sua casa, de seu trabalho e — caso ele não pudesse ser encontrado em nenhum destes — o de seu amigo Leon.

O telefone tocou apenas uma vez. Com seu inconfundível sotaque português, Samen o cumprimentou e disse:

— Quero que procures um nome em teus arquivos.

Samen disse isso com um tom de voz que soava como uma ordem, mas Gil não podia reclamar já que estava sendo pago com regularidade e ainda não tinha feito nada por merecer. Ele tinha até aberto outra conta bancária apenas para receber os depósitos vindos do estrangeiro sem despertar suspeitas entre seus colegas de trabalho.

— Pode falar.

— É Schultz, Ernst Schultz.

— Quando ele chegou no Brasil?

— Eu não faço ideia. Nem sei se o nome está correto. Apenas cheque se há alguém com esse nome em seus arquivos.

Isso seria fácil para Gil. A imigração no Brasil era controlada pela Polícia Federal e era na central onde Gil trabalhava que eram emitidos os vistos e passaportes.

— Sem problemas — disse Gil. — Algo mais?

— Sim. Tu te lembras daquela ilha em Angra dos Reis?

— A ilha dos Negros Aço? É claro.

Samen lhe deu uma longa explicação sobre uma clínica em Angra. Gil nunca ouvira nada sobre ela. De acordo com Samen, uma agência de turismo de Nova York estava trazendo negros americanos para uma clínica de clareamento de pele em Angra. Eles vinham ao Brasil como negros e voltavam aos EUA como brancos. Por fim ele disse:

— Eu preciso que voltes àquela ilha.

— Por que? — Gil retrucou. — Eles disseram em que ilha de Angra fica a clínica?

— Não. Mas pode ser naquela ilha.

— Pelo amor de Deus, Samen! Há mais de trezentas ilhas em Angra. Pode ser em qualquer lugar. Pode ser no continente, na própria cidade.

— Sim, mas quantas ilhas de negros-aços vocês têm por lá?

— Isso não quer dizer nada — disse Gil. — Escuta: por que você não me diz o nome da clínica? Se é legal, está registrada.

— Não tenho o nome. Tenho certeza de que é clandestina. Mas eu tenho o nome do médico, Ernst Schultz.

Gil suspirou:

— Eu estava planejando passar o fim de semana no campo...

— Teu novo material chega na segunda-feira, Gil.

Gil sorriu. A mensagem de Samen não era muito sutil: *Sua conta bancária está crescendo e você ainda não fez nada por mim.*

— Bom, mas Angra também é um lugar legal para se passar o fim de semana — ele disse enquanto ria.

* * *

Eram 6:30 da tarde quando Gil saiu da delegacia e dirigiu até a universidade Mackenzie. Ambos ficavam no centro de São Paulo, a menos de cinco quilômetros de distância, mas o trânsito da hora do rush fez com que ele levasse meia hora para chegar.

Na sala de aula, Gil sentou ao lado de sua namorada.

Sonia lhe deu um beijo e disse:

— Eu já assinei.

Ele fez que sim com a cabeça. Como ele faltava mais do que ela, ela estava acostumada a assinar seu nome na lista de presença.

Ele olhou para o relógio e sussurrou para ela:

— Angra está nos esperando.

Ela sorriu e juntou seus livros:

— Putz, a gente nunca vai ser advogado.

Ele deu de ombros:

— E daí?

A única coisa de que Gil precisava era esse documento chamado diploma. Com esse título em mãos, seu tio Jorge poderia colocá-lo como delegado da Polícia Federal. O próprio tio Jorge era delegado desde 1977. Ele colocara Gil como investigador em 1983, dois anos antes.

Gil pegou seu carro e dirigiu por duas quadras até o prédio de Sonia. Sonia vivia a pouca distância do Mackenzie no Higienópolis, esse bairro elegante com muitas famílias judias. Sua própria família era judia, embora ela alegasse que precisaria ter uma mãe judia para ser uma verdadeira judia. Seu pai, seu Ariel, era judeu, mas sua mãe, dona Constanza, era católica como todo mundo.

Eles entraram no apartamento. Ele ficou esperando na sala de estar enquanto ela foi arrumar sua mala no quarto. Sentando-se em uma poltrona, ele olhou à sua volta. A sala era espaçosa e ricamente decorada. Ninguém mais construía apartamentos desse tamanho, ele pensou. Devia valer um milhão de dólares.

Seu Ariel entrou na sala, o cumprimentou e sentou-se no sofá em frente. Ele segurava um jornal e tinha um par de óculos de leitura apoiados na ponta do nariz. Com sinais de calvície nos cabelos ruivos e encaracolados, ele tinha a cara de um cientista maluco. Felizmente sua filha herdara apenas suas sardas e a cor de seu cabelo.

— Então — seu Ariel disse — você ainda está trabalhando no caso Mengele?

— Esse caso já está encerrado — Gil respondeu. Ele então sorriu, inclinando-se para frente. — No que tange à Polícia Federal, quero dizer.

— Oh.

Seu Ariel pôs o jornal de lado e tirou seus óculos.

Gil recostou-se:

— A Sonia te falou sobre um falasha que estava junto conosco na investigação?

— O homem do Centro Rosenthal?

Gil fez que sim com a cabeça antes de dar um sorriso com o canto da boca:

— Bem, de um certo modo eu também sou um homem do Centro Rosenthal.

Seu Ariel franziu a testa.

Gil relaxou seu corpo e continuou:

— Eu posso te dizer que ele ficou muito impressionado com a minha habilidade como investigador. Então ele entrou em contato com seu escritório em Nova York e seu chefe imediatamente me contratou como agente permanente no Brasil.

— É mesmo? — disse seu Ariel, abrindo um largo sorriso. — O Ben Rosenthal te contratou?

Gil nunca tinha ouvido esse nome antes, mas concluiu que o centro de caça aos nazistas de Samen devia seu nome a ele. De qualquer modo, foi Samen que o contratou. Pensar que ele consultara seu chefe em Nova York era uma dedução lógica.

Gil concordou com a cabeça:

— Sim, esse é o nome do homem.

Seu Ariel continuou sorrindo. Ele disse:

— Mas...não há um conflito...?

— Com a Polícia Federal?

Seu Ariel fez que sim com a cabeça.

— Bem... — Gil sorriu. — É um trabalho camuflado, informal. Nesse fim de semana, por exemplo, eu estou de folga mas vou checar algumas coisas para o Centro.

— Aonde?

— Em Angra. Eu já estive por lá com o falasha. Ele não percebeu nada, mas eu senti algo. Assim que eu pus os pés naquela ilha eu tive a sensação que Mengele esteve plantando algumas ervas daninhas por lá.

— Você se refere às suas experiências? Experiências médicas?

Gil concordou com a cabeça:

— Eu estou suspeitando que existe uma clínica irregular comandada por outro médico nazista.

Seu Ariel ficou boquiaberto:

— Minha Nossa, como é que você descobriu isso?

Gil sorriu e deu de ombros:

— Segredos da profissão, seu Ariel.

Sentando na ponta do assento, seu Ariel perguntou:

— Mas...que tipo de clínica?

— A coisa toda é tão estranha — disse Gil com uma risada — que eu não sei como contar ao Ben. Ele vai pensar que eu estou brincando.

De repente, seu Ariel lançou um olhar em seus olhos, franzindo a testa:

— Você sabe falar inglês?

Gil balançou a cabeça:

— O falasha é o nosso tradutor. De qualquer modo, ele não vai acreditar quando eu disser a ele que nazistas estão clareando a pele de negros no Brasil.

— Pra quê?

Era uma boa pergunta. Gil devia tê-la feito a Samen quando ele ligou para contar sua história.

Sonia entrou na sala. Sua mãe vinha caminhando atrás. Gil levantou-se e perguntou:

— Você está pronta?

Ela sorriu, jogando sua mochila no chão.

Dona Constanza pôs seu corpo avantajado na frente de Gil, causando um eclipse total de sua filha.

— Seu tio tem uma família grande? — ela perguntou.

Gil franziu a testa:

— Que tio?

— Vocês não vão ficar com a família de seu tio em Angra?

Agora Gil entendeu a razão do eclipse total. Sem ver os sinais de Sonia, ele estragara sua história.

— Na verdade meu tio Jorge está levando um casal de amigos dele, o juiz Demóstenes e a esposa. Você já ouviu falar dele? Ele foi indicado para o tribunal de alçada.

— É mesmo? Dê meus parabéns a ele.

Assim que eles entraram no elevador, Sonia lhe deu um beliscão:

— "Que tio?" — ela disse, tentando imitar sua voz.

— Desculpe. Eu não sabia que minha namorada era uma mentirosa compulsiva.

— Isso é porque você não foi criado numa família de respeito...

Ele riu:

— Agora você disse tudo.

— Minha mãe sabe que a gente vai passar o fim de semana transando. Ela não é idiota.

* * *

— Mais devagar, mais devagar — Gil disse, suas mãos ao volante, seus olhos na estrada. — Desse jeito eu vou bater...

Então ele imaginou o que poderia lhe acontecer se batesse o carro agora. Ele ouvira essa história na delegacia. Não sabia se era verdade, mas um patrulheiro rodoviário certa vez lhe contou sobre um cara que bateu o carro enquanto sua namorada lhe fazia uma chupeta. Quando as vítimas foram encontradas, a menina tinha sua salsicha toda na boca. Por sorte o cara morreu.

Quando Sonia terminou o serviço, Gil estacionou o carro.

Ela pegou a flanela no console para limpar a boca e disse:

— Seu covarde.

Ele pegou a flanela para se limpar.

— É que esse é o único que eu tenho.

Ela o beijou e disse:

— É a sua vez agora.

— De jeito nenhum. — Ele balançou a cabeça. — Eu vou continuar dirigindo até Angra.

Ela não prestou atenção no que ele disse. Abriu a porta e o empurrou para fora. Ele andou em torno do carro e sentou no banco do passageiro.

Gil riu quando viu que ela arriava os jeans e as calcinhas. Ela ligou o carro e voltou para a estrada. Gil deitou a cabeça em seu colo.

Era quatro da manhã de sábado quando eles chegaram na casa de seu tio em Angra dos Reis. Eles dormiram até meio dia e então saíram para comer na praça em frente ao ancoradouro.

Sentando em uma mesa na calçada, eles fizeram o pedido e ficaram olhando para os caixas.

— Qual deles levou você e o falasha até a ilha? — Sonia perguntou enquanto gesticulava na direção dos caixas.

— Eu não sei. Acho que ele não está aí.

Ela virou-se para Gil:

— Acho que meu pai acreditou na sua historinha.

— Você ouviu?

Ela sorriu enquanto concordava com a cabeça.

— Quanto?

— Eu entendi você dizer que tem uma clínica nazista aqui em Angra.

— E *tem!* O falasha me ligou de Nova York, pedindo que eu desse uma checada.

Ela resmungou:

— Puxa, muito obrigada! Eu pensei que você tinha pedido a casa emprestada pra que a gente tivesse o fim de semana só para nós.

— Para sua informação — Gil disse, elevando seu tom de voz — o falasha me ligou *depois* que eu já tinha combinado nosso fim de semana.

Ela deu de ombros:

— É o que você diz.

A garçonete veio servir a mesa. Gil não conseguiu evitar dar uma olhada na menina. Era uma linda caçara com cerca de 16 anos usando minúsculos shorts de jeans e top de biquíni. Os bicos de seus peitos estavam tão duros que parecia que iam furar o top.

— Bom — Sonia suspirou — eu não sei o que eu estou fazendo aqui, já que você tem médicos nazistas e putas caçaras pra encher o seu fim de semana.

Gil segurou sua mão e disse:

— Como é que eu posso te compensar?

* * *

Gil encontrou o mesmo pescador, Jacinto, no ancoradouro. O caçara levou ele e Sonia à ilha onde a amante de Mengele agora vivia. Eles encontraram Betânia sozinha em casa.

Depois que Gil e Sonia entraram na casa, Betânia segurou a porta aberta, olhando para fora. Ela perguntou:

— Onde está seu parceiro?

— O crioulo? — ele disse. — Ele saiu do país.

Betânia suspirou:

— Graças a Deus!

Gil franziu a testa:

— Por quê? Ele voltou aqui depois daquele dia?

— Não. — Ela fechou a porta e sentou na poltrona. — Mas naquele mesmo dia eu vi o ódio que ele tem em seus olhos.

Gil e Sonia sentaram no sofá em frente. Estava tão escurecido e puído quanto a poltrona, mas não eram do mesmo conjunto.

Sonia perguntou:

— Ele te ameaçou?

— Com os olhos, sim — Betânia disse. — Você não pode acreditar em pessoas com ódio nos olhos. Elas são perigosas, não têm amigos. Ninguém quer elas por perto.

— E ele tinha certeza de que você estava escondendo algo de nós — disse Gil.

— Eu não tinha nenhum motivo pra esconder nada de você; eu vi bondade em seus olhos. Eu posso ver que você quer ser duro, mas não pode evitar de ser gentil.

Gil riu. Essa seria uma declaração embaraçosa lá na delegacia. De qualquer modo, ele nunca gostou dessas espertinhas metidas a videntes. Era Sonia que gostava desse tipo de coisa.

Sonia olhou para ela. Seus olhos brilhavam.

— Você faz consultas, Betânia?

Ela balançou a cabeça:

— Eu não posso curar pessoas. Eu só posso *sentir* as pessoas que estão na minha frente. Isso é tudo o que eu posso fazer.

Gil perguntou:

— Mas há um curandeiro nesta ilha, não?

— Você tá falando do doutor Schultz?

— *Schultz?* — Ele abriu um largo sorriso. — Seu nome é Ernst Schultz?

Betânia fez que sim com a cabeça:

— Você conhece ele?

— A gente ainda não foi apresentado.

Betânia continuou:

— É por causa do doutor Schultz que eu estou nessa ilha. Ele que é dono dela.

Gil continuou sorrindo:

— É mesmo?

— Sim, ele é um homem muito bom. Muitas pessoas vivem aqui sem pagar nada pra ele. Se você tivesse vindo sozinho daquela vez, eu teria te falado sobre ele quando você perguntou.

Gil franziu a testa:

— O que foi que eu perguntei?

— Pensando bem, acho que não foi você. Seu parceiro me pediu uma lista dos amigos do Pedro, e o doutor Schultz era um de seus melhores amigos.

Gil abriu um sorriso de orelha a orelha. Este seria um marco em sua carreira: a descoberta de um médico nazista, amigo de Josef Mengele, em uma das ilhas mais escondidas de Angra.

Sonia virou-se para Gil e disse:

— Pedro é...?

— Mengele. O próprio — ele disse.

— E o que é que você via nos olhos de Pedro? — ela perguntou a Betânia.

— Medo — foi sua resposta.

— *Medo?* — Sonia riu. — Nos olhos de *Mengele*?

— É — Betânia disse com naturalidade, sem levantar a voz. — Tipo assim, como um cachorro acuado. De um certo modo ele era perigoso, como os cachorros acuados geralmente são.

* * *

A primeira coisa que Gil fez na segunda-feira pela manhã foi procurar por "Ernst Schultz" nos arquivos de imigrantes da Polícia Federal. Embora a sala de arquivos da delegacia fosse grande e mal-organizada, não foi difícil encontrar a ficha desse médico nazista na gaveta S para os alemães.

Com a pasta aberta em sua mesa, Gil ligou para Samen em Nova York. Primeiro ele tentou a casa de Samen, depois o Centro Rosenthal. Uma voz feminina disse algo em inglês. Ele não pôde entender suas palavras; ele apenas pronunciou *Da-vi-d Sa-men* o mais claramente possível. Ela disse mais algumas palavras e parou. Gil aguardou. Então, com seu inconfundível sotaque português, Samen disse:

— Gil?

— É — ele respondeu. — Escuta, eu tive que trabalhar duro o fim de semana todo, mas eu finalmente encontrei o que você me pediu. Ernst Schultz existe.

— Encontrei-te com ele?

— Não, mas eu fui à sua clínica. Fica na ilha dos Negros Aço, como você pensava.

— E onde ele estava?

— Viajando. Ninguém soube dizer quando ele ia voltar — disse Gil.

Na verdade, Gil e Sonia tinham ido à clínica com Betânia. Alguns pedreiros que estavam trabalhando para expandir a clínica do doutor disseram que ele voltaria do continente antes do sol se pôr.

Gil planejava voltar à ilha no domingo, mas Sonia o fez mudar de ideia. Afinal, quem trocaria um domingo ensolarado com uma garota fogosa por uma caçada a um velho nazista?

— Tu olhaste em teus arquivos?

— É claro. É isso o que eu estou te dizendo: Ernst Schultz é seu nome legal. Sua ficha está bem aqui na minha frente. Ele tem 69 anos de idade, nasceu em Dusseldorf e foi admitido ao Brasil em 1946 como funcionário da Herbling S.A., uma empresa de capital alemão.

— Só isso? E o que ele fazia durante a guerra? — Samen perguntou. — Teu governo nunca checa essas coisas?

— Checa, sim.

Um dos documentos na pasta em frente a Gil tinha sido impresso na Alemanha ocupada. Era da missão militar brasileira em Berlim. A data era 29 de julho de 1946. Informava que Ernst Schultz — entre outros candidatos à imigração — não tivera ligação com o movimento nazista.

— De acordo com esse arquivo — continuou Gil — nossa missão em Berlim liberou seu nome.

— Liberou, é?

— Isso mesmo — Gil suspirou. — Algo mais?

— O que tu encontraste na clínica, afinal?

— Estava fechada. Eu não entrei. Mas é só uma casa rústica com tijolos aparentes, nada demais. Sem agradecer, Samen disse que manteria contato e desligou.

Gil ligou para o banco para checar se seu pagamento havia sido depositado.

* * *

12. Turismo na Agência

Samen continuava se divertindo com seu novo visual Ricardo Tubbs. Desta vez ele escolheu um bar yuppie no West Side de Nova York para se encontrar com Leon. Pelo telefone, Leon demorou a concordar. Era com certeza uma estranha escolha para ele — assim como teria sido para o antigo Samen.

Samen chegou primeiro. De seu banquinho próximo ao balcão ele podia ver todos os que entravam. Assim que Leon entrou, Samen riu. O caubói sefardita nunca parecera tão deslocado. Ele estava obviamente desconfortável olhando para todos os yuppies no ambiente. Quando Samen percebeu que ele ia deixar o bar, levantou-se para chamar o barman.

Leon viu, sentou-se ao seu lado no balcão e pediu uma cerveja. Então, olhando para o copo, ele disse:

— Eu não gostei.

Samen virou-se para observar uma mesa com um casal e uma morena sozinha. Olhando para a garota, ele retrucou:

— Você não precisa gostar.

— Está na moda, tenho que admitir.

A garota deu uma olhadela para Samen e sorriu. Samen sorriu de volta e virou-se para o balcão.

— As pessoas me amam agora.

Leon suspirou:

— É só isso?

Samen bebericou sua cerveja e disse:

— Há outro em Angra. Outro médico.

— Nome?

— Ernst Schultz.

— Não me diz nada.

— Nem para o Centro.

Samen tinha checado nos arquivos do Centro Rosenthal sem encontrar nada contra Ernst Schultz. Ele chegou à conclusão que o homem era um nazista invisível. O único documento onde seu nome aparecia tinha sido escrito pelo exército de ocupação. Era uma lista de alemães "limpos"; pessoas liberadas para emigrar e encontrar trabalho. Era provavelmente o mesmo documento que Gil tinha no Brasil. Nenhum arquivo dizia o que Ernst Schultz fizera *durante* a guerra.

Samen continuou:

— Acho que foi apagado.

— Ele tem dinheiro?

— Está prestes a ganhar. Uma agência de turismo no Brooklyn está vendendo um tratamento em sua clínica.

— Nome do proprietário?

— Ainda não sei.

— Nome da agência?

— R&R. Posso fazer uma visita?

— Deve — Leon disse, enquanto pagava pela cerveja e saía do bar.

Samen virou-se de novo para a mesa onde estava a garota. Havia um yuppie branco sentado ao seu lado e com um dos braços às suas costas. Mesmo assim ela deu outra olhadela para Samen.

* * *

Eram dez horas da manhã quando Roy viu o homem da maleta parado em frente à casa de Rita. Roy tinha tomado seu café, estava vestido, barbeado e pronto para sair, mas agora ele não podia fazê-lo. Ele ficou em seu quarto atrás da janela entreaberta, olhando para o homem da maleta. Devia ser um oficial de justiça enviado por Sondra e pelo juiz.

Roy riu. Ele já devia saber: Sondra nunca desistiria tão facilmente. Especialmente agora que a *trip* de clareamento tinha aparecido em vários jornais. Não havia nada nesse mundo que Sondra desejaria mais que uma parte dos seus negócios.

Mas porque ele simplesmente não tocava a campainha? Roy pensou. Talvez ele quisesse pegar sua vítima de surpresa.

Quando Roy olhou de novo, ele não viu o homem da maleta. Abrindo a janela, ele pôde ver toda a rua. Ele olhou para ambos os lados. O homem tinha desaparecido. Talvez ele estivesse dentro de algum carro. Ou próximo à porta de entrada.

Roy correu escada abaixo, parou perto da porta da frente e deu uma olhada pelo vidro que ladeava a porta. O homem não estava ali. Ele abriu a porta para ver se ele deixara uma nota ou algo assim. Não havia nada. Roy voltou para o quarto.

* * *

Eram 6:15 da tarde quando Roy viu Rita e Roger estacionando o carro na frente de casa. Ele permaneceu em seu quarto. Não havia motivo para descer; ele já sabia o que Rita iria lhe dizer.

Demorou bastante até que Rita subisse ao sobrado. Ele lia um livro em sua cama quando viu que ela passava pelo corredor. Em um segundo ela voltou e virou-se para ele.

— Ah, você está aqui? — ela disse. — Como foi?

Roy tinha prometido a Rita renovar hoje sua carta de motorista. Desde que ele chegou, ela o pressionava para que saísse mais. Mas ele não gostava de sair, ela sabia disso. Não havia motivo para

sair. Uma das desculpas que ele teve de dar para fazer com que Rita parasse de atormentá-lo era que precisava renovar sua carta de motorista.

— Eu...eu não fui.

Ela entrou no quarto, olhou para ele e suspirou.

— Você nem saiu do quarto, né?

Ele sentou-se na cama e balançou a cabeça:

— É que houve um problema.

— *Há* um problema aqui.

— Não, eu estou falando sério. Sondra mandou um oficial de justiça aqui.

Rita cruzou os braços e sorriu:

— Pois esse seria um bom motivo para *sair*.

— Você não entende — Roy disse. — O cara ficou na espreita. Ele ficou na calçada esperando eu sair pra me pegar.

Rita não retrucou. Ela continuou sorrindo antes de dizer:

— Vou te dizer o que eu vou fazer. Vou ligar para a Sondra. Acho que você deve conversar com ela.

Roy sentiu como se seu coração tivesse parado de bater. Sua irmã não podia estar falando sério.

— Pelo amor de Deus, Roy. — Ela estava rindo dele. — Você está ficando mais branco ainda!

De repente, o verdadeiro motivo de Roy ter deixado o país voltou à sua mente com impressionante clareza. O sentimento de que nem o seu velho quarto era um lugar seguro era sufocante. Ele não tinha mais um lugar que pudesse chamar de lar. A vida era terrivelmente insegura por aqui.

Ele se levantou da cama, foi até o armário e puxou sua mala para fora.

Rita fechou a porta do armário e em seguida pôs as duas mãos em seus ombros, dizendo:

— Calma, Roy. Eu estava brincando. Amanhã você estará seguro; você vai até a agência conosco.

* * *

Em sua hora de almoço, Samen deixou o escritório do Centro Rosenthal e pegou o metrô para o Brooklyn. Quando localizou a agência de turismo R&R, ele tirou o anúncio do bolso e empurrou a porta da frente.

Havia três pessoas dentro da agência. Duas sorriram para ele. A terceira não tinha sua própria mesa, estava sentada num sofá. Olhando para seu rosto, Samen teve uma sensação de déjà vu.

— Posso ajudá-lo senhor?

Samen sentou-se em frente à mesa e pôs o anúncio sobre ela.

— Eu estava lendo seu anúncio e... — Ele parou de falar enquanto observava as fotos do sujeito negro "antes" e branco "depois".

Segurando o anúncio na mão, ele virou-se para o cara branco sentado no sofá:

— É *you*?

O cara levantou-se e apertou sua mão:

— Muito prazer. Roy Swart.

— Meu irmão mais novo — disse a mulher. — A ovelha *branca* da família — ela concluiu com uma risada.

Samen continuou olhando para Roy. Ele sentia como se já o tivesse visto em algum lugar e não apenas no anúncio.

— Então...você já esteve lá?

Ele concordou com a cabeça:

— Eu moro no Brasil.

Samen deu um largo sorriso. *Roy Swart*, ele acabara de lembrar, era o nome do novo patrão da amante de Mengele.

— O Brasil é um país bem grande — ele disse.

— Eu moro onde fica a clínica, em Angra dos Reis. Você já esteve no Brasil, senhor...

— Richard Cane. E não, eu nunca estive no Brasil — disse Samen — mas pelo que ouvi falar as mulheres por lá são bem mente-aberta, se é que você me entende.

— É, elas são. — Roy sorriu. — Todos eles são.

— E o doutor? Você o conhece bem?

Roy fez que sim com a cabeça:

— O doutor Schultz é um grande amigo meu. E um excelente cirurgião, como você pode ver — ele disse, apontando para seu próprio rosto.

— Posso perguntar o que ele faz no Brasil? Quer dizer, por que um profissional tão competente faria sua clínica num lugar assim, isolado?

— Os melhores cirurgiões plásticos do mundo estão no Brasil, senhor Cane — a mulher respondeu.

— Além disso, este é um tratamento polêmico — disse Roy. — Nos Estados Unidos o Dr. Schultz certamente se tornaria alvo de grupos radicais ou coisa assim.

— É — Samen concordou com a cabeça. — Com certeza.

— Mas você não precisa se preocupar com nada — a mulher disse. — É só escolher o tom de pele que mais lhe agrada que o Dr. Schultz se encarrega do resto.

Samen virou-se para ela. Ela olhou para seu rosto e acrescentou:

— Posso ver que seu nariz e lábios já são finos. Você não vai precisar de cirurgia plástica como meu irmão. Seu tratamento será mais barato e totalmente indolor.

— Mais barato que...?

Ela virou-se para o cara na mesa ao lado e disse:

— Roger, por favor...

Roger lhe entregou um folheto colorido com preços, itinerário e tudo o mais.

— Nós já estamos formando grupos — disse Roger — mas ainda não temos as datas de partida. Quando tudo estiver acertado nós lhe informamos.

Samen sorriu:

— De qualquer modo, eu ainda não me decidi.

— Não demore muito. Nós temos muitas pessoas interessadas.

Levantando-se, Samen disse:

— Eu entrarei em contato.

Ele apertou as mãos de todos e saiu.

* * *

13. Contato Esquizofrênico

Olhando para o outro lado da rua, Samen podia ver as flores que as pessoas continuavam colocando no local onde John Lennon fora assassinado cinco anos antes. *Um martírio ecumênico*, ele pensou; sem dúvida mais famoso que o martírio de seis milhões, quarenta anos antes. Até Gil, que pouco sabia sobre o Holocausto, devia estar a par do que acontecera nessa calçada de Nova York — e nem teve de assistir a um filme de Hollywood para isto.

Samen só parou de olhar para as flores quando o caubói sefardita atravessou a rua na sua frente e entrou no Central Park. Samen o seguiu. Quando Leon parou para observar umas crianças que jogavam futebol, Samen comprou pipoca de um vendedor próximo e encostou ao lado dele.

Mastigando pipoca e olhando para as crianças, Samen disse:

— O contato é o novo patrão da amante de Mengele. Além de amigo do nosso novo doutor.

— Amigo? — Leon resmungou.

— Não o tipo de amigo que você está pensando. Ele não parece ser um deles.

— Tem certeza?

— Veja: o cara é de família negra nova-iorquina, mudou-se para o Brasil, conheceu o doutor, fez cirurgia plástica com ele e agora usa a agência da irmã para levar clientes para o doutor.

Leon ficou em silêncio por alguns segundos antes de dizer:

— Por que ele mudou pro Brasil?

Samen franziu a testa. Sendo uma pessoa sem raízes, ele sabia que havia inúmeras razões para se emigrar. Na falta de razões políticas e econômicas, o emigrante poderia ter motivos pessoais.

— Isso faria alguma diferença? — ele perguntou.

Afastando-se, Leon disse:

— Descubra.

* * *

Tirando a manhã de folga, Samen foi ao Brooklyn como se fosse um pesquisador, com prancheta e questionário nas mãos. Não seria difícil fazer esse trabalho de campo, ele pensou, depois do trabalho burocrático feito por Leon.

De acordo com os achados de Leon, esse Roy nunca fora de sair muito. Embora tivesse diploma de faculdade, nunca trabalhara em nível de gerência. Seu endereço sempre fora o mesmo. Tinha frequentado escolas e trabalhado sempre perto da casa de seus pais no Brooklyn de Nova York. Ele só saiu do ninho quando mudou para o Brasil. Curiosamente, não havia mais nenhum registro de viagem internacional em seu nome.

Para Samen, o estilo de vida de Roy era similar ao de muitos simpatizantes de grupos radicais de extrema direita. Era esse tipo de fracassado na vida que geralmente se tornava um neonazista. Porém, Leon não encontrara o nome de Roy em nenhum grupo catalogado pela inteligência israelense. Ele não era um deles, como Samen havia antecipado. Ele devia ter tido outra razão para mudar-se para o Brasil.

Ligando do telefone público para Leon, Samen foi informado que Roy e sua irmã estavam na agência de turismo. Então ele foi até a casa deles e tocou a campainha. Depois de tocar três vezes, ele foi até a casa vizinha. Como descobrira em sua própria investigação, esta casa era habitada por Joanne Gladden, uma solteira idosa que vivia ali desde os anos 40. Ela devia, pensou Samen, conhecer Roy desde que ele era uma criança.

Assim que a senhora atendeu a porta, Samen perguntou sobre os vizinhos.

— Roy deve estar em casa — ela disse. — Ele nunca sai.

Samen balançou a cabeça enquanto folheava as páginas que estavam presas à prancheta.

— Então eles me deram a informação errada. Eu devia entrevistar uma pessoa que se mudou para viver em um país estrangeiro.

— A informação está correta. Roy mudou-se para o Brasil. Ele só voltou para visitar a irmã, acho eu.

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela continuou:

— O que eu quis dizer é que Roy não é tipo de pessoa que sai por aí. Mesmo quando era um garoto, ele não gostava de sair. Sua mudança para o Brasil foi uma grande surpresa para mim, pra te dizer a verdade.

— Então a senhora o conhece bem, dona...

— Meu nome é Joanne.

— Talvez a senhora possa me ajudar, d. Joanne.

— É claro. — Ela sorriu. — Para quem você está trabalhando?

— Para o governo — Samen disse. — Quer dizer, eu trabalho para uma companhia que faz pesquisa de mercado que foi contratada por uma agência do governo.

— O departamento de imigração?

— Não, senhora. Essa é a situação inversa. O governo está fazendo uma pesquisa para saber porque muitos americanos preferem viver em outros países.

Ela franziu a testa:

— Por que eles iam querer saber isso?

— Eu não sei não, senhora. — Ele deu de ombros. — Eu só estou fazendo o que me mandaram.

A mulher o convidou a entrar. Mais uma vez seu novo visual yuppie estava funcionando. Ele tinha a aparência de uma pessoa confiável. Ele até se *sentia* como uma pessoa confiável.

Sentando no sofá à sua frente, ele deu uma olhada na prancheta em suas mãos antes de virar-se para ela.

— A senhora sabe se ofereceram um emprego a ele? Um emprego no Brasil, quero dizer.

Ela sorriu:

— Até onde eu sei, Roy nunca se candidatou a empregos fora da cidade de Nova York.

— Algum motivo?

Seu sorriso ficou malicioso:

— Roy nunca foi uma pessoa que vai à luta, se é que você me entende. Seu quarto era o mundo para ele.

Samen concordou com a cabeça como se isso não tivesse importância.

— Mas...o que ele disse quando resolveu deixar o país?

— Eu nunca conversei muito com Roy. Ele é uma pessoa fechada. Mas eu me dou bem com a sua irmã, e ela só me disse que Roy estava saindo da casa deles.

Usando a caneta, Samen escreveu "uma mulher???" sobre a prancheta em seu colo.

— Por causa de uma mulher? — ele perguntou.

— De um certo modo, sim, já que isso aconteceu logo depois que sua mãe faleceu.

"Outro Norman Bates???" Samen escreveu.

— Foi um choque muito grande para ele?

— Não — ela disse, balançando a cabeça. — Sua mãe teve uma morte lenta. Foi mais uma questão de dinheiro, já que depois que ela morreu seu cunhado pagou para que ele deixasse a casa só para sua irmã.

Ainda assim não havia motivo para ele sair do país, pensou Samen. A menos que o pagamento tivesse vindo depois de uma briga.

— Entendo — ele disse. — Um desentendimento na família...

Segurando-se para não gargalhar, ela disse:

— Roy nunca foi de lutar por nada. Mesmo que ele quisesse ficar, ele não lutou por isso. A única coisa contra a qual ele realmente lutou foi seu medo de deixar esta casa.

Samen olhou em seus olhos:

— Pessoas como ele geralmente precisam de ajuda.

— Oh, ele teve ajuda, sim — ela disse enquanto gesticulava. — Ele ia num psiquiatra, Dr. Brown. Fica perto da agência de Rita.

* * *

Como Leon não ficara satisfeito com o resultado de seu trabalho de campo, Samen teve de ajudá-lo a arrombar o consultório do Dr. Brown.

Depois de cortar a eletricidade e a linha telefônica, Leon abriu silenciosamente a porta do consultório. Considerando-se que ficava num prédio bem antigo, ficou tudo fácil para Leon.

Para Samen era um prazer observar o mestre da inteligência israelense em ação. Leon reconheceu cada peça da instalação, cada marca de fechadura e imediatamente soube como lidar com elas. É claro, num prédio comercial tão simples, pequeno e desprotegido até Samen poderia fazê-lo sem deixar marcas. Em menos de cinco minutos eles estavam apontando suas lanternas para os arquivos do Dr. Brown.

Samen abriu a gaveta com a pasta "Swart, Roy" e puxou-a para fora. Ele iluminou a pasta aberta enquanto virava as páginas. Leon fotografou tudo. Outro esquizofrênico amigo de nazistas, pensou Samen, a manter a inteligência israelense ocupada.

* * *

14. As Jóias da Família

Roy pôs a última peça de roupa em sua mala e tentou fechá-la. Como estava muito cheia, ela não fechou. Ele resmungou. Se ela estava levando de volta ao Brasil o mesmo guarda-roupa que trouxera a Nova York, não havia motivo para que ficasse tão cheia.

Ele estava sentando na mala quando ouviu baterem na porta do quarto. Rita entrou. Olhando para ele, ela disse:

— Precisa de ajuda?

Roy continuou sentado sobre a mala.

— Tranque o fecho para mim, por favor.

Ela trancou e ele saiu de cima da mala.

— Obrigado.

Olhando para a mala estufada, ela perguntou:

— Comprou algo para o doutor?

Ele sacudiu a cabeça.

— Vocês, homens... — Ela suspirou. — Ele é seu sócio, pelo amor de Deus. Compre algum presentinho pra ele no aeroporto.

Ele concordou com a cabeça enquanto pegava a mala.

— Eu estou pronto.

Antes de deixar o quarto, porém, Roy foi até a janela dar uma outra olhada na rua. Não havia nenhum oficial de justiça à vista, só um operário da companhia telefônica e sua van parados bem em frente à casa.

Quando Roy começou a colocar a bagagem no porta-malas do carro, o operário da companhia telefônica se aproximou dele e de Rita. Era um homem corpulento usando um lenço no pescoço e um belo par de botas de caubói. Talvez boas demais para um operário, pensou Roy.

Ele tirou seu capacete e disse para Rita:

— Com licença, senhora.

Ela virou-se para o homem. Ele continuou:

— Eu estou tendo problemas para encontrar a origem de um defeito na sua linha. Posso fazer um teste na sua casa?

— Desculpe — ela respondeu. — Mas nós não temos tempo agora.

— Eu termino em um minuto — o operário disse, pondo o dedo em seu relógio.

Enquanto Roy fechava o porta-malas do carro, Rita escoltou o operário até a casa. Ambos saíram um minuto depois.

— O que ele fez? — Roy perguntou.

— Nada — disse Rita enquanto sentava atrás do volante e dava partida no carro. — Ele plugou seu fone portátil na nossa tomada, desplugou e disse Obrigado.

* * *

De volta ao Brasil, Roy deu um suspiro de alívio quando entrou em casa. Era como se o peso do mundo tivesse sido deixado do lado de fora da porta.

Ele jogou sua mala ao chão, deitou no sofá e fechou os olhos. Então ele abraçou a si mesmo. O sentimento de segurança não era tão intenso quanto costumava ser no seu velho quarto de solteiro no Brooklyn, mas era forte o suficiente para dar um algum lastro à sua vida. Não havia motivo para que ele deixasse essa casa, essa ilha. Não mais.

Ele abriu os olhos e se levantou, procurando por Betânia. Depois de alguns minutos ele teve certeza de que ela não estava em casa. Felizmente ela tinha deixado a geladeira cheia. Sentando-se na mesa da cozinha, ele fez alguns sanduíches.

Roy achava estranho comer sozinho nessa cozinha sem a companhia de Betânia. Ela era uma tagarela, mas ele gostava disso. Gostava de sua companhia. Gostava de ouvi-la falando sobre pessoas que não conhecia, coisas que ainda não compreendia, gírias que não aprendera. Era o tipo de papo que não machucava. Não havia exigências em suas palavras, apenas prazer.

Como ela não tinha deixado nenhum bilhete, Roy presumiu que ela estava na ilha. Talvez ela estivesse se sentindo solitária na casa, ele pensou, e ido à casa do doutor.

Terminado o sanduíche, ele saiu de casa e caminhou rua acima.

Ao chegar à casa do Dr. Schultz, Roy viu que ele tirava um cochilo na rede como um legítimo caiçara.

O velho alemão abriu os olhos:

— Seja bem-vindo, rapaz. Como foi a viagem?

— Diferente.

— Mesmo?

Roy fez que sim com a cabeça e sorriu:

— Foi minha primeira viagem como um homem branco.

O doutor sorriu de volta:

— Sentindo-se superior, hein?

— Será mesmo?

— Quando você sabe que é, você faz com que as pessoas se ajoelhem diante de você.

Roy percebeu que o doutor não estava olhando para ele; ele estava divagando. Lembranças de uma velha Alemanha, talvez.

— Bom, mas o que eu queria te perguntar é se você viu Betânia.

— Eu não a vejo desde que você foi a Nova York. Ela deve ter ido pra casa de sua mãe.

Roy fez que sim com a cabeça. Talvez ele devesse aumentar seu pagamento para mantê-la, ele pensou. Especialmente agora que ele ia se tornar um próspero empresário.

Dr. Schultz sentou na rede e olhou para Roy:

— Então, quantos *brothers* você trouxe para mim?

Roy o encarou. Ele odiava essa ironia de mau gosto.

— Como é que eu poderia trazê-los? Você tem mais pedreiros que enfermeiras em sua clínica!

— *Enfermeiras?* — O doutor ficou em pé. — Eu não posso pagar enfermeiras. Eu nem posso pagar esses pedreiros!

— Não? — disse Roy, franzindo a testa.

Dr. Schultz deu um sorriso irônico, um passo adiante, e colocou sua mão direita no ombro de Roy, dizendo:

— Leve-me ao banco, sim?

* * *

Essa era a primeira vez que Roy dirigia no Brasil. Sua carteira de motorista norte-americana já tinha perdido a validade mas, até aí, como é que um policial rodoviário brasileiro ia notar isso? Dr. Schultz havia insistido que não haveria problema e que, de qualquer modo, o suborno seria por conta dele. Roy estava se sentindo como se, de repente, ele tivesse se tornado uma marionete do Dr. Schultz. Dr. Schultz era o mestre e ele era seu servo, pensou Roy. Não era uma situação confortável.

Embora o doutor estivesse pagando por tudo nessa viagem até São Paulo, Roy teve de usar seu cartão de crédito para alugar o carro em Angra. Dr. Schultz logo cochilou no banco de passageiros, enquanto Roy lutava com o câmbio manual e enfrentava o agressivo trânsito das ruas brasileiras.

Assim que Roy viu a placa na estrada indicando que eles estavam entrando em São Paulo, ele acordou o Dr. Schultz gritando:

— Para onde, agora?

O doutor abriu os olhos e olhou em volta.

— Onde estamos?

— Você disse que conhecia o caminho! — ele berrou enquanto enxugava a testa.

Suas roupas estavam ensopadas de suor. Eles haviam partido de Angra pela manhã e parado apenas para o almoço. Agora, no meio da tarde, Roy já não sabia há quantas horas dirigia esse carro sem ar condicionado. Ele só sabia que devia ter vindo de ônibus.

— Ah, sim — Dr. Schultz finalmente disse. — Nós vamos cair na marginal. Continue em frente.

Roy seguia um ônibus; provavelmente o ônibus que eles deviam ter tomado. Ao contrário dos outros motoristas, ele não ultrapassava; ele se sentia muito mais seguro seguindo veículos grandes. O que não o deixava nem um pouco seguro, por outro lado, era a vizinhança que de repente passou a margear a estrada. Roy estava achando aquela paisagem, com muitos barracos de madeira amontoados, bastante ameaçadora. Ele decidiu que continuaria em frente mesmo que um pneu furasse.

Continuando em direção ao centro de São Paulo, Roy notou mudanças na paisagem. Ainda era feia, mas agora se parecia mais com um bairro industrial decadente. As fábricas mais novas, cercadas

por jardins, haviam ficado para trás na estrada. Aqui elas eram menores e com aspecto deprimente. À esquerda da avenida ele podia ver um rio relativamente largo que fedia e se parecia com um grande canal de esgoto.

Apontando para o próximo viaduto, Dr. Schultz disse:

— Pegue a próxima saída à direita.

Roy subiu o viaduto e acabou descendo num labirinto de ruas. Felizmente o doutor parecia conhecer todos os marcos do caminho. Eles terminaram entrando no estacionamento de um hotel no centro da cidade.

Para Roy o hotel decadente onde eles estavam tinha tudo a ver com o Dr. Schultz. Havia um ar de decadência europeia dentro dele. Aliás, toda a vizinhança tinha um aspecto um tanto lúgubre. Era muito diferente da simplicidade aconchegante de Angra.

Assim que eles entraram no saguão do hotel, o concierge chamou Dr. Schultz pelo nome e o abraçou. Roy sorriu: agora ele tinha certeza de que ainda estava no mesmo Brasil.

O concierge então virou-se para ele. Era um homem mulato, estatura mediana, rosto redondo e um largo sorriso nos lábios. Ele perguntou:

— Você também é alemão?

Roy riu:

— Eu pareço alemão pra você?

Ele apertou sua mão, lhe deu um abraço e disse:

— Parece, sim.

— Isso sim é que é subir na vida! — Dr. Schultz disse em inglês.

Ambos seguiram um garoto carregador de malas até o quarto. Um passo atrás do doutor, Roy disse:

— Parece que você vem sempre aqui.

Ele parou e virou-se para Roy.

— Esta é minha casa em São Paulo — ele disse. — Eu sempre fico aqui quando tenho de ir ao banco.

— E você precisa vir sempre a esse banco?

O doutor só fez que sim com a cabeça.

— Por quê?

— Porque meus bens estão em seu cofre.

— Que tipo de bens?

— Um coisinha que eu trouxe da Alemanha muitos anos atrás.

— Por exemplo?

Eles pararam em frente à porta do quarto enquanto o garoto a abria.

— As joias da família — o doutor disse, olhando em seus olhos. — O que mais poderia ser?

* * *

15. O Cofre

Desta vez Samen encontrou-se com Leon na United Nations Plaza, a praça ao lado do prédio das Nações Unidas em Nova York. Um encontro a céu aberto na hora do almoço de um dia ensolarado. Assim que chegou, ele viu Leon em pé, encostado no gradil, olhando para o rio e para a ponte Queensboro. Ele reconheceu o caubói sefardita pelas suas inconfundíveis botas.

Samen apoiou-se no gradil ao seu lado.

— Nosso amigo de pele clareada não fala muito — Leon disse. — Ele só ligou uma vez pra irmã.

Samen fez que sim com a cabeça. Ele sabia que Leon tinha grampeado a casa e a agência da irmã de Roy.

— Vamos esperar mais um pouco. Ele acabou de chegar em Angra.

— Ele viajou pra São Paulo com *Herr Doctor*.

— Quando?

— Ele disse que ia viajar hoje.

Seria muito tarde para ligar para Gil? Samen pensou. Mas mesmo se não fosse muito tarde, São Paulo era uma cidade com quase dez milhões de habitantes; Gil ia precisar muito mais que dois nomes de pessoas sem destino exato. Então ele perguntou:

— Ele deu o endereço?

— Não. Suas palavras foram: "vou levar o doutor ao banco em São Paulo."

— Isso não é muito.

— É tudo que temos — disse Leon. — E ele não me parecia feliz. Por ter de levar o doutor, quero dizer.

Samen riu. O doutor nazista estava fazendo Roy de gato e sapato.

— Quando eu o conheci na agência de turismo — disse Samen — logo percebi que estávamos lidando com um fracote.

— *Herr Doctor* também.

— Talvez ele esteja usando Roy para conseguir alguma coisa.

— Dinheiro? — Leon perguntou.

Samen deu de ombros:

— A rede de segurança financeira dos nazistas pode ser pior do que imaginamos.

Mesmo tendo chegado perto da fonte de renda de Mengele no Brasil, Samen não pôde determinar se havia uma organização como a Odessa ou a Kameradenwerk — criadas para ser a rede de segurança financeira dos fugitivos nazistas — por trás. Talvez os relatórios policiais estivessem corretos; talvez seu dinheiro tenha sempre vindo de sua rica família na Alemanha.

— Se *Herr Doctor* está indo para São Paulo — disse Leon — e lá que sua rede de segurança está sediada.

Sim, pensou Samen, *mas onde em São Paulo?*

Leon virou-se, ficando de costas para o rio e o gradil. Ele pigarreou antes de dizer:

— Seu agente brasileiro precisa fazer por merecer seu pagamento.

Olhando para o rio, Samen pôde ouvir que Leon e suas botas se afastavam.

* * *

Eram quase seis horas da tarde quando Gil voltou à delegacia. Em sua mesa, ele encontrou quatro bilhetes escritos à mão. Em todos, mensagens de telefonemas que recebera. Dando uma rápida olhada, percebeu que um deles era do falasha. A palavra "urgente" estava sublinhada.

Ele olhou para o relógio e suspirou. Tinha de fazer uma prova na faculdade às sete horas, e esta era uma prova que ele não podia perder. O falasha queria que ele retornasse a ligação imediatamente.

Gil continuou olhando para o bilhete por alguns segundos, suspirou novamente e começou a discar o número de Samen.

Assim que ouviu a voz de Samen, pediu a ele que fosse breve, pois estava com pressa.

— Desculpa-me Gil — Samen retrucou — mas isto vem em primeiro lugar.

É o que você pensa, pensou Gil enquanto virava os olhos e murmurava:

— O que é?

— Ernst Schultz está em São Paulo.

— Onde em São Paulo?

— É isso o que tu tens que descobrir. Ele foi a um banco na tua cidade, um banco onde ele provavelmente tem uma conta, uma caixa num cofre-forte ou ambos. O patrão de Betânia é que está a trazê-lo de carro. Eles com certeza dormirão em São Paulo esta noite, antes de voltar para Angra.

— É isso? — Gil perguntou.

— Isso é tudo que temos. Agora, a coisa mais importante é descobrir o nome e endereço desse banco, e o que ele foi fazer lá. E eu também quero que tires uma boa foto de seu rosto.

— Desculpe, mas acho que não vai dar — disse Gil. — Se você não me der mais informações, eu não vou poder encontrá-lo.

— Que tipo de investigador és tu, afinal? — Samen retrucou elevando seu tom de voz. — O homem está na tua cidade e tu tens a droga da ficha dele bem na tua gaveta. O que mais tu precisas?

— Escuta — Gil rosnou — eu não preciso que você me diga como...

— Não percas mais tempo. Apenas *faz* — Samen disse e desligou.

Gil bateu o telefone. *O que é que esse crioulo cor de piche tá pensando que eu sou?* ele pensou. *Eu não sou nenhum empregadinho dele.*

Ele olhou para o relógio. Eram seis e quinze. Ele ainda tinha tempo de chegar na faculdade e fazer o exame.

* * *

Gil decidiu fazer o que o falasha pedira apenas na manhã seguinte. Ele chegou à delegacia às 8 e meia e a primeira coisa que fez foi dar uma olhada nas pastas do caso Mengele. Ele dormira pensando nisso e concluiu que a resposta tinha de estar nesses arquivos, e não no de Ernst Schultz. A ficha de Schultz na Polícia Federal dizia respeito apenas ao seu status como imigrante e nada mais.

Gil abriu a pasta que continha uma lista com nomes, números de telefone, endereços e ocupação das várias pessoas que foram interrogadas no caso Mengele. Talvez, ele pensou, algumas dessas pessoas pudessem dizer em quais hotéis os amigos de Mengele costumavam ficar em São Paulo.

Primeiro ele ligou para todos os gerentes de banco da lista e perguntou se tinham algum Ernst Schultz como cliente. A resposta foi negativa. Se o médico nazista tinha aberto uma conta sob outro nome, Gil não tinha como saber.

Então ele ligou para o único gerente de hotel que constava da lista. Como o gerente não estava em serviço, ele pediu ao empregado que o atendeu para checar a lista de hóspedes. Um certo Dr. Schultz tinha se registrado na tarde o dia anterior, sim; ele e outro estrangeiro chamado Roy Swart. Ambos ainda estavam no quarto.

Gil abriu um sorriso de orelha a orelha. *Fica fácil quando você sabe pra que lado olhar*, ele pensou.

Ao desligar o telefone, ele leu o endereço do hotel e sentiu um calafrio na espinha: o hotel podia ser visto de sua janela! Ele estava no 14o. andar do edifício da Polícia Federal, e a fachada do hotel podia ser vista do outro lado da praça vizinha. Como os bancos só iam abrir às 10 horas, ele tinha bastante tempo para caminhar através da praça e seguir o médico nazista até o cofre.

O hotel era na avenida São João, que costumava ser uma das vias mais agitadas de São Paulo quando seu pai era jovem. Gil sempre ouvira com atenção as histórias de seu pai sobre a época de ouro da avenida nos anos 50, quando os homens vestiam ternos, as mulheres saias longas, todos eram felizes e tudo o mais. Agora essa avenida não era nada mais que uma rua decadente com prédios comerciais decrépitos, prostíbulos e hotéis de terceira categoria. Gil achava estranho o médico nazista ter escolhido

um hotel tão ruim. Esse era o tipo de lugar que só seu pai teria escolhido.

Gil saiu do prédio envidraçado da Polícia Federal na esquina da Rio Branco com Antonio de Godói, caminhou através do Largo do Paissandu, atravessou a São João e entrou no hotel.

Em seu saguão, Gil sentiu cheiro de mofo. Tudo parecia tão velho quanto as histórias de seu pai. As colunas ao lado do balcão tinham aquele formato de cone invertido típico dos anos 50. A mobília também tinha aquelas pernas palito da época. Até os desenhos nas paredes se pareciam com os que seu pai tinha quando Gil era criança.

Gil perguntou o nome do funcionário atrás do balcão. Era o mesmo que tinha atendido seu telefonema minutos antes. Gil lhe mostrou seu distintivo e perguntou se o Dr. Schultz continuava em seu quarto. Ele respondeu que sim. Gil pegou um jornal do balcão e sentou no sofá cheirando a mofo.

Quando ouviu o funcionário pigarreando, Gil levantou a cabeça. Um homem alto de cabelos brancos estava deixando a chave do quarto no balcão. Junto a ele estava um homem muito mais jovem. Devia ter seus trinta e poucos anos. Tinha estatura mediana, estava acima do peso e seu rosto tinha feições estranhas, tão artificiais quanto as de um boneco de cera. Não se pareciam nada com as feições de um negro albino, de qualquer modo.

Gil largou o jornal no sofá e, segurando uma pequena máquina fotográfica na mão, saiu atrás deles.

Eles desceram a avenida em direção ao Vale do Anhangabaú. Repentinamente Gil lembrou-se que o Vale do Anhangabaú era, segundo as palavras de Betânia, o destino do ônibus que Mengele costumava tomar perto de sua casa em Eldorado Paulista.

* * *

Caminhando ao lado do Dr. Schultz, Roy lembrou-se que ele havia dito que o banco era perto, que não seria preciso pegar o carro. Depois de caminhar apenas uma quadra, ele se viu em um vale com muitos pedestres, além de carros, ônibus, operários da construção civil e camelôs barulhentos, todos dividindo o mesmo espaço.

Depois de atravessarem o vale, eles subiram uma rua bem inclinada. Roy olhou para cima e viu, bem à sua frente, uma imitação do edifício Empire State de Nova York com cerca de quarenta andares. Na esquina seguinte, o doutor virou à esquerda e foi em direção a um prédio revestido de pedra escura. Eles deviam estar em pleno distrito financeiro, pensou Roy, já que todas as fachadas de prédios exibiam logotipos de bancos. Uma vez dentro do banco, Dr. Schultz falou com um dos funcionários atrás do balcão. Alguns minutos depois, eles estavam no elevador que os levaria ao cofre subterrâneo.

Roy aguardou, afastado, apenas ouvindo o doutor entrar no cofre, abrir sua caixa e a trancá-la novamente. Ele voltou com um colar e alguns dentes de ouro nas mãos, além de meia dúzia de alianças, que guardou num envelope antes de enfiar no bolso.

Roy franziu a testa e perguntou:

— Que tipo de família você tem, afinal? Por que tantas alianças?

— Meu pai era joalheiro — ele respondeu com naturalidade. — E esta foi minha recompensa por ter sido um filho exemplar.

* * *

16. Um Homem, Um Rosto

Demorou uma semana para que Samen recebesse em Nova York as fotos tiradas por Gil em São Paulo.

Ele pegou o envelope quando estava voltando a seu apartamento depois de um dia de trabalho. Ele pôs seu jantar, umas caixinhas de comida chinesa, sobre a mesa de centro e abriu o envelope.

Havia cinco fotos dentro dele. Para Samen, ficou logo óbvio que Gil era um péssimo fotógrafo que usava máquinas de terceira categoria. Essas fotos não passavam de instantâneos amadores. De qualquer modo, havia uma foto onde o rosto do doutor podia ser visto. Devia ser o suficiente.

Samen deu uma olhada no envelope vazio para ver se Gil tinha incluído uma carta. Não havia nada. Ele provavelmente pensou que seu telefonema tinha sido o suficiente. Gil ligara para Samen no mesmo dia em que vira o doutor alemão e o americano de pele clareada. Em seu telefonema, Gil disse que ambos tinham ido a um cofre de banco no Vale do Anhangabaú, o mesmo destino — e ele enfatizou isso — do ônibus que Mengele costumava tomar. Do banco eles tinham ido direto a um negociante de ouro na vizinhança de quem, segundo Gil, a polícia costumava arrancar informações. Na sua tradicional conclusão autocongratatória, Gil disse que embora as peças de ouro do doutor fossem comuns, sem nenhuma marca, ele poderia fazer com que o negociante cantasse qualquer música.

Samen olhou novamente para a foto, a foto que mostrava o rosto do doutor. Ele concluiu que ela precisaria passar por um bom laboratório. O rosto tinha de ser aumentado e definido. Depois disso uma técnica de rejuvenescimento teria de ser usada a fim de mostrar o jovem nazista escondido por trás deste rosto de velho. O laboratório do Centro Rosenthal poderia fazê-lo.

* * *

Na manhã seguinte, Samen entrou no escritório de seu chefe com o instantâneo de Gil nas mãos. Atrás de sua mesa, Ben Rosenthal levantou-se. O que não fez muita diferença, já que Ben não era mais alto que uma criança de dez anos. Samen apertou sua mão e sentou-se, colocando a foto sobre a mesa. — Este é o misterioso doutor sobre o qual falamos — ele disse. — Esta foto chegou ontem do Brasil.

Ben segurou a foto nas mãos:

— O nazista que nunca existiu...

Samen fez que sim com a cabeça:

— Você acha que esta foto poderia ajudar?

Ben recolocou a foto sobre a mesa e continuou olhando para ela.

— Quando nós não temos arquivos escritos — ele disse — nós temos de confiar neste aqui — ele concluiu, apontando para sua própria cabeça.

— Este rosto lhe é familiar, Ben?

— Não. — Ben balançou a cabeça. — Ao menos não para mim. Mas...

Ele fez uma longa pausa olhando para a foto antes de dizer:

— Eu estive pensando sobre essa droga que ele produz.

Samen franziu a testa:

— A que clareia a pele?

Ben fez que sim com a cabeça:

— Sabe, há muitos anos atrás eu recebi uma carta que...

Ele fez outra pausa para abrir a gaveta da escrivaninha e tirar uma folha de papel escrita a mão, a qual ele pôs sobre a mesa.

— O remetente diz que foi um *kapo* em Auschwitz, então ele via coisas que os prisioneiros comuns não viam.

Samen levantou as sobrancelhas. Era estranho ver um ex-prisioneiro de campo de concentração confessando que tinha sido um *kapo*, um prisioneiro que fazia o trabalho sujo da Gestapo a fim de ganhar mais comida. Também era estranho o fato de ele ter mandado essa confissão a uma bem-conhecida vítima

dos *kapos*.

— Em resumo — disse Ben — ele queria saber se o Centro Rosenthal sabia algo sobre o programa de experiências raciais chamado *Afrika Untermenschen*.

— Nunca ouvi falar.

— Nem eu — Ben retrucou. — De qualquer modo, eu fiz minha lição de casa na ocasião e não consegui achar nada. De acordo essa carta, alguns falashas capturados pelas tropas de Mussolini na Etiópia foram enviados para a Alemanha, para essas assim-chamadas experiências com os "sub-humanos da África". Seu propósito seria aplicar aquelas experiências genéticas insanas no seu povo.

— O que nos leva de volta ao nosso "mestre geneticista" Josef Mengele — disse Samen.

— Não. — Ben balançou a cabeça. — Isso nos leva a uma cidadezinha chamada Königshütte — ele disse.

Então ele ergueu a carta e começou a lê-la:

— "A única vez em que eu saí do campo, fui levado a uma estação de trem pegar uma família de negros. Eles tinham acabado de chegar. Eram sete pessoas, todas magras, desnutridas, do avô de cabelos brancos ao bebê. Eles não falavam nenhuma palavra que eu pudesse entender. Eu e os soldados os levamos a Königshütte em um caminhão. Foi quando eu ouvi o nome desse programa de experiências raciais, *Afrika Untermenschen*. Era assim que eles se referiam aos negros. Nós os entregamos a um homem alto na cidade. Os soldados o chamaram de Professor, e disseram que ele estava trabalhando para corrigir o defeito daquelas pessoas. Eu ainda me lembro de seu rosto."

— E você está pensando que... — Samen disse, gesticulando em direção à foto.

— E por que não? — Ben disse, dando de ombros. — Infelizmente esta carta é tudo que temos. Até hoje eu tinha certeza de que ela era apenas outra fantasia de alguém querendo notoriedade. Graças a Deus eu ponho tudo no arquivo.

* * *

17. Em Seus Olhos

Para Roy, levar o doutor de volta a Angra foi uma experiência ainda pior. Eles viajaram trezentos quilômetros sem trocar uma palavra. Descobrir a origem de sua fortuna não facilitava em nada a parceria nos negócios. Roy preferia não ter visto nada. Ele preferia que o doutor nunca tivesse lhe mostrado nada. Ele adoraria não precisar mais ver o doutor.

Roy só parou de se sentir miserável quando entrou em sua casa, deixando o mundo do lado de fora. Prometeu a si mesmo que nunca mais sairia. Não queria saber o que estava acontecendo lá fora.

Deitando no sofá, ele fechou os olhos. Agora ele se sentia melhor, se sentia seguro. Não demorou muito para que ouvisse um som reconfortante, a voz de Betânia.

Ele abriu os olhos. Ela estava sentada a seu lado no sofá. Seu sorriso era melhor que um calmante. Ele não estava prestando atenção em suas palavras, mas tinha certeza de que eram reconfortantes. Ele sentiu o toque de sua mão na testa, e o de seus lábios nos dela.

Franzindo a testa, ele a encarou:

— Por que você fez isso?

— Você estava sentindo minha falta, tava não?

Ele tentou virar o rosto, mas ela o segurou pelo queixo e perguntou de novo:

— Não estava?

O doutor! ele pensou. *O doutor deve ter dito algo a ela.*

— Quem te disse isso? — ele perguntou.

Ela alargou o sorriso:

— Está em seus olhos.

— Está?

Ela fez que sim com a cabeça:

— E tudo o mais.

Ele engoliu em seco. O que ele teria contado a ela sobre os problemas que deixara para trás nos EUA? Não conseguia se lembrar.

Ela colocou o rosto sobre seu peito enquanto dizia:

— Quando a gente está pronta, a gente tem de ir em frente.

— Às vezes a gente pensa que está pronto — ele retrucou com um suspiro — mas então percebe que não estava.

Ela se acomodou sobre seu corpo, o rosto ainda em seu peito:

— Se você sente que está pronto, você está. Se você precisa ser pressionado, você não está.

— É, essa é a teoria, mas no mundo real as pessoas estão nos pressionando o tempo todo.

— Você se sente bem aqui? — ela disse.

— Acho que sim.

— Você *sente* que sim?

— Sinto.

— Então você está pronto.

— Para...?

— Pra se estabelecer por aqui.

Ele riu:

— Mas eu *estou* aqui.

A mão dela chegou a seu rosto, afagando. Ela disse:

— E se você sentiu minha falta, esse é um sinal de que você está pronto pra mim.

Eu senti sua falta como minha empregada, pelo amor de Deus!, ele pensou.

— Foi isso que você disse pro Mengele? — ele disse e imediatamente se arrependeu. Ele não sabia por que dissera isso. Não havia nenhum motivo para ser rude com a Betânia.

— Pedro era diferente de você — ela disse sem alterar o tom de voz. — Quer dizer, ele também enganava a si mesmo mas de uma maneira diferente: ele acreditava estar me fazendo um favor.

Roy franziu a testa:

— Por que ele se sentia superior?

— Ele era um perfeito gentleman e tudo o mais — ela disse —, mas em seus olhos eu podia ver que ele se sentia desse jeito que você disse, superior. Ele só mudou quando eu disse que ia deixá-lo.

Será que Josef Mengele tinha ficado de joelhos para uma mulata?, Roy pensou. Betânia devia estar exagerando.

— Você fez o homem rastejar? — ele disse enquanto ria.

— Não, mas ele chorou feito um bebê na minha frente.

Uma cena dessas merecia ser filmada, ele pensou.

— E deu certo?

Ela suspirou:

— Eu estava a seu lado quando ele ficou doente, quando ele morreu.

Roy passou seus dedos pelos cabelos cacheados de Betânia, acariciando-os:

— Aí você veio para o Dr. Schultz...

— Como sua *empregada*. Nós nunca nos sentimos prontos pra mais nada.

— E o que você vê nos olhos do doutor?

— Ummm, eles não mostram aquele medo que eu via nos olhos do Pedro. Algumas vezes eu vejo

bondade, em outras presunção. São como os olhos de um pai que é rígido com os filhos — ela disse. — Você tem medo dele, né?

Ele concordou com a cabeça. Ela sabia; ela sabia de tudo.

— É que eu vi algumas coisas; coisas que me fizeram questionar...

— Foi assim como ver seus pais transando?

— Seria mais como ver a vida de meus pais antes de eu nascer.

— Você deve se preocupar com o homem que ele é — ela disse — porque o homem que ele foi não vai te machucar.

— Era assim que você pensava quando estava com Mengele?

Ela levantou a cabeça e olhou em seus olhos, colocando o queixo em seu peito:

— Pedro era o príncipe encantado que me levava ao restaurante, ao cinema, aos shows. Ele fazia amor comigo. Ele adorava minha comida. Ele era gentil comigo e com todas as pessoas. Esse foi o Pedro que eu conheci, não esse homem que eles têm mostrado na TV.

Olhando em seus olhos, Roy sorriu. *Perdoar* era mesmo uma coisa bem brasileira, ele pensou. Para que manter antigos conflitos? Comporte-se bem e estará perdoado. Talvez essa fosse a oportunidade que Betânia tentava lhe mostrar; a oportunidade de uma vida que devia ser aproveitada, vivida no presente.

Ele sentiu como se pudesse ficar assim, ao lado dela, para sempre. Se ele não tivesse um negócio para administrar, quer dizer.

* * *

18. A Testemunha Ocular

Com dois telefonemas, Samen descobriu que o *kapo* de Auschwitz que tinha mandado aquela carta a Ben Rosenthal estava vivendo em uma casa de repouso na Flórida. Um dia depois, levando duas fotos do Dr. Schultz na bagagem, ele estava fazendo uma visita ao velho.

Samen nunca tinha estado em um desses lugares onde a média de idade gira em torno dos 80 anos, contando com os funcionários. Mas o lugar era menos deprimente do que ele pensara, bem menos deprimente do que os lugares para gente muito mais jovem em seu país natal. Menos deprimente ainda que o apartamento em Nova York de um solteiro sem raízes...

Parando em frente ao balcão da recepcionista, ele perguntou por Leon Abraham. Em seus pensamentos, esse Leon era o "Kapo Leon".

Uma enfermeira levou Samen até o jardim onde Kapo Leon estava, sentado em uma cadeira, como um arbusto entre arbustos. Quando Samen estendeu sua mão, ele olhou para cima:

— Você não é Ben — disse Kapo Leon, olhando com desconfiança para Samen.

Samen apertou sua frágil mão:

— Eu *trabalho* para o Ben; foi isso o que eu lhe disse ao telefone.

Kapo Leon concordou com a cabeça e apontou para a cadeira à sua frente:

— Você é o falasha?

Samen puxou a cadeira de plástico branco e sentou-se olhando para Kapo Leon:

— Eu mesmo.

— Então você sabe do *Afrika Untermenschen*.

— Estou aqui para aprender sobre isso.

— O que é que os líderes falasha têm feito, afinal de contas? — Kapo Leon resmungou.

Samen sorriu:

— Não muito.

— São vocês falashas que deviam estar caçando esse *Der Professor*. Você sabe disso, não?

Samen retesou o corpo e encarou o velho rabugento:

— E o que você pensa que estou fazendo?

— Como é que eu vou saber? Você já o localizou?

De sua pasta de couro, Samen tirou duas fotos do Dr. Schultz: a do instantâneo de Gil e a versão rejuvenescida. Ele as colocou nas mãos do Kapo Leon.

O velho trocou de óculos e examinou as fotos:

— Onde você as conseguiu?

— A foto do mais velho veio do Brasil; a do mais jovem é uma criação artística.

— Eu não vi nenhuma destas na TV — Kapo Leon retrucou.

Samen franziu a testa. O que é que esse rabugento idiota estava dizendo? Que ele era uma testemunha *de TV*?

— Desculpe, mas eu não entendi o que você quis dizer — disse Samen.

— Por que vocês mostram o Anjo da Morte na TV e não o *Der Professor*? Eu vejo TV o dia inteiro.

— Porque ninguém sabe quem é esse *Der Professor* — disse Samen. — A não ser você, é claro.

Kapo Leon devolveu as fotos e resmungou:

— Qual é o seu problema? Eu estou falando sobre o *Der Professor* desde o fim da guerra! Eu mandei cartas a todos os jornais, todos os caçadores de nazistas e todos os órgãos do governo. Eu até dei uma entrevista pro rádio certa vez. E onde é que vocês estavam? Será que são todos surdos?

Samen deu um sorriso de desprezo. Em Israel ele aprendera que um sujeito destes só podia ser interrogado por psiquiatras, por pessoas que sabiam como chegar ao subconsciente.

— Pois é — ele disse. — Ninguém ouve.

— Eles ouvem você?

— Só quando eu tenho uma boa evidência — disse Samen erguendo as fotos. — Será que você poderia dar outra olhada?

Kapo Leon passou os olhos nos dois rostos do Dr. Schultz e perguntou:

— Qual é a altura desse homem?

— Me disseram que ele tem mais de 1,80m.

— *Der Professor* é um homem alto. Eu me lembro disso.

— Mas na carta que escreveu para Ben você disse que podia se lembrar de seu rosto.

Kapo Leon franziu a testa:

— Eu disse isso?

— É claro! É por isso que eu estou aqui!

O velho deu de ombros:

— Eu não consigo me lembrar de todas as cartas que escrevi, mas eu lembro que *Der Professor* realmente existiu. Ele estava lá, eu te garanto.

Samen fitou o homem nos olhos antes de perguntar:

— Me diga a verdade: quem foi que testemunhou isso?

Já tinha ficado óbvio para Samen que Kapo Leon nunca tinha testemunhado coisa alguma, que ele estava fazendo isso em nome de algum amigo que não sobrevivera ao Holocausto.

Kapo Leon suspirou, tirou os óculos e devolveu as fotos a Samen:

— Ele era assim como você — ele disse. — Eu nunca soube seu nome.

— Era um daqueles falashas que vocês pegaram na estação de trem?

O homem fez que sim com a cabeça:

— Ele tentou escapar da clínica do *Der Professor* em Königshütte, mas eles o agarraram e nós

tivemos de...

Ele parou de falar o olhou para baixo. Ele estava chorando.

— Matá-lo? — Samen perguntou.

Ele negou balançando a cabeça:

— Eu bati nele. Bem forte. O mais forte que eu pude. Eu era um garoto estúpido tentando aparecer. Eu queria impressionar os soldados nazistas.

— E depois?

— Ele foi mandado de volta ao *Der Professor*. Eu não o vi de novo.

— Mas...ele disse alguma coisa?

— Que diferença faz? Ele falava outra língua.

Samen fez que sim com a cabeça:

— É claro.

— Eu só sei que o *Der Professor* é alto porque eu vi sua silhueta quando a porta da clínica abriu. Isso é tudo que eu sei.

— É o suficiente — Samen disse enquanto ficava de pé e colocava uma mão no ombro do velho.

Kapo Leon ergueu os olhos olhando para Samen:

— Você me perdoa?

Como poderia?, pensou Samen enquanto se afastava. *Eu não fui melhor que você...*

Samen também tinha sido uma espécie de *kapo* quando foi feito prisioneiro no Sudão. Isso aconteceu depois de ele ter deixado Angola. Em retrospecto, Samen agora sabia o quão ingênuo ele fora. Nem ele nem seu pai previram o que iria acontecer no seu retorno à Etiópia.

Com a monarquia sendo abolida e grupos rebeldes apoiados pela Somália e pelo Sudão lutando no país, os falashas eram a bola da vez. Uma vez capturados pelos homens da Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope, eles foram convertidos em prisioneiros em campos de concentração no Sudão.

Foi no campo do Sudão que Samen aprendeu que a melhor maneira de sobreviver é dançando conforme a música. Fazer inimigos era o preço a pagar. Para fazer com que seus captores confiassem nele, ele tinha de fazer com que seus amigos o temessem. E quanto mais confiança ele precisava ganhar, mais duro ele tinha de ser. Sua namorada portuguesa de Angola jamais o reconheceria.

O evento que se recusava a abandonar sua memória aconteceu quando ele acompanhava um de seus captores na patrulha. O homem segurava um rifle enquanto ele, que já tinha conquistado alguma confiança, tinha permissão de portar um bastão. Em sua incansável missão de extorquir suas vítimas, o homem continuava vasculhando os pertences de todos no campo, acusando-os de esconder bens de valor de sua causa democrática. Samen o ajudava a vasculhar em sacos que já tinham sido vasculhados uma dúzia de vezes.

Quando o homem parou para vasculhar os pertences de uma adolescente, Samen percebeu que ela o encarava. Ele olhou para ela. Ela sorriu.

— Eu te conheço — ela disse.

Samen engoliu em seco. Ele não queria nenhuma demonstração de afeto. Não agora. Não em frente a seu captor.

— Não conhece, não — ele resmungou.

— Conheço, sim — ela retrucou, sorrindo para ele.

Ela estava se iludindo se pretendia ganhar alguma proteção por ser seu amigo, ele pensou.

— Você era amigo do meu irmão — ela continuou. — Você sempre vinha à nossa casa.

Nesse momento Samen lembrou-se de quem ela era: na última vez que ele a vira, ela era apenas uma garotinha. Ele virou-se para seu captor, apontou para um grupo de pessoas alguns metros adiante, e falou com voz alta:

— Eu acho que aquele pessoal tem uma jaqueta de couro.

Com um sorriso de deboche, o homem encostou o rifle no rosto de Samen.

— Querendo proteger sua namorada, hein? — ele disse. — Eu sabia que a gente não podia confiar em você.

Ele tirou o bastão das mãos de Samen com um empurrão.

— Eu não tenho amigos — disse Samen empurrando de volta. — Você não viu que ela gostou de mim?

O homem deu uma gargalhada:

— Qual o problema, então? Você foge de mulher?

— O que eu queria era fugir de *você*.

O homem voltou a apertar o cano do rifle contra o rosto de Samen:

— Então você não quer dividi-la com a causa democrática?

— É isso mesmo — berrou Samen. — Eu a quero só pra mim.

De repente a garota se abraçou a Samen como se tentasse protegê-lo.

O homem riu e disse:

— Eu sabia! Quem é ela? Sua irmã? Sua prima?

— Uma priminha que eu estava esperando crescer — disse Samen, dando um sorriso sarcástico e segurando o rosto da menina em sua mão.

O homem tirou o rifle do rosto de Samen e sorriu:

— OK — ele disse. — Você primeiro. Eu gosto de ver pra ficar excitado.

Samen também ficou excitado. Quanto mais a menina gritava, mais excitado ele ficava. Só depois de gozar ele compreendeu que não fizera aquilo apenas para ganhar a confiança do captor.

* * *

No aeroporto de Miami, enquanto aguardava o voo de volta para Nova York, Samen telefonou para a missão israelense nas Nações Unidas. Quando Leon respondeu, ele falou:

— O *kapo* foi positivo.

— Nós vamos fazer umas perguntas no seu antigo quintal, de qualquer modo.

— Não precisa. Já deu positivo aqui.

Leon suspirou.

— Está certo, então.

Samen pôs o fone no gancho. Fazer perguntas na Alemanha, ele percebeu, não acrescentaria nada ao que, no íntimo, ele sabia ser a verdade. Além disso, se algum de seus velhos conhecidos ainda estivesse em contato com o *Der Professor*, ele poderia ser alertado e desaparecer. Samen se sentiria melhor se ele pudesse transformar essa missão em algo só seu.

* * *

19. O Caso de Gil

De mãos dadas, Gil e Sonia entraram na casa do tio Jorge onde estava havendo um churrasco. Gil adorava um churrasco aos domingos; tanto quanto uma feijoada aos sábados. Juntando isso aos feriados prolongados, lhe parecia impossível imaginar outro tipo de vida. Além do mais, na casa de seu tio a comida era farta e os figurões eram sempre convidados. Alguns eram delegados como seu tio, outros eram juízes e políticos. Sempre dava pra tirar um proveito.

Tio Jorge recebeu Gil e sua namorada com um forte abraço. Era óbvio para Gil que ele já tinha bebido além da conta.

— Gil — disse seu tio antes de fazer uma longa pausa —, não me desaponte: tome isso em suas mãos.

Gil deu um passo para trás e sorriu para ele. Sua namorada sussurrou em seu ouvido:

— Tome isso o quê?

Eles se distanciaram do tio Jorge, misturando-se aos outros convidados. Só então ele respondeu:

— Eu não tenho certeza. Ele já tá meio alto.

O juiz Demosthenes, amigo de seu tio, aproximou-se. O velho juiz o conhecia desde que ele era uma criança. Após cumprimentá-lo, ele falou:

— O Jorge me disse que você vai ser o novo Summa.

— Eu? — disse Gil, sorrindo. — Por que ele falou isso?

— Ele disse que um caso quente caiu no seu colo.

— Bom...Não exatamente.

O juiz provavelmente estava sugerindo, pensou Gil, que seu chefe na Polícia Federal, Tadeu Summa, devia seu sucesso à sorte. Summa tinha aproximadamente a mesma idade do tio Jorge e estava bem à sua frente na carreira. Seu golpe de sorte tinha sido em 1978 quando ele prendeu o nazista Gustav Franz Wagner, carrasco do campo de Sobibor. Seu nome permaneceu nas manchetes por semanas. Daí em diante foi uma ascensão rápida para Summa.

O juiz franziu a testa:

— O que você quer dizer? O caso não é suficientemente quente?

— Talvez seja mais quente que o caso Mengele — disse Gil, com um sorriso malicioso nos lábios —, mas ele não está exatamente caindo no meu colo.

O juiz Demosthenes pegou um sanduíche de churrasco e deu uma mordida. Um minuto depois ele perguntou:

— De quem se trata?

Gil pegou um espetinho e pôs farofa na carne:

— Seu nome é Ernst Schultz. O problema é que este é o seu verdadeiro nome e ele é um estrangeiro com residência legal no Brasil. Ele não está sendo caçado; eu já chequei.

— Então você não tem caso nenhum.

— O caso é que um caçador de nazistas que eu conheço pensa que esse Ernst Schultz fazia parte de um projeto ultra-secreto de pesquisa médica.

O juiz mastigou seu sanduíche enquanto balançava a cabeça:

— Não importa o que seu amigo *pensa*. Sem um mandado judicial ele não pode perseguir esse homem e ponto final.

— É por isso que ele está tentando desmascarar esse nazista. Ele quer conseguir um mandado, quer que ele seja julgado.

— Mas há um outro problema a ser considerado — disse o juiz Demosthenes enquanto gesticulava com o sanduíche na mão. — Esses "caçadores" internacionais têm o hábito de desrespeitar os princípios mais básicos de nossa ordem jurídica. Um deles é a prescrição; o tempo decorrido entre o crime, o julgamento e a prisão. Você sabe, é claro, que aqui no Brasil não podemos julgar uma pessoa quarenta anos depois que o crime foi cometido, assim como não podemos prender essa pessoa quarenta anos depois do julgamento. É isso que eles não entendem; eles querem que nós julguemos pelas regras deles. Alguns colegas nossos concordam, acatam, mas eu não. No meu julgamento, quando nós desrespeitamos os prazos legais, *nós* é que somos os criminosos.

— É claro — Gil disse.

Ele provavelmente aprendera sobre isso na faculdade de Direito. O problema é que ele não

consequia lembrar-se muito bem dessa aula.

— Se o Mengele fosse vivo — ele acrescentou — nós também não teríamos base legal para agarrá-lo.

Abrindo um largo sorriso, o juiz ainda disse:

— Mas enfim, nós estamos suficientemente ocupados com os problemas que temos. Não vamos nos preocupar com aqueles que a natureza resolveu para nós.

Gil olhou ao redor, tentando achar sua namorada. Trazê-la a essas festas, ele pensou, era sempre um problema. Como ela precisava de atenção, ele nunca tinha muita liberdade pra falar com os amigos e conhecidos. Se deixá-la de lado nas festas era um problema, deixá-la em casa seria um problema ainda maior. Fazer o quê?

Ele finalmente a encontrou. Ela estava gargalhando enquanto falava com outras garotas. Era melhor assim, ele concluiu, já que todas à sua volta eram jovens. As mulheres mais velhas, não importa se mães ou solteironas, estavam sempre prontas a ensinar as mais jovens como arruinar a vida de um homem. "Está na hora de acabar com essa boa vida que ele leva" era a lição no. 1.

Gil encontrou o tio Jorge sentado ao lado da churrasqueira. Ele estava suado e sem camisa, os olhos semicerrados.

Ele sentou ao seu lado.

— Acho que não vai dar pra eu pegar esse caso, tio. O juiz Demosthenes disse que o nazista não pode ser pego.

Tio Jorge virou-se para ele:

— E quem se importa? Leve o caso pra imprensa; berre algo do tipo "*Eu encontrei o açougueiro!*"; seja um herói que nem o Summa.

— Você acha que dá?

— Claro que dá. E não conte nada pro Summa. Confie no seu amigo falasha, pegue o nazista, chame a imprensa, e só então conte pro chefe. Caso contrário, quem vai ficar com todo o crédito é ele.

Gil fez que sim com a cabeça.

Pondo o braço suado sobre seu ombro, seu tio ainda disse:

— Não vá me desapontar, hein?

* * *

20. A Clínica

Quando Roy acordou, ele sentiu que algo mudara. Não sabia o que era. Ele já fora casado, já tinha por diversas vezes acordado ao lado de uma mulher, mas desta vez era diferente: não havia nenhuma tensão, apenas paz.

O aroma da nuca de Betânia preenchia suas narinas, enquanto seus seios preenchiam suas mãos. Será que ele tinha dormido nesta posição?, ele pensou. Não conseguia se lembrar. Ele só sabia que agora o mundo era um lugar agradável para se viver.

Betânia acordou, se espreguiçando e ronronando como uma gata. Virou-se para ele, tocando seu rosto sem dizer uma palavra, até se levantar para ir à cozinha.

De olho no que Betânia fazia, Roy saiu da cama. Em sua pequena casa, dava para se ver a cozinha a partir do quarto. Sala e banheiro completavam o ambiente. O piso era todo de cimento cru. Assim como na clínica do doutor, não havia forro debaixo do telhado. Quando ela era apenas sua empregada, Betânia dormia na sala.

Assim que o café ficou pronto, ele sentou-se à mesa da cozinha. Enquanto enchia as xícaras, ela

sentou-se em frente a ele.

— Você sabe quantos hotéis existem aqui em Angra? — ele perguntou, olhando para a xícara.

Ela deu de ombros:

— A cidade está sempre cheia no verão, mas eu não sei onde essa gente toda fica.

Roy fez que sim com a cabeça. Ele lembrou que, logo ao chegar em Angra, ele se hospedou em uma das muitas pousadas do lugar. Apesar de estarem por todo o lado, ele não tinha certeza se esses hotéis rústicos serviriam a seus clientes americanos que estavam por vir. De qualquer modo, sua irmã devia saber. Afinal de contas, seu trabalho se resumia a encontrar acomodações apropriadas.

— Você mudou de ideia? — perguntou Betânia.

— O doutor e eu vamos seguir em frente com o negócio. Não há motivo para pararmos agora.

— Não era bem isso o que você dizia quando voltou de São Paulo...

— Isso foi...quero dizer, é um tipo de problema psicológico que eu tenho: desconfiar daqueles que confiam em mim — ele disse enquanto sorria para ela.

Se o Dr. Schultz tinha algo a esconder, ele pensou, ele não o teria levado até seu cofre.

Betânia sorriu de volta.

Após tomar o café, ele foi até a casa do Dr. Schultz. Vendo de fora, parecia que a obra de expansão da clínica estava terminada. Era bem rústica como tudo o mais na ilha, embora estivesse pronta.

Do lado de dentro, no entanto, a obra não parecia estar terminada. Roy viu duas novas camas de aço ainda envoltas em plástico, além de um novo forro com vários painéis faltando.

Roy encontrou o doutor no laboratório ao lado. Ele contava as ampolas dentro de uma caixa de metal.

Roy exclamou:

— É o nosso ouro?

Dr. Schultz virou-se para ele:

— Isso ainda não é o suficiente para dez pessoas.

Roy deu de ombros:

— Nós temos tempo.

Na verdade, a *trip* de clareamento não estava sendo tão atraente quanto Roy pensara. Até agora, apenas dez pessoas haviam reservado seus lugares, e apenas duas haviam se interessado em comprar o pacote completo com cirurgia plástica inclusa. Então, ele pensou, quanto mais eles demorassem, mais clientes sua irmã poderia conquistar.

— Mas o que a sua irmã disse?

— Ela está na espera, é claro. Quando nós dissermos "pode mandá-los" ela marca a data e os coloca num avião. Quanto tempo mais você precisa?

Erguendo uma das ampolas, o doutor disse:

— Cada paciente vai tomar duas dessas. Digo, aqueles que quiserem apenas um tom de pele mais suave irão consumir só uma. Mas, de qualquer modo, eu preciso ter duas pra cada um.

De repente, Roy se deu conta de que ele não fazia ideia de como o Dr. Schultz fabricava a droga em questão.

— Então, o que você vai fazer agora?

— Coletar mais hormônio.

Roy deu um sorriso com o canto da boca:

— No necrotério de Angra?

O doutor sacudiu a cabeça:

— Não. Agora eu faço a coleta em primatas.

— Onde?

— Bem aqui — Dr. Schultz respondeu, apontando para a cama de metal no meio da sala.

Roy engoliu em seco. Ele já estava imaginando um pobre macaco gritando sobre a cama.

— Não seria mais fácil coletar isso em cadáveres?

O doutor pôs a ampola de volta na caixa e deu um sorriso sarcástico para Roy:

— Seria mais fácil se eu pudesse voltar quarenta anos no tempo, quando eu tinha uma boa quantidade de primatas humanóides vindos da África.

* * *

21. A Missão Falasha

Em suas noites vazias, Samen pensava em Gil. Não apenas em Gil, mas também em Mengele, no *Der Professor* e em todas as pessoas que, ao contrário dele, conseguiam viver uma vida com poucas preocupações, muitos amigos e algum sexo sem culpa.

A noite de hoje estava tão desesperadamente vazia que Samen começou a temer pela própria saúde mental. Ele não conseguia se concentrar em nada útil. Andando sem rumo pelas ruas do Village de Nova York, ele não via nenhum lugar, nenhum bar suficientemente convidativo para que ele sentisse vontade de entrar.

Samen parou em frente a um bar barulhento com janelas de vidros decorados. Pelo que dava pra ver, as pessoas lá dentro estavam muito animadas. Seria melhor, ele pensou, se ele pudesse encontrar um bar cheio de solitários deprimidos como ele.

Ele deu uma olhada no relógio e suspirou: ainda eram 9 da noite, doze horas até poder voltar ao trabalho, doze horas sem nada para fazer exceto evitar um colapso mental.

Ao tirar seus olhos da vitrine do bar, ele viu uma garota mulata parada perto do meio-fio. Ela lhe lembrava as mulheres brasileiras, de quadris largos e seios pequenos. O que Gil faria diante de uma mulher destas?, ele se perguntou. Gil não precisava pagar prostitutas, é claro, mas se ela fosse um "alvo" comum ele certamente chegaria mais perto e começaria a contar vantagem.

Samen se aproximou da garota. Mas agora ele estava pensando em Mengele: como é que aquele filho da puta flertava com as garotas brasileiras?

Enquanto ele a observava, ela virou-se para ele e sorriu. Ele lhe disse em português:

— Queres ser minha empregada?

— Para estrangeiros eu cobro oitenta paus — ela respondeu em inglês. — Você me entende?

— Eu perguntei se você quer ser minha empregada — ele explicou em inglês. — Eu pensei que você fosse brasileira.

— *Empregada?* Você tá me gozando?

— Desculpe — ele disse. — Eu confundi você com outra pessoa.

Quando ele ia se afastar, ela o segurou pelo braço.

— Sem problema, yuppie — ela disse. — Eu posso ser ela.

Ele franziu a testa:

— Quem?

— Essa aí com quem você me confundiu.

Ela franzia a testa quando, de repente, o nome surgiu na ponta da língua:

— Betânia — ele murmurou.

Segurando a garota pela cintura, ele sussurrou em seu ouvido:

— Você pode ser a Betânia pra mim? Hein?

— É claro, gostosão — ela respondeu, correndo sua mão pelas costas de Samen. — Por cem paus eu posso ser a empregadinha mais quente que você já comeu.

Eles saíram andando juntos. Samen deixou que ela lhe guiasse. Levá-la até seu apê era impensável; seria uma quebra das regras de segurança totalmente fora de propósito.

O quarto da garota era em um hotelzinho imundo a uma quadra de distância. Ele entrou depois dela e sentou na cama. Cheirava muito mal. Ela sentou-se a seu lado.

— Me conte mais sobre essa Betânia — ela disse.

— Por quê? — Ele riu. — Por acaso você é uma dessas pretendentes a atriz?

Ela o encarou:

— Eu *sou* atriz. Eu já contracenei com o Louis Long, se você quer saber.

Com um sorriso irônico, ele fez que sim com a cabeça:

— Eu acredito em você.

— Então? — ela disse enquanto passava a mão entre as pernas dele. — Quem é ela, afinal?

— Uma mulher que me odeia de morte.

Ela começou a desabotoar sua camisa:

— Vocês homens são todos iguais: sempre se apaixonando pelas mulheres que te rejeitam.

Ele fechou os olhos tentando se lembrar do rosto de Betânia, a maneira como ela o encarou quando ele perguntou sobre sua vida com Mengele. Então ele virou-se para a garota, berrando:

— Por que é que você me odeia tanto, sua puta de nazistas?

— Por que sim — ela respondeu com uma voz suave enquanto tirava sua camisa.

Agarrando seu pescoço, ele a deitou com violência na cama.

— Essa não é a resposta que eu quero!

— Calma aí — ela disse, ofegante. — Eu não sou ela!

Apertando seu pescoço com a mão direita, ele rasgou sua roupa com a mão esquerda.

— Me conta! Conta tudo! O que é que aquele nazista te deu que eu não posso te dar?

Com um fio de voz, ela murmurou:

— Amor.

Ele saiu de cima dela. Ela se levantou, tossindo.

— Sai daqui, seu filho da puta! — ela berrou.

Ele pegou sua camisa e pôs a mão no bolso.

— Só saia daqui, por favor — ela disse, com um tom de voz bem mais baixo.

Ele colocou cem dólares em sua mão, dizendo:

— Me desculpe.

Ao abrir a porta, ele ouviu a garota dizer:

— Não sei o que essa mulher te fez, mas você não devia odiá-la tanto assim.

Já fora do hotel, ele deu uma olhada no relógio: ainda eram 10:30 da noite, quase onze horas vazias antes de a semana começar.

* * *

A primeira coisa que Samen fez na manhã de segunda-feira foi ir ao escritório de Ben Rosenthal. Toda vez que ele lá entrava, ele observava as frases expostas em pequenos quadros pendurados na parede. Não tinha como evitar. Era piegas mas chamava a atenção. Desta vez ele ficou olhando para uma que dizia que "ninguém pode se esconder da verdade."

Será mesmo?, ele se perguntou.

Com um sorriso malicioso nos lábios, ele atravessou a sala.

Ben apertou sua mão e ofereceu a cadeira.

Samen sentou-se, sorrindo para o chefe:

— Nossa testemunha não tem dúvidas sobre a identidade dele: Dr. Schultz é mesmo o *Der*

Professor. Nós o pegamos.

De seu lado da mesa, Ben disse:

— Você não deveria pensar desta maneira, Samen. Muitas assim-chamadas testemunhas querem apenas se exhibir.

— Pode ser, mas neste caso tudo se encaixa.

— O que se encaixa? "Prisioneiros falashas" com "clareamento de pele"?

Samen suspirou:

— É muito mais que isso.

— Não tome isso como algo pessoal porque você é falasha.

— Por que não? — disse Samen, erguendo a voz. — Isso é o que vocês judeus da Europa sempre fizeram!

— Algumas vezes, talvez — retrucou Ben. — Mas nós não podemos esquecer que *toda a humanidade* foi vítima do holocausto, e não apenas os judeus da Europa.

— É claro — Samen respondeu com um sorriso irônico. — Todo mundo sabe que os judeus da Europa são mais humanos que os da África...

Ben balançou a cabeça enquanto encarava Samen:

— O que você quer que eu faça, afinal? O Centro Rosenthal não vai acusar esse Dr. Schultz na mídia. Ele nunca foi processado...

— Porque ele nunca exterminou judeus *brancos*...

— Ele nunca foi processado, ponto.

— Então processe ele! — berrou Samen.

— Não me diga o que fazer. Descobrir quais foram as atividades desse doutor durante a guerra é o seu trabalho — disse Ben, levantando o dedo para Samen. — Traga-me as provas e o Centro abrirá um processo contra ele.

Virando a cabeça, Samen olhou para a frase exposta na parede. Talvez ela devesse dizer que ninguém pode se esconder de uma *imputação*.

Virando-se de novo para Ben, ele disse:

— O Centro já foi processado?

Ben franziu a testa:

— Várias vezes; você sabe disso.

— Quero dizer, devido a sua passividade obviamente tendenciosa...?

Ben engoliu em seco. Samen sabia que havia tocado em um ponto sensível para um judeu progressista como Ben. Enquanto a luta por espaço político dentro do universo judaico era mais óbvia entre os asquenazes (europeus) e sefarditas (ibéricos, norte-africanos e/ou do Oriente Médio), os falashas eram os únicos que realmente mereciam mais espaço.

— Veja — disse Ben, com um tom um tanto apologético —, você sabe que não há muito que possamos fazer até que seja estabelecida sua culpabilidade.

— O Centro deveria trabalhar nesse sentido.

Ben continuou encarando Samen por alguns segundos; então disse:

— Eu vou lhe dizer o que podemos fazer: podemos encarregá-lo disso.

Samen franziu a testa.

Ben continuou:

— Você não precisa mais pedir minha autorização. Esse caso é seu. Proceda como achar melhor.

— Com o seu apoio?

Ben concordou com a cabeça.

Samen sorriu para ele. Ele sabia o que isso queria dizer: quando você aceita o encargo, você também aceita ser aquele que irá responder por tudo. Mas, de qualquer modo, ele sabia que o caso não

era nem dele, nem do Centro. Era de Leon.

* * *

O lugar que Leon tinha escolhido para encontrar-se com Samen era um movimentado quiosque de engraxates na Lexington Avenue. Assim que Samen chegou, ele viu Leon sentado do lado de fora, lendo uma revista. Olhando para dentro do quiosque ele notou que os únicos assentos desocupados não estavam um ao lado do outro.

Samen comprou o Wall Street Journal na banca ao lado. Quando voltou, ele viu que agora havia dois assentos vagos um ao lado do outro. Imediatamente, ele e Leon os ocuparam.

O homem que ia engraxar seu sapato conversava com seus colegas numa língua que Samen conhecia muito bem. Era óbvio que todos eles eram brasileiros. Talvez não fosse uma boa ideia falar sobre sua missão diante destas pessoas, ele pensou.

— Eles estão tendo muita dificuldade pra vender o pacote turístico — disse Leon, sem tirar os olhos da revista.

Samen podia apostar esse "tour de clareamento de pele" ia ser um fiasco. Agora que Leon tinha grampeado os telefones da agência de turismo, ele estava feliz em saber que seu palpite estava se confirmando.

Lendo as manchetes de seu jornal, Samen disse:

— Nós devemos fazer o nosso próprio tour, então?

— Depende...O que foi que o Ben disse?

— O filho da puta lavou as mãos.

— Não posso culpá-lo — resmungou Leon.

Samen franziu a testa:

— Por que você diz isso?

— Não dá pra montar um bom caso com base em testemunhas criativas.

Era tão óbvio assim?, pensou Samen. Ou será que Leon tinha mandado outro agente para interrogar o Kapo Leon? De qualquer modo, Samen sentiu que seu relacionamento com a inteligência israelense estava um tanto desgastado.

— Ben não achou seu testemunho "criativo".

— Mas também não achou que era convincente.

Samen deu ombros:

— Seja como for, ele deixou o caso em minhas mãos.

Leon ficou pensativo. Enquanto isso, o homem que estava engraxando os sapatos de Samen falou com o garoto que trabalhava nas botas de Leon. Samen quase caiu na gargalhada quando ele ouviu o homem falar, em português, que Leon merecia um *um-dois-três* — ou seja, um serviço superficial — enquanto ele devia receber um *no capricho*. Mais um ponto para seu novo estilo Ricardo Tubbs.

— Você não vai sozinho, é claro — Leon finalmente disse.

— Eu poderia — disse Samen, inclinando-se para frente e virando a página do jornal.

— Isso não é um jogo de eliminação.

Samen franziu a testa. Já que não havia evidências nem testemunhas confiáveis para indiciar o *Der Professor*, ele pensou, o que mais poderia ser feito?

— Não mesmo? — ele disse. — Eu pensei que transportar a mercadoria estivesse fora de questão.

— A ideia é colocá-la em exposição — disse Leon. — Me pediram para trazê-la para nossa casa.

Samen fez que sim com a cabeça. Então o pessoal da inteligência queria o *Der Professor* num

tribunal israelense, nem que fosse só para tirá-lo de seu confortável esconderijo. Talvez mostrando seu rosto na TV ajudasse a angariar algumas testemunhas.

— Que caminho vamos pegar, então?

— Você vai pegar a excursão, fazer uma nova amizade. No dia da festa, eu trago o bufê.

Se a festa não seria só dele, Samen pensou que merecia ao menos um belo presente da parte de Leon. *Eu certamente vou reivindicá-lo antes que o baile termine*, ele pensou.

Leon pagou pelo serviço do engraxate sem dar-lhe uma gorjeta. Samen sorriu com o canto da boca: o engraxate estava certo sobre prestar-lhe um serviço *um-dois-três*, afinal.

Samen não deixou de dar a gorjeta. Talvez não fosse do tamanho que o engraxate esperava, mas então ele não era o corretor de Wall Street que aparentava ser.

Antes de deixar o quiosque, ele os agradeceu em português.

Juntando-se à excursão à clínica de clareamento de pele, ele voltaria a usar a língua portuguesa. E se tudo desse certo, ele nunca mais deixaria de usá-la.

* * *

Sob as ordens de Leon e com o dinheiro de Ben, Samen foi à agência de turismo R&R Tours no Brooklyn. Ao entrar na agência, ele percebeu que havia um novo pôster na parede mostrando a foto de uma ilha tropical e o rosto de uma negra horrorosa com nariz achatado ao lado de uma linda mulata de nariz afilado. Era irreal mas muito melhor, Samen tinha de concordar, que o velho pôster com o rosto do irmão da dona da agência.

A mulher por trás da mesa levantou-se para cumprimentá-lo.

— Nós estávamos esperando pelo senhor, Sr. Cane — ela disse.

Não tenho dúvida disso, ele pensou enquanto sorria para ela.

— Você é um cara de sorte — disse o homem atrás da outra mesa. — Nós temos um grupo partindo em duas semanas, e uma pessoa acaba de desistir.

Samen tentou não cair na gargalhada. Esse homem nunca convenceria ninguém com um argumento destes.

— Isso não é exatamente uma surpresa pra mim — Samen respondeu com um sorriso nos lábios. — Meus dias de sorte só estão começando.

* * *

22. Remédio Primata

Da última vez em que falou com sua irmã ao telefone, Roy descobriu que outro cliente tinha se juntado à excursão. Agora eram onze pessoas no grupo. Se o suprimento do doutor já era crítico para dez pacientes, agora era obviamente insuficiente.

Dentro do laboratório do Dr. Schultz, Roy permanecia sentado na cama metálica, observando o doutor enquanto ele trabalhava.

Roy disse:

— É bem velho, não?

Sem se virar, Dr. Schultz disse:

— Meu equipamento?

— É. Você trouxe tudo da Alemanha?

— Graças a Deus! Essa foi a melhor coisa que eu fiz. Eu nunca poderia trabalhar com aquela

sucata que se fabrica no seu país.

— É a sua opinião...

— É um *fato*: os padrões de hoje são muito baixos. Mesmo na Alemanha ocupada — ele disse, virando-se para Roy. — A maioria vulgar deve esmagar a minoria superior: essa é a principal ideia por trás da democracia, não é? É assim que a guerra foi vencida, afinal de contas. Você provavelmente não percebe isso, mas a evolução não foi apenas interrompida, ela foi levada ao retrocesso. O que vemos no mundo de hoje é involução, é antidarwinismo.

Roy deu de ombros:

— É isso é ruim?

O doutor sorriu com o canto da boca:

— De seu ponto de vista, certamente que não.

Roy sorriu embaraçado. O velho doutor estava ficando mais rabugento a cada dia. Sua esperança era de que ele não descontasse isso nos seus pacientes.

O Dr. Schultz virou-se de volta para seu equipamento e colocou os tubos de ensaio em caixas. Seu assistente Carlinhos, o garoto negro aço, o ajudou com os microscópios e fornos, cobrindo todos eles com capas plásticas.

Então o doutor disse:

— Agora eu preciso de alguns macacos. E de um motorista.

* * *

O destino era Paraty, e Roy foi dirigindo até esta cidade pela estrada costeira. Como nunca havia estado nela, ficou impressionado com a quantidade de edifícios coloniais no local, como se ele e o doutor estivessem voltando no tempo. A passagem foi rápida, no entanto, já que o doutor tinha pressa em chegar na área rural de Paraty, próximo ao pé da serra, um local encravado no que parecia ser uma floresta de bananeiras.

Ele estacionou em frente a uma casa rústica de tijolos aparentes, cercada por bananeiras. Um caiçara encorpado saiu da casa e cumprimentou o Dr. Schultz.

O homem parecia perturbado pela presença de Roy.

— Você confia nele? — ele perguntou ao doutor.

Dr. Schultz fez que sim com a cabeça:

— Ele está domado.

Roy deu um grunhido. A única pessoa que ele podia afirmar que tinha lhe domado, Roy agora pensava, era Betânia. Com sua notória arrogância, o doutor não domaria um cachorro.

O caiçara então gesticulou para Roy. Ele e o doutor seguiram para dentro da floresta de bananeiras.

Dez minutos depois, Roy viu-se dentro de uma cabana de madeira cheia de animais que produziam um ruído estridente. Havia oito macacos presos em jaulas enferrujadas, gritando para eles enquanto se agarravam às barras. Quando o doutor se aproximou da jaula, como se estivesse inspecionando o espécime, o macaco olhou para ele como se pedisse um pouco de compaixão. Ele esticou seu braço para brincar com o chapéu do doutor.

O Dr. Schultz sorriu, apertou a mão do macaco e virou-se para o caiçara.

— Eu vou levar este.

Era uma crueldade, pensou Roy. O doutor parecia estar em uma loja de animais, comprando o animal por ter simpatizado com ele, quando na verdade ele estava sentenciando este macaco à morte por ter se comportando de modo amistoso.

Roy não disse nada; ele voltou ao carro e lá permaneceu, esperando pelo doutor. Demorou meia hora para que o doutor viesse acompanhado pelo caçara que segurava uma jaula de arame com dois macacos dentro.

Quando ela já estava colocada na parte de trás da perua, Roy olhou para a jaula. Ela era muito pequena para os dois animais. Eles tinham quase um metro de altura, sem contar a cauda, e a caixa de arame devia ter menos de oitenta centímetros de lado a lado.

O caçara tratou de cobrir a jaula com uma lona. Era óbvio para Roy que o que ele e o doutor estavam prestes a fazer era transporte ilícito.

* * *

Uma vez na clínica, Roy não tinha como escapar: ele tinha de ficar observando todo o nauseante procedimento. Enquanto o Dr. Schultz agarrava o pescoço do macaco que não parava de gritar, Carlinhos segurava suas pernas. Seus berros eram cada vez mais altos; talvez a ilha toda estivesse ouvindo.

— Você vai ficar aí parado, só olhando? — Dr. Schultz berrou para Roy. — Agarre os braços do bicho!

Ele hesitou por um instante, então agarrou seus bracinhos finos. O macaquinho não era muito forte; seu braço peludo era como o de um cachorrinho. Roy achou que era até mais fácil fazer do que olhar.

Com ele e o garoto negro aço segurando contra a mesa metálica, Dr. Schultz lhe aplicou uma injeção. Não demorou muito para que ele relaxasse e parasse de gritar.

— Ele está morto? — perguntou Roy.

— Ainda não — disse o doutor.

Com um bisturi, ele começou a cortar a pele da testa.

Roy fez uma expressão de nojo e deu um passo para trás. O garoto, ao contrário, parecia estar adorando a cena. Seu rosto albino estava quase tocando o do macaco.

Após remover o escalpo do macaco como se fosse uma touca de borracha, Dr. Schultz começou a cerrar o crânio com um pequeno serrote. Fez um ruído de arrepiar.

Roy virou a cabeça para o outro lado:

— Minha Nossa!

O doutor riu:

— Me desculpe, senhorita.

Carlinhos parecia excitado com o que o doutor fazia, tanto que pediu para continuar a serrar o crânio. Ele pegou o serrote e serrou o que restava do crânio do pobre macaco. Observando a expressão no rosto do garoto, Roy chegou à conclusão que ele era um sádico em processo de formação.

Quando olhou para o doutor, Roy viu que ele dava um sorriso de satisfação enquanto o garoto trabalhava.

— Isso lhe faz lembrar de seu próprio sadismo nos seus tempos de juventude, doutor?

— Isso me faz lembrar de meu...*entusiasmo*...de quando nossas vidas tinham um propósito.

Roy deu de ombros:

— A vida de qualquer doutor tem um propósito: salvar vidas.

— Nos livrinhos de escola primária, sim.

— Qual era o seu propósito, então?

— Era salvar, sim — disse o Dr. Schultz. — Eu acho que posso dizer que sim. Nosso propósito era salvar a nossa raça...A raça humana, quero dizer.

Roy imaginou se ficaria como o Dr. Schultz nessa idade. Mas em seu caso não haveria nenhum motivo para ter nostalgia do passado, nem mesmo para se vangloriar de alguma malvadeza. Ele não teria nada de que se orgulhar.

Carlinhos terminara seu trabalho. O crânio estava aberto. Havia uma poça de sangue na mesa de aço. O doutor retirou o pequeno cérebro do crânio e disse para Roy:

— Eu aposto que você quer saber como comecei minhas pesquisas.

Roy concordou com a cabeça. Por alguma razão, hoje o velho estava a fim de confessar. Talvez o trabalho no laboratório avivasse suas memórias; talvez ele agora considerasse Roy um amigo íntimo. Talvez fosse um sintoma de senilidade.

— Seguindo as ordens de Hitler, eu suponho — provocou Roy, dando risada.

— De Himmler.

— De *quem*?

— Heinrich Himmler — disse o doutor enquanto punha o cérebro num compartimento de vidro.

— Desculpe — disse Roy — mas eu não entendo muito de História.

— Himmler foi o impulsionador, por assim dizer, do programa de pesquisas para purificar a raça. O cara era um idiota completo. Ele acreditava em todas essas teorias místicas e conseguia juntar todas elas na sua cabecinha confusa. Na verdade, o próprio nacional-socialismo era um movimento que tinha suas raízes plantadas no misticismo. Mas isso é outra história.

Dr. Schultz colocou seus óculos de leitura e, com um bisturi, removeu uma pequena porção da parte central do cérebro. Então ele continuou:

— O curioso é que um homem como Himmler usava a ciência para atingir seus objetivos. Talvez seu astrólogo tenha lhe dito que isso era a coisa certa a fazer, sei lá... — ele disse com um sorriso jocoso. — O fato é que, graças a Himmler um programa sério de pesquisas foi estabelecido, e tanto eu como Josef fazíamos parte dele.

— Josef *Mengele*? Mas você disse que não o conhecia!

— Eu disse? — ele respondeu sorrindo.

— Então vocês dois eram parceiros?

— Hmmmm...

Dr. Schultz colocou uma fatia do cérebro na lâmina do microscópio e passou a examiná-la.

— Eu acho que é justo dizer — o doutor continuou — que eu era mais como um discípulo dele. Eu nunca trabalhei no campo de concentração, mas nossos trabalhos tinham uma certa ligação. Eu tinha uma clínica em Königshütte, e recebia fundos do governo para fazer minha parte no projeto.

— E que parte era essa? — Roy perguntou.

Ele virou-se para Roy e disse: — O que você acha? — enquanto apontava para seus dois pacientes de pele clareada, Roy e Carlinhos.

Roy franziu a testa:

— E por que os alemães iriam querer clareamento de pele?

— A pesquisa científica não precisa de razões práticas. O conhecimento em si já é uma boa razão. Nosso objetivo era compreender a diferença entre as raças, o que inclui a cor da pele: essa era minha parte no projeto.

Roy continuou franzindo a testa. Até onde ele sabia, todos na Alemanha tinham pele branca. Os únicos negros que ele tinha visto nos filmes da Segunda Guerra eram soldados americanos.

Dr. Schultz olhou novamente no microscópio e gesticulou para Roy. Roy se aproximou e olhou pelo microscópio, vendo o que parecia ser um punhado de células numa piscina.

— A glândula pituitária controla o escurecimento da pele — disse o doutor. — Ela envia um

hormônio que induz a produção de melanina.

Roy olhou para o doutor:

— O hormônio que você está coletando?

Dr. Schultz concordou com a cabeça.

— Por que de macacos?

O doutor deu de ombros:

— Porque há muitos deles por aqui.

— Mas não na Alemanha...

— Eu comecei retirando de porcos, que é o que não falta na Alemanha. Mas nunca deu muito certo. Veja o Carlinhos — ele disse, apontando para o seu assistente negro aço. — Quando eu fiz o tratamento nele, eu ainda tirava o hormônio de porcos.

Roy observou o estranho garoto albino com cabelos negros.

— Não havia ajuste fino com essa droga?

— A droga nunca foi suficientemente aperfeiçoada na Alemanha. Josef e eu continuamos trabalhando nela no Brasil, até que começamos a usar macacos e atingimos a versão aperfeiçoada que eu usei em você.

Roy deu uma olhada no macaco morto. Pensar que ele tinha uma parcela de culpa na morte de um animal tão adorável o fez tremer.

— Você já tentou com outros animais? — Roy perguntou.

O doutor deu um sorriso malicioso:

— Para a natureza, somos todos animais: homens, macacos, porcos. A diferença está nas leis que escrevemos. — Ele apontou para o macaco. — Eu posso retirar o cérebro deste macaco porque a lei em vigor diz que ele é um animal. De outro modo, teria sido assassinato, certo?

Roy franziu a testa. Onde é que o doutor queria chegar com essa linha de pensamento?

— O que você quer dizer? Um animal não é um ser humano, pelo amor de Deus.

— Quem disse?

— Todo o mundo! É uma questão de bom senso.

— Aqui e agora, pode ser. Mas em meu país de nascimento alguns indivíduos se pareciam e se comportavam como humanos, embora fossem animais. Era isso que o bom senso da época dizia, assim como a lei. E eu sempre segui as leis do país onde vivo.

Boquiaberto, Roy encarou o doutor.

— Qual é? — Dr. Schultz disse. — Não finja que está chocado. Isso foi há quarenta anos atrás, e todo mundo sabe o que aconteceu. Nós usamos alguns seres humanos em nossas experiências, sim. Mas legalmente não havia muita diferença entre eles e este macaco aqui — ele acrescentou, apontando para o macaco. Depois perguntou:

— Você sabe o que é um falasha?

Roy franziu a testa. Ele já tinha ouvido esse nome antes, sem saber o que significava.

— Eu não estou certo...

— Os judeus os chamavam de tribo perdida, ou qualquer coisa assim. O mais estranho é que os falashas são ao mesmo tempo negros e judeus.

Roy riu:

— O espécime perfeito?

Dr. Schultz sorriu de volta:

— Naquela época, era sim. Na verdade, minhas pesquisas sobre a coloração da pele só começaram quando as tropas que foram à África trouxeram alguns falashas para a Europa. Quando eu compreendi o motivo de sua pele ser tão escura, eu percebi que isso poderia ser revertido. Eu percebi que poderia conseguir isso matando as células que provocavam o escurecimento: os fabricantes da tinta,

por assim dizer.

— Sua droga *mata*?

— É claro. É por isso que ela é radioativa: ela tem de neutralizar as células que produzem melanina. De outro modo, você jamais ficaria branco. Eu já lhe disse isso.

Roy fez que sim com a cabeça. Detalhes técnicos o entediavam: era por isso que ele nem conseguia se lembrar da explicação.

— E o que aconteceu com eles?

— Com os falashas? — disse o Dr. Schultz antes de dar de ombros. — Bem, quando um cientista tem de encerrar as atividades de seu laboratório, ele precisa se desfazer dos espécimes em cativeiro. Esse é o procedimento padrão.

* * *

23. Entrando em Ação

Neste sábado, Samen teve de acordar bem cedo pois a *trip* de clareamento sairia do escritório da R&R Tours às 7 da manhã. Pegando um táxi, ele chegou no Brooklyn às 6:50.

Entrou cumprimentando Rita e Roger, os donos da agência, e olhando ao redor. Embora fosse pequeno, o escritório não ficara lotado. Ele sabia que o grupo todo, incluindo ele mesmo, era de apenas onze pessoas.

— Onde está todo mundo? — ele provocou Rita.

— Oh — ela disse, gesticulando como se não se importasse com isso —, alguns deles tiveram de desistir. Provavelmente por causa de nossos adiamentos.

— É — Samen concordou com a cabeça —, eu mesmo estava me sentindo inquieto com isso. Eu adiei tantas vezes meu período de férias que pensei que meu chefe ia me demitir.

— Me desculpe — ela disse, tocando em seu braço. — Mas você verá que valeu a pena.

Samen sorriu:

— Tenho certeza que sim.

Se a promessa de Leon merecia algum crédito, ele pensou, isso tudo realmente valeria a pena. Quando sua missão estivesse terminada, ele poderia seguir com sua vida numa situação mais favorável, num lugar mais convidativo.

O grupo todo coube na van que os levaria ao aeroporto John F. Kennedy. Ao sentar no banco de trás, Samen notou que a maior parte do grupo era composto por senhoras de cor nem um pouco atraentes. Devia realmente ser uma proposta tentadora para elas, ele pensou, passar as férias nos trópicos e voltar com uma pele mais clara.

Os outros dois homens no grupo, além dele mesmo, eram maridos a serviço de suas mulheres, como o que fazia parte do casal sentado ao seu lado. Ele era mais magro, baixo e menos falante que ela. Sentada do lado esquerdo de Samen, ela prontamente se apresentou como Sondra e elogiou seu estilo Ricardo Tubbs.

Samen sorriu para ela:

— Obrigado. Isso pra mim é um hábito. Eu sempre me visto desse modo, mesmo nas situações mais informais.

— Eu deveria melhorar meu guarda-roupa — ela disse, olhando para suas próprias roupas. Então ela riu: — Especialmente agora que estou prestes a me tornar uma linda mulata...

— Você já é uma linda negra, de qualquer modo — disse Samen.

Ela ficou dando risinhos por quase um minuto antes de perguntar:

— Você conhece Roy, o irmão de Rita?

— Você fala como se fosse íntima da família.

— Mas eu *sou*. Quer dizer, eu os conheci através de meu chefe, Dr. Brown.

Samen franziu a testa:

— Outro irmão de Rita?

— Não. Dr. Brown foi terapeuta do Roy.

— Que tipo de terapeuta?

— Dr. Brown é psicólogo. Ele não é do tipo que receita drogas, mas eu acho que era disso que Roy precisava.

Samen olhou em seus olhos:

— Você está dizendo que o cara que vai nos receber no Brasil é um cara perigoso?

— Não. — Sondra balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Ele é tão perigoso quanto um gatinho. Seu problema é que ele vivia num mundo de ilusões e fantasias. Mas sua irmã o levou ao doutor porque ele era muito introvertido e vivia como um eremita.

Samen riu:

— Eu nunca vi um eremita voando para o estrangeiro...

Ela concordou com a cabeça:

— Eu achei estranho quando soube disso. Acho que o Dr. Brown o curou. Essa também é a opinião da Rita — ela disse. — É ela que me conta tudo, claro. O doutor nunca fala sobre seus pacientes.

— É claro — disse Samen. — Mas o que ela diz sobre essas fantasias do irmão?

Será que teria algo a ver com o médico nazista?, ele pensou. Talvez sua irmã pensasse que a amizade do irmão com o nazista fosse outra de suas fantasias.

Ela riu:

— Você não vai acreditar, mas o Roy dizia que foi embora para o Brasil por minha causa. Ele achava que eu tinha entrado com um processo por ele não ter pago minha pensão.

Franzindo a testa, Samen perguntou:

— Vocês foram casados?

— *Casados?* — ela disse, quase gritando. — Nós nunca sequer *conversamos* fora da sala de espera do doutor.

Samen deu uma gargalhada. Então a fantasia de Roy era pensar que fora casado com a secretária de seu psiquiatra...

Ela continuou:

— Mas a Rita me disse que ele já superou tudo isso e está superbem agora. Tem até seu próprio negócio, veja só!

* * *

Roy olhou para o monitor do terminal do aeroporto internacional do Rio. O voo de Nova York acabara de chegar. Ele se dirigiu à área de desembarque para esperar por Rita e seu grupo.

Enquanto aguardava por eles, abriu a lista de hóspedes em suas mãos e começou a ler os nomes novamente. Ele já conhecia algumas das pessoas que estavam vindo neste primeiro grupo. Duas das mulheres eram amigas de Rita e um dos três homens era Richard Cane, o yuppie que ele conheceu na agência. Ele só achou estranho o fato de Rita não ter escrito o nome completo de uma das mulheres. Como ela era casada, na lista estava apenas escrito Sr. e Sra. Borden.

Através da divisória de vidro, Roy viu o grupo vindo em sua direção e posicionou-se ao lado da saída. O yuppie foi um dos primeiros a sair.

Roy lhe desejou boas vindas e apertou sua mão.

— Sua primeira vez no Rio, Sr. Cane?

Ele fez que sim com a cabeça:

— Eu invejo você, Roy.

— Tem algumas casas pra alugar na minha ilha, se estiver interessado.

Ele sorriu:

— Não me tente!

Roy viu Rita vindo em sua direção. Ao lado dela havia um casal: era um homem baixo com...*sua ex-esposa!*

Ele encarou sua irmã:

— Por que você não me disse que...

— Roy! — disse Rita, agarrando seu braço. — Não vamos começar com essa história de novo, por favor. Sondra é minha amiga e nossa cliente.

Ele virou-se para Sondra. Surpreendentemente ela exibia um sorriso simpático para ele.

— Olá, Roy — ela disse com uma voz melodiosa. — Meus parabéns! Fico feliz em saber que você está se saindo bem por aqui.

Ele franziu a testa. Por que ela fingia estar feliz por ele quando na verdade ela cobiçava seu dinheiro? Por outro lado, ela parecia sincera em sua voz. Bem diferente da ogra com quem ele se casara, da górgona de suas piores lembranças. Ela se parecia mais com a Sondra original, a secretária que ele conheceu na primeira vez que entrou no consultório do Dr. Brown.

— Isso é porque eu estou num casamento feliz agora — ele respondeu a ela.

— Isso é maravilhoso — ela cantarolou, virando-se para o homem franzino a seu lado. — Eu sei como é.

— Ela me mostrou que o nosso passado não deve guiar o nosso presente — ele acrescentou, na esperança de que as palavras de Betânia se fixassem na cabeça de Sondra.

Sondra continuou sorrindo:

— Ela deve ser uma pessoa maravilhosa.

Ele sorriu de volta:

— E é mesmo. Você vai encontrá-la quando chegar na ilha. Seu nome é Betânia.

Com o canto do olho, Roy percebeu que o Sr. Cane virou seus olhos para ele quando ele mencionou o nome de Betânia. Ele sorriu para o Sr. Cane, que respondeu com um sorriso de canto de boca.

* * *

Quando o grupo finalmente chegou a Angra dos Reis, Samen estava louco por uma ducha. A van usada para transportá-los do Rio a Angra não tinha ar condicionado, e ele sentia que o clima estava muito mais quente do que quando ele esteve aqui com Gil.

Samen saiu da van e esticou suas pernas no lobby do hotel. Era um hotel simples mas aconchegante, de frente para o mar. Ficava na parte continental de Angra. Muitas ilhas podiam ser vistas a partir do lobby, mas ele não tinha certeza se a Ilha dos Negros Aços era uma delas. Ao observar as ilhas, ele começou a visualizar como faria seu trabalho. Ele provavelmente teria de achar uma maneira de ir à ilha sozinho.

Roy se aproximou dele, o braço estendido em direção ao mar:

— A clínica fica ali, Sr. Cane.

Samen apertou os olhos:

— Onde?

— Em algum lugar entre aquelas ilhas.

Ele riu:

— Você não sabe onde mora?

Roy deu de ombros:

— Os barqueiros daqui sempre acham o caminho.

É verdade, pensou Samen. E isso seria um problema. Se tivesse de ir à ilha sozinho, ele teria de contratar um barqueiro em quem pudesse confiar. Mesmo porque ele jamais aprendera a navegar.

Eles passaram a noite no continente. Só na manhã seguinte o grupo foi levado à ilha. Samen sentia-se seguro já que *Der Professor* nunca o tinha visto antes. Se ele e Gil o tivessem encontrado quando foram à ilha, ele agora teria um problema insuperável nas mãos.

A fim de se manter dentro do estilo Ricardo Tubbs, a indumentária tropical de Samen era composta por um par de tênis da moda, shorts de jogador de tênis e uma elegante camisa polo. Tudo adornado por um pequeno brinco e uma corrente de ouro no pescoço.

O barco que levou o grupo à Ilha dos Negros Aço era uma dessas escunas para turistas; o tipo de escuna que combinava com o estilo de Samen. Ele os levou através do mais longo dos caminhos, ou ao menos assim pareceu a Samen, pois foi um belo tour pela baía de Angra com direito a narração do barqueiro.

Chegando à Ilha dos Negros Aço, eles caminharam por cerca de 500 metros do ancoradouro até a clínica. Era uma subida suave, não muito íngreme. Samen não chegou a ficar com a respiração ofegante.

Der Professor — ou, melhor dizendo, Dr. Schultz — estava esperando por eles na porta da clínica, deitando em sua rede. Samen olhou bem para seu rosto. Ele parecia mais velho do que na foto que Gil lhe mandara.

Pondo um largo sorriso nos lábios, Samen apertou sua mão:

— Um doutor sem estresse — ele disse. — É disso que estamos precisando hoje em dia.

— Como posso ficar estressado em um lugar como esse? — respondeu *Der Professor*, olhando para os lados. — Posso até ficar entediado, mas nunca estressado.

Samen percebeu o pesado sotaque alemão do doutor, e comentou:

— É mesmo. Esse parece ser o lugar perfeito para quem quer se esconder de nosso mundo estressante.

Ele deu um sorriso irônico para Samen e retrucou:

— Em vários sentidos.

Der Professor era uma pessoa surpreendentemente confiante e arrogante, pensou Samen. Mas então, sua confiança na impunidade fazia com que esta missão fosse ainda mais prazerosa.

Assim que Samen se afastou do doutor, ele viu que Roy apresentava sua amante a sua irmã. Mesmo estando a mais de dez metros de distância, ele percebeu que Betânia fixou os olhos nele. Ele engoliu em seco. Ela o reconhecera: ele estava certo disto. Essa prostituta iria arruinar sua missão.

Samen se aproximou deles, com o rosto virado para outro lado, tentando ouvir o que eles estavam falando. Roy e Rita falavam em inglês; Betânia não participava da conversa. Quando Betânia falou com Roy, ela pediu licença e disse que estava indo para casa.

Samen deu um suspiro de alívio. Ele já não estava tão certo se ela o reconhecera. Talvez ela estivesse em dúvida. De qualquer modo, ter essa prostituta por perto seria muito arriscado.

Quando o grupo todo entrou na clínica, Samen ficou próximo à entrada. Com uma ampola nas mãos, *Der Professor* pôs-se a dar explicações a seus pacientes. Porém, como Samen estava com o Problema Betânia na cabeça, ele não ouvia uma palavra do que o velho alemão dizia.

Quando ele os convidou a entrar no laboratório, Samen saiu.

Samen tentou a porta da frente. Estava aberta. Ninguém as trancava numa ilhazinha como esta. A casa onde a prostituta nativa vivia com seu novo cliente era a mesma onde ele e Gil a tinham interrogado. Nem mesmo sua pintura e mobília horrível tinham mudado.

Ele ouviu a voz dela vindo de outro cômodo.

— Roy? É você? — ela estava dizendo.

Samen entrou no quarto. Ela estava na cama, olhando para a porta.

— Ah, é você... — ela disse.

— Tu lembras-te de mim?

Ela fez que sim com a cabeça:

— O que aconteceu com você? Ficou rico? Você tem pinta de rico agora. Mas os seus olhos continuam iguais.

— Meus olhos? O que há de errado com eles?

— Eles mostram quem você realmente é.

Ele riu:

— Como é que tu podes dizer isso se tu nem conseguiste perceber quem era teu amante?

— Ele não tinha ódio nos olhos. Não como você.

Ele deu de ombros:

— Isso é porque eu odeio gente como tu. O Mengele só te considerava um ser inferior.

— Ele me *amava*. Tenho certeza disso.

— Sim, do mesmo modo que ele amava cachorros.

Sentando-se na cama, ela olhou em seus olhos:

— Você não consegue amar nada nem ninguém, não é mesmo?

Ele deu um passo em direção à cama:

— Tu queres tentar?

Ela pôs-se de pé:

— Com *você*? Nem em um milhão de anos!

— Por que não, sua vagabunda? Quanto tu cobras?

Ela começou a andar em direção à porta:

— Sai do meu caminho!

Com sua mão direita, ele a segurou pelo pescoço. Com a esquerda, segurou seu braço:

— Eu sei o que tu és, sua prostituta! Com quantos nazistas tu fostes pra cama, hein? Mengele, *Der Professor* e quem mais? O que é que eles te deram? Ouro roubado? E depois, eles te chutaram quando tu ficaste velha e gorda? Foi assim que tu vieste parar na cama desse idiota do Roy, não foi?

Ofegando, ela tentou gritar:

— Roy!

Ele apertou seu pescoço, sentindo seus seios com a outra mão. Ela não estava usando sutiã por baixo da camiseta, e seus mamilos estavam durinhos. Ela devia ser masoquista, ele pensou, já que Mengele era um reconhecido sádico. Sim, uma puta masoquista seria perfeita para o Anjo da Morte!

— Tu estás gostando? — ele perguntou, ofegando em seu ouvido. — Diz-me; eu sei que estás. Como é que o Mengele fazia com tu, hein? Ele te espetava também?

Ele puxou sua camiseta para cima e apertou seus seios. Sentiu que seu pênis queria sair dos shorts. Ele os puxou para baixo junto com as cuecas e empurrou Betânia pra cima da cama, soltando seu pescoço. Ela tentou gritar novamente, mas ele a esbofeteou com força e fechou sua boca com a mão direita. Com a esquerda ele rasgou sua camiseta, saia e calcinha. Ela não gemeu quando ele a penetrou: seu pescoço já estava quebrado.

24. Laçando o Caso

Gil tinha discado o número do falasha inúmeras vezes nos últimos dias. Ninguém atendeu. Ele também tentara encontrá-lo no Centro Rosenthal, usando a técnica de dizer seu nome na esperança de que alguém o trouxesse ao telefone. O que ninguém fez. Agora ele estava fazendo da maneira correta: em inglês.

Ele trouxe sua namorada em casa e pediu que ela falasse por ele. Entre as várias habilidades de Sonia que ele prezava, estava o domínio da língua inglesa. Pedir ao Centro Rosenthal para que localizasse o falasha seria fácil para ela.

Gil a levou até seu quarto e fechou a porta. Ela deu um sorriso malicioso e o agarrou pela cintura:

— Você quer fazer agora, com seus velhos aí do lado? Já fiquei molhadinha...

Ele se livrou dos braços dela:

— Sonia, pelo amor de Deus. Você tem que fazer essa ligação pra mim!

Ela suspirou:

— Tá legal, tá legal...

Ela discou o número que ele lhe deu. Depois de alguns segundos ela disse algo em inglês. A única coisa que ele entendeu foi o nome do falasha, David Samen, no meio da frase.

Afastando o telefone do ouvido, ela virou-se para Gil:

— Eles disseram que David Samen está viajando a trabalho.

Ele franziu a testa. Viajando a trabalho? Será que o filho da puta tinha voltado ao Brasil sem falar nada pra ele?

— Pergunte *aonde* ele foi — Gil disse a ela.

Depois de dizer mais algumas frases em inglês, ela voltou a virar para ele:

— Ela não sabe.

— Quem é ela?

Sonia deu de ombros:

— Uma secretária ou qualquer coisa assim.

— Fala que nós somos da polícia!

Em inglês, ela falou algo como se estivesse discutindo. Virando-se para Gil, ela disse:

— Ela está transferindo para Ben Rosenthal.

— Deixe claro que você está falando em meu nome — ele disse. — Diga que eu trabalho para o falasha, que eu também trabalho para o seu Centro.

Ela fez que sim com a cabeça e começou a falar novamente. Gil compreendeu as últimas palavras que ela disse, *thank you*.

Ele olhou em seus olhos:

— E então?

— Bom — ela disse —, Ben Rosenthal me disse que esse David Samen está encarregado do caso do Dr. Schultz. Tudo o que ele sabe é que seu amigo pegou dinheiro do Centro pra viajar pro Brasil, então ele provavelmente está no Brasil.

— Só isso?

Ela sorriu:

— Ele disse que o Centro não é responsável por essa missão. Ele fez questão de deixar isso bem claro.

— Ué? Por acaso é uma missão ilegal?

Ela riu:

— Quem está na polícia é você, não eu!

— É — ele suspirou. — Acho que eu nunca vou ser delegado...

Beijando seu rosto, ela disse:

— Quem se importa?

Boa pergunta, pensou ele. Quem é que estaria realmente se importando com a captura desse médico nazista? Se ele não era procurado pela Interpol e se Ben Rosenthal não queria ter seu nome envolvido neste caso, por que é que o falasha estava tão interessado? E, mais importante ainda, como é que ele ganharia fama e prestígio resolvendo um caso em que ninguém queria se envolver? Talvez o falasha estivesse procurando por algo mais.

Gil tirou uma carteira do bolso, de onde puxou um pedaço de papel onde estava escrito outro número de telefone. Ele o entregou para Sonia, dizendo:

— Agora liga pra esse aqui e pergunta por Leon.

Ela discou o número e, depois de dizer algumas frases, pôs o telefone no gancho.

Virando-se para Gil, ela mudou de expressão e fez um gesto com as mãos, imitando uma peruca atendendo o telefone.

— *Leon?* — ela disse. — Leon deve estar se esbaldando numa ilha tropical, *queridinha...*

* * *

25. Serviço de Bufê

Quando Samen chegou para jantar no restaurante do hotel, ele viu que todos já estavam por lá e mastigando. Exceto Roy, é claro, já que ele não voltara ao continente com o resto do grupo. Roy tinha ficado na ilha do *Der Professor* para dormir em sua cama, com sua prostituta—embora ele não fosse encontrá-la esta noite. O problema era que ele continuaria a procurá-la pela noite toda, assim como pela manhã e pelo dia depois de amanhã.

Droga!, pensou Samen. Por causa dessa mulher, ele e Leon teriam de executar o plano antes do que fora combinado.

Após encher seu prato no bufê, Samen caminhou por entre as mesas procurando uma que estivesse vazia. Com um gesto, Rita o convidou a sentar-se com ela.

Ao olhar para seu prato ela disse:

— Parece que pegamos o mesmo peixe, Sr. Cane.

Ele fez que sim com a cabeça:

— Estou assumindo o mesmo risco...O gosto é bom?

— Muito bom. Você sabe que peixe é?

— Deve estar escrito lá — ele disse, apontando para o bufê.

— Mas não está em inglês — ela retrucou. — Você pode traduzir pra mim?

Ele gelou. *Como é que ela sabe que eu falo português?*, ele ficou imaginando. Será que por engano ele tinha falado algo em português perante o grupo? Ele não conseguia se lembrar.

Pigarreando, ele disse:

— Traduzir?

Ela sorriu e tocou seu braço como se pedisse desculpas:

— Desculpe — ela disse. — Como você poderia saber?

Ele sorriu de volta:

— E o seu irmão? Ela já sabia a língua quando mudou pra cá?

— Mais ou menos — ela disse. — Ele tinha aprendido espanhol na faculdade, então ficou mais fácil para ele se virar por aqui.

Olhando para Rita, ele fez que sim com a cabeça. Talvez, pensou ele, esta fosse a oportunidade de saber sobre a natureza do relacionamento de Roy com o médico nazista.

— E como foi que ele conheceu esse médico? — ele perguntou. — Quer dizer, eles foram apresentados por um amigo em comum ou algo assim?

Ela balançou a cabeça:

— Meu irmão não conhecia ninguém aqui, Sr. Cane. Para te dizer a verdade, o único motivo de ele ter vindo para cá foi porque era longe de casa.

Ele franziu a testa:

— Parece o comportamento de um fugitivo...

— Não me entenda mal, por favor — ela disse. — Roy jamais teve razão alguma para fugir. Foi uma coisa pessoal.

Ele concordou com a cabeça enquanto mastigava. Segundos depois, ele disse:

— Eu acho que todos queremos fugir de nossos problemas pessoais. O problema é que poucos de nós têm coragem para isso.

— Pois é, eu sempre pensei que meu irmão não tinha essa coragem — ela disse, torcendo os lábios. — Bem, eu estava errada!

Coragem, pensou Samen, era o que ele estava precisando para fazer o que Roy tinha feito e definitivamente mudar de vida. Ele devia ter uma vida como a de Gil, ou como a que ele tivera em Angola. Leon devia ser informado disso. O quanto antes, melhor.

— Então...seu irmão praticamente tropeçou no Dr. Schultz? — ele disse e riu.

Ela deu de ombros:

— A única coisa que sei é que Roy viajou para o Rio, onde ficou por uma semana. Então ele veio para o sul à procura de um lugar mais isolado.

— Este aqui?

— Aquela ilha isolada — ela disse, gesticulando em direção à praia.

Samen concordou com a cabeça. Isso apenas corroborava o que ele já sabia: que *Der Professor* estava lucrando com outro otário que caíra em seu quintal. Por outro lado, a essa altura dos acontecimentos o irmão dela já deveria saber que seu sócio alemão era um criminoso de guerra. O que fazia dele, se não um simpatizante, um cúmplice de nazistas.

Assim que terminou seu jantar e se levantou, Rita perguntou:

— Você também vai ao night club? Nós estamos saindo dentro de meia hora.

Ele franziu a testa. Tinha esquecido do programa desta noite na vida noturna local, mas agora, pensando sobre isso, percebeu que ter o grupo afastado e entretido ajudaria na antecipação de seus planos.

— Desculpe — ele disse, olhando para o relógio. — Eu prefiro ficar e dormir cedo.

— Eu não perderia se fosse você — ela disse. — Pense sobre isso.

Sorrindo, ele disse:

— Espero que vocês se divirtam.

Ele então foi para seu quarto e esperou que o grupo partisse. Ao ver pela janela que eles haviam partido numa van, ele abriu o armário. Os shorts mais escuros que ele tinha era um azul marinho, quase da cor de sua pele. A camiseta mais escura era uma preta. Seu único par de tênis, porém, não era escuro o suficiente, então ele teria de sujá-lo.

Virando-se para sua bagagem, ele checkou se não estava deixando nada comprometedor para trás. Tirou um caderninho do fundo da mala, abriu e colocou na mesa ao lado da cama enquanto pegava o telefone.

Depois de pedir uma linha ao telefonista do hotel, fez uma ligação local para um número que estava escrito em seu caderninho.

— *Yes?* — disse a voz que atendeu. Samen logo reconheceu o dono da voz, Leon.

— A fruta ficou madura — disse Samen em inglês. — Você precisa apanhá-la agora.

— Em dez minutos — foi a resposta de Leon.

Vestido com sua roupa mais escura, Samen deixou o quarto. No lobby do hotel ele avistou o táxi que chamara. Seu motorista era Leon, vestindo shorts brancos e camisa havaiana.

Sentando no banco de trás, Samen disse:

— Não dá pra fingir que é motorista de táxi vestido deste jeito.

Sentado atrás do volante, Leon olhou para o espelho:

— Os motoristas daqui não usam uniformes; eu chequei.

— Não, mas você sim — Samen disse e gargalhou. — Esse é o uniforme do turista gringo.

Leon não respondeu. Segundos depois ele disse:

— Por que ficou maduro tão cedo?

— A amante me reconheceu.

— E ela está...?

— Eliminada, mas com alguns efeitos colaterais.

— Quais?

— Eu recorri à solução mais rápida no próprio ambiente — respondeu Samen. — Será que dá para esperarmos até amanhã de manhã?

— Ela estava morando...

— Com o cara que clareou a pele. Dividiam casa, cama, tudo.

Leon balançou a cabeça:

— Então amanhã de manhã pode ser tarde demais — ele disse enquanto levava o táxi para um bairro de caiçaras.

Samen notou que esse bairro não era muito distante do hotel, embora se parecesse com outro país. Leon parou em frente a uma casa de tijolos aparentes, sem nenhum acabamento.

Dentro da casa o aspecto não era nem um pouco melhor. Outro agente de Leon estava esperando por eles na sala. Tinha a pele morena e estava vestido como um caiçara, usando shorts sem camisa. Ao menos esse podia passar por nativo, pensou Samen.

O agente virou-se para Leon:

— O barco está pronto. Já enchi o tanque.

Samen notou que o cara tinha sotaque brasileiro. Era um nativo, afinal de contas.

Virando-se para Samen, Leon disse:

— Nosso amigo aqui tem um barco, e ele conhece a baía de Angra como a palma da mão.

Samen virou-se para o agente nativo:

— Você sabe como chegar à Ilha dos Negros Aço à noite?

Ele só fez que sim com a cabeça.

Com um gesto, Leon o mandou para outro cômodo da casa. Ele voltou vestido com uma camisa e carregando uma mochila. Eles saíram da casa e pegaram o táxi com o agente na direção. Ele os levou a um ancoradouro a poucas centenas de metros de distância.

Seu barco de madeira se parecia com o que era usado por vários pescadores de Angra. Tinha dois andares e muitas redes de pesca espalhadas por cima.

Samen entrou no barco e ficou em pé agarrado a um mastro. O motor foi ligado. Era extremamente barulhento. A única luz que havia no barco estava presa ao mastro e apontada para frente.

Eles estavam navegando em direção à ilha do *Der Professor*.

Já era quase meia-noite e Roy ainda não tinha encontrado Betânia. Ela tinha lhe dito que estaria em casa, então por que não estava? Como todos os seus pertences estavam no lugar, ela não poderia estar longe. Nem Jacinto, nem qualquer outro ilhéu com barco a tinha levado para fora da ilha; Roy tinha checado. Ele continuou deitado em sua cama, pensando e pensando sem encontrar resposta.

Talvez o doutor pudesse pensar com mais clareza que ele, considerou Roy. *Certamente* o Dr. Schultz podia pensar melhor que ele. Então Roy saiu de sua cama, de sua casa e caminhou de volta à clínica.

Ele encontrou o doutor na varanda, deitado em sua rede. Ele não estava dormindo; seus olhos estavam abertos. Ele sorriu para Roy.

— Nós temos um problema, doutor — disse Roy.

O doutor apontou para o céu:

— Ele está bem limpo esta noite, não? Nenhuma nuvem.

— Eu não consigo encontrar a Betânia.

O doutor continuou olhando para o céu:

— Você já passou algum tempo observando o céu?

— Você não está me ouvindo! — ele grunhiu.

— É claro que estou. — Bufando e gemendo, o doutor sentou-se na rede. — Mas eu não sei onde ela está, se é isso que você quer me perguntar.

— Acho que aconteceu alguma coisa.

— Algo realmente aconteceu: você trouxe muitos estranhos à minha ilha.

Roy franziu a testa. Por que o Dr. Schultz estava mudando de assunto? Será que ele estava de gozação?, ele pensou. Apontando para a casa do doutor, ele berrou:

— Ela está aqui?

O doutor gesticulou em direção à porta, como se o convidasse a entrar.

Roy não entrou. Ele suspirou:

— Eu não sei aonde mais devo procurar...

Pigarreando, Dr. Schultz disse:

— Como eu ia dizendo, você trouxe muitos estranhos para cá.

Roy sentou na rede, ao lado do doutor. *Estranhos?* Ele parou para pensar. Mas se eles eram estranhos ao doutor, eles também o seriam a Betânia. A não ser que...

Ele sentiu um choque ao pensar isso: *sua ex-esposa!* É claro! Aquela gentileza toda no aeroporto poderia ser um disfarce. Sondra era a única pessoa do grupo que poderia ter algum interesse nos destinos de Betânia. Mas então, ela não sabia português e Betânia não sabia uma palavra de inglês. O que ela poderia dizer a Betânia que a convencesse a deixá-lo? Ou...

A conclusão era inevitável; o choque ainda maior: Sondra poderia ter se livrado de Betânia.

Roy recostou-se na rede, fechou os olhos e cerrou os dentes. Então, dando um longo suspiro, ele abriu os olhos para observar o céu limpo e estrelado.

* * *

Usando algumas redes de pesca como travesseiro, Samen estava deitado de costas no barco olhando para o céu. Ele conseguia reconhecer o Cruzeiro do Sul perto do horizonte.

Sem tirar os olhos do céu, ele disse para Leon:

— Eu não vou voltar a Nova York.

Sentado na lateral do barco, Leon disse:

— Mas nós precisamos de um homem no Centro de Ben.

Samen deu de ombros:

— Eu posso ser substituído.

— Você quer ficar aqui?

— Não exatamente *aqui* — disse Samen, apontando para o continente.

Leon fez que sim com a cabeça:

— É um país bem grande, de qualquer modo.

— E qual é o risco?

Leon balançou a cabeça:

— Nós não temos inimigos no Brasil.

— Aparentemente ninguém tem inimigos por aqui: é por isso que eu quero ficar.

— É por essas e por outras que isso aqui é um grande esconderijo — disse Leon. — Até a justiça deles facilita as coisas: eles acham que todos são inocentes — ele acrescentou e gargalhou.

Talvez eles estejam certos, pensou Samen. Talvez esse fosse um dos poucos lugares do mundo onde a justiça não se assemelha a vingança.

— No final das contas — observou Samen —, todos têm uma desculpa.

— Mesmo? — disse Leon enquanto exibia um sorriso irônico. — Qual é a sua?

— Você leu meu relatório sobre a vida que o Mengele viveu no Brasil?

Leon franziu a testa:

— Por quê? Você acha que ela foi boa? Ele estava longe de seu meio, de sua família...

— É, mas ele teve uma vida, afinal — retrucou Samen. — O que é que *eu* tenho?

Leon o encarou:

— Você já se esqueceu da vida que tinha quando eu o encontrei?

Samen suspirou e não respondeu. É claro que ele se lembrava da vida que tinha quando os israelenses o resgataram. Leon jamais o deixaria o esquecer.

Acontecera quase uma década antes, em 1977. Como novo primeiro-ministro de Israel, Menachem Begin adotara uma política de vender armas ao ditador etíope que em troca deixaria os falashas emigrarem para Israel. Sem saber de nada na vila onde vivia, Samen foi pego de surpresa quando um funcionário do governo veio até ele e disse:

— Seu nome é David Samen, não é?

Samen gelou. O cara parecia nervoso e não parava de jogar seu rifle de uma mão para outra.

— É — ele murmurou.

— Venha comigo.

Samen sabia que seria inútil perguntar algo. Ele devia guardar seus argumentos para serem usados mais tarde, pensou ele, quando pudesse entender o que estava acontecendo.

O pai de Samen apareceu por trás dele, perguntando ao funcionário:

— Quem lhe deu essa ordem?

O funcionário o encarou e não deu nenhuma resposta.

— Só eu? — disse Samen.

Outro homem apareceu atrás do funcionário. Ele tinha uma pistola no coldre. Era branco, alto, encorpado e usava botas de caubói.

— Desculpe, mas nós vamos resgatar os mais jovens primeiro — ele disse em inglês. — Sua família fica.

Seu pai o segurou pelo braço, dizendo:

— Ele é israelense. Vá com ele. Não olhe para trás.

O homem branco se apresentou como Leon. Ele o levou junto com outros quatro falashas da mesma vila dentro de um jipe Land Rover.

Eles chegaram à capital Adis Abeba um dia depois. Samen viu outros 150 falashas que já estavam no aeroporto esperando para embarcar num grande avião cargueiro militar.

Saindo do jipe para embarcar no avião, Samen virou-se para Leon:

— Há assentos para todos nós?

— Não — foi a resposta de Leon. — Mas não se preocupe. O voo não vai ser longo.

Samen fez que sim com a cabeça. De fato, ele sabia que Israel não era muito longe da Etiópia.

Talvez uma ou duas horas em um jato como esse.

— Eu não sabia que Israel tinha um acordo com o presidente Mengistu — ele disse.

— E não tinha — disse Leon. — Mas agora que estamos aqui, podemos levar duzentos de vocês de uma vez.

— Vocês vão voltar para resgatar mais?

— Eu não sei. Nós viemos trazer uma encomenda de Mengistu.

Samen franziu a testa:

— Armas por falashas?

Leon deu de ombros:

— Por que não?

Com 200 pessoas dividindo o piso do avião cargueiro, essa não poderia ser uma viagem confortável. A recepção em Israel, porém, foi algo que a maioria deles jamais experimentara. Samen tinha educação e conhecimento das benesses da civilização, mas estava ciente de que a maioria de seus compatriotas nunca vivera em um lugar com água corrente e eletricidade. Eles tiveram de passar mais de ano nos centros de adaptação de Israel. Samen passou seis meses em um deles, basicamente para aprender hebraico. Só depois desse período de aculturação ele voltou a ver Leon.

Leon veio com uma proposta:

— Você deve se juntar à nossa família.

Esse foi o seu modo de fazer o convite, o que pareceu bem excitante para Samen, ao menos naquele momento. Fazer parte da inteligência israelense era fazer parte de um *dream team*, pensou ele. Ele fantasiou que teria muitos camaradas, que seus anos dourados voltariam, mas ele logo percebeu que não havia lugar para o convívio social. Pelo contrário, a ausência de convívio era estimulada. Leon acabou sendo seu mestre, seu superior hierárquico e seu único contato.

Até o começo dos anos 80, Samen nada fez além de estudar e treinar. Ele tinha esperanças de juntar-se a uma nova missão de resgate na Etiópia, mas isso não aconteceu. Foi só recentemente, na gigantesca Operação Moisés, que ocorreu o êxodo em massa. A partir de novembro de 1984, durante seis meses oito mil falashas foram retirados da Etiópia através do Sudão. Samen, porém, já tinha sido enviado a Nova York, ao Centro Rosenthal. A única coisa que ele obteve dessa gigantesca missão de resgate foi a confirmação de que ele não tinha mais uma família.

* * *

Samen viu que eles estavam a cerca de cem metros da Ilha dos Negros Aço quando o agente nativo desligou o motor. Com a luz apagada, o barco continuou a navegar no escuro em direção à costa rochosa.

Ele estava bem lento quando bateu em algo.

— Não podemos chegar mais perto que isso — o agente disse. — Vamos ter de molhar os pés, senhores...

Enquanto ele jogava a âncora, Samen e Leon observavam a costa rochosa na tentativa de encontrar o melhor caminho. Leon entregou uma pistola a Samen, que ele prendeu atrás na cintura. Leon carregava outra pistola em um coldre, além de uma faca de caçador no tornozelo direito.

Samen seguiu Leon pelo caminho das rochas, molhando seus tênis apenas no começo.

Assim que chegaram à terra firme, Leon deixou que Samen o guiasse, já que ele tinha estado na

ilha anteriormente.

Quando chegaram próximos à clínica do *Der Professor*, Samen viu Roy e o médico nazista conversando na varanda, deitados em duas redes. Eles não se mexeram enquanto Samen e Leon se aproximavam. Quando Roy finalmente virou-se para eles, eles estavam a dois passos da varanda.

Olhando para Samen, Roy apenas franziu a testa.

— Engraçado... — disse Samen em português. — Eu sempre pensei que as pessoas dormissem cedo em um lugar como este.

— Sr. Cane, de onde você é, afinal? — Roy perguntou em inglês.

Samen não respondeu. Ele olhou para o médico nazista.

O doutor deu uma olhada em Leon, depois virou-se para Samen e disse:

— Deixe-me adivinhar: Angola.

Samen sorriu e bateu palmas:

— Ora, tu consegues distinguir sotaques! Meus parabéns!

— Não, eu não consigo distingui-los — disse o doutor —, mas eu consigo deduzir.

— Neste caso, foi uma dedução muito ruim...*Der Professor*.

O doutor não respondeu. Sua cara de alemão parecia congelada.

— Tu és o *Der Professor*, não? — insistiu Samen.

Roy encarou Samen:

— Do que é que você está falando?

Travando uma luta com a rede, o doutor conseguiu ficar em pé. Então ele perguntou:

— Quem se importa?

— Meu povo.

— Falasha? — O doutor engoliu em seco. — Você é um deles?

— Surpreso?

— Não, acho que não — disse o médico nazista com um sorriso amarelo. — Eu sabia que esse negócio com Roy era um erro. Ganância é sempre um erro, não é?

— Talvez — disse Samen. — Mas, em teu caso, este é o menor dos erros.

Der Professor olhou nos olhos de Samen e perguntou:

— Você é?

— O quê?

— Ganancioso.

Samen deu de ombros.

— É claro que é. Mas mesmo que você não se importe com dinheiro, há um interessante aspecto social aqui. Eu posso usar minha técnica para fazer com que os falashas se unam mais perfeitamente à raça judaica — disse o doutor, apontando para os rostos de Samen e Leon. — Pense sobre isso. Eu posso torná-los judeus brancos. Pense nos seus filhos; eu posso torná-los brancos. Pense na vida que eles terão como brancos.

Samen balançou a cabeça, mostrando um sorriso de deboche nos lábios.

Roy ficou em pé e se aproximou de Samen:

— Escute Sr. Cane, ou qualquer que seja o seu nome — ele disse, erguendo a voz. — Se você e seu amigo querem denunciar o doutor às autoridades, vão em frente. Eu lhes dou o endereço. Agora, por favor, volte ao hotel. A agência o reembolsará.

Samen encarou Roy:

— Teu negócio, *senhor*, tem um pecado original. Nós não podemos deixar que continues com ele.

Enquanto isso, Leon já tinha tirado sua arma do coldre e estava apontando para o doutor. Fazendo um gesto com sua mão livre, ele disse:

— Vamos entrar na clínica.

Enquanto Samen olhava para Leon fechando a porta, ele ouviu Roy berrando:

— Não!

Ao virar-se, Samen viu *Der Professor* curvado para frente, apoiando-se numa gaveta aberta.

Roy estava ao seu lado, olhando para ele, boquiaberto.

— O que foi que ele fez? — Leon perguntou, berrando para Roy.

Apontando para a gaveta, Roy disse:

— Uma cápsula...

Samen agarrou o velho e fez com que ele abrisse a boca. Enfiando os dedos, ele conseguiu pegar o que sobrara da cápsula. Devia ser cianureto, ele pensou.

— Tarde demais, falasha — ele disse, tossindo. — Vocês esperaram demais pra me pegar. O jogo acabou. Eu já vivi o suficiente.

Leon colocou a arma no coldre e se ajoelhou ao lado do doutor, agarrando seu pescoço flácido e grunhindo:

— Me diz como é que você fazia, *Professor*, hein?

Tirando a faca do tornozelo, Leon a encostou na testa do doutor e rasgou sua pele, arrancando o escalpo do crânio.

— Era assim? — acrescentou Leon.

Deixando o corpo cair no chão, Leon virou-se para Roy. Ele estava encostado na parede como uma criancinha assustada. Quando Leon foi em sua direção, a faca apontada para seu estômago, ele começou a dizer "Escuta, eu..." antes de cair no chão com metade da faca enterrada em sua barriga.

Samen correu para o laboratório e procurou pela caixa com ampolas que tinha visto pela manhã. Quando a encontrou, ele abriu e ficou olhando para as ampolas. *O futuro parece claro e brilhante*, ele pensou, abrindo um largo sorriso.

Com a caixa debaixo do braço, Samen deixou a clínica, caminhando atrás de um Leon com muito sangue nas mãos.

* * *

26. Na Trilha do Ouro

Gil tinha dirigido por quatro horas antes do nascer do dia a fim de chegar a Angra dos Reis pela manhã. Chegou ao Cais de Santa Luzia a tempo de ver os caixas pondo seu peixe à venda.

Usando o mais ameaçador dos recursos, seu distintivo da Polícia Federal, ele conseguiu um barco assim que chegou. Quarenta minutos mais tarde, ele estava na Ilha dos Negros Aço. Lembrou-se de onde ficava a clínica do doutor nazista, na parte mais alta da ilha, e caminhou até lá.

Enquanto caminhava, ficou em dúvida se estava caçando o nazista ou o sujeito que trouxera esse caso até ele. Um caso que na verdade não existia pois o Dr. Schultz não era procurado pela justiça. De qualquer modo, suas *atrocidades* — como diziam os caçadores de nazistas — poderiam ser denunciadas: era isso o que Gil deveria fazer para ficar em evidência. Era isso que tio Jorge tinha receitado.

De qualquer maneira, se ele quisesse ter esse caso e conseqüentemente uma carreira nas mãos, ele teria de, antes de mais nada, encontrar o *caçador*. Samen *tinha* de estar aqui, ele pensou.

Quando chegou à frente da clínica do doutor, ele franziu a testa: a porta estava escancarada. Ele disse Olá e foi entrando. As luzes estavam acesas — e os dois homens que ele tinha seguido em São Paulo estavam no chão.

Ele ajoelhou-se ao lado do velho. Tentou sentir seu pulso da única maneira que sabia, mas

quando tocou seu pulso sentiu ele frio como gelo.

Aproximou-se do mais jovem. Antes de sentir seu pulso, percebeu que respirava. Tinha uma pequena faca espetada em sua barriga com uma mancha de sangue ao redor, na camisa. O sangue, no entanto, estava seco.

O sujeito abriu os olhos e murmurou alguma coisa.

— O quê? — perguntou Gil.

— Betânia — ele disse com sotaque gringo.

Betânia? Gil franziu a testa. Será que ele o estava confundindo com a mulata do Mengele?

* * *

Quando Roy acordou, percebeu que estava numa enfermaria. Ele viu outras três camas ao lado da que ele ocupava e algumas pessoas do outro lado da sala. Duas delas andavam em sua direção.

A que estava vestida de branco inclinou-se sobre ele, sorrindo:

— Você não tinha motivo pra dormir tanto assim. Ficamos preocupados.

— O que aconteceu? — perguntou Roy, embora tivesse uma vaga lembrança de ter sido trazido numa lancha da Guarda Costeira até o continente.

— Era justamente essa a pergunta que tenho de lhe fazer — disse a outra pessoa.

Roy se lembrava: era ele quem tinha vindo ajudá-lo na clínica do Dr. Schultz.

— Foi um assalto. É melhor chamar a polícia.

— Eu sou da polícia federal — o sujeito disse. — Você reconheceria quem lhe fez isso?

— É claro. Foi um de nossos clientes.

Então ele contou ao policial sobre Richard Cane, o yuppie negro, como ele o conhecera na agência em Nova York, e como ele nunca despertara suspeitas.

— Você alguma vez escutou o nome de "David Samen"? — o policial perguntou.

Roy respondeu que não.

— É estranho porque você descreveu o homem que estou procurando, a não ser pelo estilo yuppie.

— O que é que ele faz?

— Ele é um caçador de nazistas.

Roy engoliu em seco e fechou os olhos antes de dizer:

— Acho que sou seu cúmplice...

O policial riu:

— Acredite, não é só você.

* * *

O médico do hospital não disse isso na cara dele, mas Roy tinha certeza de que ele o considerava um fracote. O esfaqueamento, segundo esse médico, tinha causado somente um trauma psicológico. Como a lâmina da faca era curta e sua barriga tinha muitas camadas de banha, nenhum órgão ou veia tinha sido atingido. Com o corte devidamente suturado, ele estava sendo praticamente jogado para fora da enfermaria.

Com sua irmã, Roy voltou para o hotel. Ele sabia que Rita estava preocupada com o dinheiro, já que teria de reembolsar os clientes, mas a única coisa em que ele pensava era Betânia. Ele disse a Gil, o policial federal, sobre seu desaparecimento, e ele prometeu que ajudaria a encontrá-la.

Quando Gil veio buscá-lo no hotel, ele estava acompanhado por mais dois policiais. Eles o levaram à Ilha dos Negros Aço, à casa que ele dividia com Betânia.

Após uma rápida busca pela casa, Gil perguntou a Roy sobre que amigos e parentes ela tinha. — Sua mãe vive em São Paulo — ele respondeu —, e muitos de seus amigos estão aqui nesta ilha.

— Você falou com eles?

Roy suspirou:

— Falei com todos nesta ilha, sim. Ninguém a viu. O problema é o seguinte: se nenhum dos que têm barco a levou para fora da ilha, ela *tem* de estar aqui.

— Ela provavelmente está — disse Gil, olhando em seus olhos. — Como o doutor nazista.

Fechando os olhos, Roy segurou a cabeça com ambas as mãos. Ele já tinha pensado nesse terrível destino para Betânia, só que a culpada seria outra pessoa. Agora ele fora condicionado a pensar que tinha sido o Sr. Cane — ou qualquer que fosse seu nome — o culpado. Mas por quê?

Ele virou-se para Gil:

— Ele tinha algum motivo?

Gil deu de ombros:

— Ela foi mulher de Mengele, não foi?

Roy balançou a cabeça:

— Mas ela não sabia nada sobre seu passado. Em sua cabeça, ela tinha sido esposa do seu

Pedro.

— Eu não acho que isso faria alguma diferença pra esse falasha.

Um dos policiais foi até a cozinha e voltou com um copo d'água nas mãos. Ele resmungou:

— Minha Nossa! De onde vem essa água? Tem gosto de...

Repentinamente Gil pulou do sofá e berrou para Roy:

— Onde fica a caixa d'água?

Assim que Roy percebeu o que Gil queria dizer, ele gelou. Mal podia se mexer. Ele apontou para os fundos e os três policiais saíram correndo. Ele foi atrás deles.

Quando Roy chegou, viu Gil pegando uma pequena escada para subir até a caixa que ficava sobre o banheiro. Uma vez lá em cima, ele puxou a tampa e olhou dentro.

Gil virou-se para eles, fazendo que sim com a cabeça:

— Ela está aqui — ele disse.

* * *

No rústico cemitério de Angra, Roy olhava para o elegante caixão do Dr. Schultz enquanto os coveiros jogavam terra sobre ele. Tinha custado muito mais caro, ele imaginou, que o de Betânia. Afinal, Betânia, que tinha sido enterrada no mesmo cemitério, tivera apenas a ele e a sua mãe para cuidar do funeral, enquanto o doutor tivera todos os pacientes e habitantes de sua ilha para providenciar o sepultamento. Além de seu próprio dinheiro, é claro.

O local estava quase lotado. Embora o doutor não tivesse família no Brasil, Roy via que toda a população de sua pequena ilha viera ao funeral. Todos eles eram, como uma verdadeira família, herdeiros de uma fração da ilha do doutor. Roy também estava herdando a casa onde vivia, mas não estava certo se queria ficar. Ele não estava certo de nada.

Ele virou-se para Gil, que parecia procurar por alguém em meio a todas aquelas pessoas.

Roy disse:

— Poupe seus olhos; o Sr. Cane não veio.

Virando para Roy, Gil disse:

— Estou tentando ver quem tem cara de alemão.

— Há muitos brancos por aqui — Roy disse e riu —, mas quase todos já foram negros...

De repente, Gil ficou sério:

— Olha, eu sei onde o doutor guardava seu ouro. Eu vi quando vocês dois entraram no banco.

Roy franziu a testa:

— Você estava...?

Gil fez que sim com a cabeça:

— Nós temos seguido o doutor. Por que você acha que eu apareci na ilha, assim, de repente?

Boa pergunta, pensou Roy. Mas então, nos últimos dois dias ele não pensara em mais nada a não ser em Betânia.

Gil continuou:

— O problema é que eu dividi essa informação com esse caçador de nazistas, o David Samen.

Aposto que ele foi atrás desse ouro.

— Mas ele não pode fazer nada — retrucou Roy. — Está num cofre de segurança.

— Que segurança? — perguntou Gil.

* * *

Roy viu-se novamente no cofre de segurança do Dr. Schultz em São Paulo. Desta vez, porém, ele não tivera de vir dirigindo; viera como passageiro no carro de Gil.

Roy ficou surpreso ao ver que o prédio da Polícia Federal ficava tão próximo do banco e do hotel onde ele e o doutor tinham ficado. Se quisesse, Gil poderia tê-los espionado com binóculos. Antes de ir ao banco, ele tinha passado algumas horas no escritório de Gil, esperando pelo oficial de justiça com a autorização judicial para abrir o cofre do Dr. Schultz.

Roy, Gil e o oficial de justiça estavam parados em frente ao compartimento do doutor, observando enquanto o funcionário do banco o abria com suas chaves e ferramentas.

Com a caixa posta sobre a mesa, o oficial de justiça a abriu. Roy inclinou-se para olhar dentro dela. Estava vazia.

Gil soltou uma breve gargalhada e virou-se para Roy:

— Quando você esteve aqui com o doutor, você viu tudo o que estava nessa caixa?

— Tudo, não — disse Roy. — Mas eu vi que ele pegou uns anéis e dentes de ouro. E, pela força que ele fez, ela parecia estar bem pesada. Devia ter muito mais aí dentro.

— Estava cheia, né?

Roy sacudiu a cabeça. Chamando uma funcionária do banco, ele pediu para ver os registros.

Ela abriu o livro que tinha nas mãos e apontou para a última visita ao cofre do doutor que estava registrada:

— Seu Ernst Schultz esteve aqui — ela disse — na manhã de ontem.

— Quem o recepcionou? — perguntou Gil.

— Eu mesma.

— Na manhã de ontem Ernst Schultz já estava morto — retrucou Gil. — Ele mostrou alguma identidade?

— É claro! — ela disse, tornando sua voz mais aguda e apontando para um número anotado em seu livro. — Esse é o número da identidade que ele me mostrou. É uma carteira de estrangeiros. E essa aqui é sua assinatura. Ela confere.

Gil suspirou:

— É, estou vendo. E qual era a aparência dele?

— Era alto, encorpado, usava uns óculos largos...

— Era jovem ou velho?

— Não era muito velho, não, mas seu cabelo era todo branco. Bem branco. Me pareceu que era

tingido de branco.

— Sei...Mais algum detalhe?

— Botas. Ele usava umas botas de caubói bem vistosas — ela acrescentou.

* * *

Quando eles estavam saindo do banco, Roy perguntou à funcionária:

— Onde posso comprar dólares?

— No terceiro andar, senhor — ela disse.

Gil virou-se para ele com uma expressão de espanto.

— Eu saquei tudo de minha conta — disse Roy. — Estou de mudança para Nova York. Você ainda vai precisar de mim?

Gil sacudiu a cabeça:

— Apenas me dê seu novo endereço e telefone.

Roy fez que sim com a cabeça:

— Você vai me manter informado?

— Claro. Não se preocupe. Nós já mandamos uma descrição do David Samen pra Interpol. Nós vamos achar o assassino do doutor. Aqui ou no estrangeiro, nós vamos achá-lo.

— O doutor não foi assassinado — retrucou Roy. — Ele cometeu suicídio. É pelo assassinato de minha esposa que esse cara tem de ser punido.

Gil sorriu e deu de ombros.

* * *

27. Vida No Campo

Depois de três anos falando e pensando em português brasileiro, não estava sendo nada fácil para Marcelo da Costa e Silva tornar-se novamente David Samen. Mesmo que fosse por poucos minutos. Mas ao mesmo tempo ele não podia se esquecer de que, sendo Samen, ele ainda tinha um dever a cumprir e uma dívida a pagar.

Sendo Marcelo, ele levantou-se da cama e, antes de sair do quarto, olhou para sua esposa e sorriu. Amamentando o bebê em seu peito, ela sorriu de volta. Ele inclinou-se, beijando a fronte de sua esposa e a barriguinha de sua filha. A criança reclamou, tentando empurrá-lo com seu pezinho. Ele riu e foi à cozinha fazer o café da manhã.

Se não fosse pelos relatórios que ele tinha de enviar a Leon, ele poderia prazerosamente imaginar que jamais fora outra pessoa além de Marcelo da Costa e Silva, imigrante angolano, fazendeiro em Araraquara. Cumprindo sua parte do acordo, Leon tinha fornecido a Samen seus novos documentos de identidade. Samen criou sua vida pregressa baseando-se na vida de alguns de seus amigos angolanos que emigraram para o Brasil. O ouro que confiscara do cofre de *Der Professor* em São Paulo também fora útil: Leon permitiu que ele usasse uma parte desse dinheiro para investir em sua nova vida.

No entanto, foi Leon quem escolheu a cidade onde ele viveria, já que nos arredores de Araraquara havia um local chamado Nova Europa. Embora a paisagem plana do local não tivesse muito a ver com a da Alemanha, os sobrenomes de seus habitantes certamente tinham. Os Schmidt, Nehring, Holzhausen e Kolland estavam aqui, plantando café e milho, criando gado. Além disso, como Leon fizera questão de lembrar, o primeiro lar brasileiro de Josef Mengele tinha sido em Nova Europa.

Durante seus três anos como Marcelo, não fora difícil fazer novos amigos na comunidade de

imigrantes alemães. Misturar-se com pessoas de diferentes origens era, afinal, o jeito brasileiro de ser.

Quando sua esposa entrou na cozinha, o café estava quase pronto. Ela sentou-se à mesa, dizendo:

— Ela está dormindo de novo.

Ele pôs o café, o leite e as torradas na mesa e sentou-se ao lado dela. Eles se olharam de uma maneira carinhosa. *Eu me saí melhor que o próprio Mengele*, ele pensou. É claro que ele nunca tinha se encontrado com Betânia quando ela estava com Mengele, mas, baseado nas fotos que vira, sua esposa Anabela era sem dúvida mais bonita. Era branca do tipo mediterrâneo, neta de imigrantes italianos.

Na verdade, quando ele comprou sua fazenda ele também já era branco do tipo mediterrâneo, de pele morena. Após tomar duas doses do clareador de pele do *Der Professor*, ele viu-se transformando como um camaleão. Sessenta dias depois ele deixou de se parecer com Ricardo Tubbs para assumir a persona de um homem do campo com sotaque angolano. Foi por esse homem que Anabela tinha se apaixonado.

Ainda olhando em seus olhos, ele disse:

— Fez a lista de compras?

— Você vai até a cidade?

Ele fez que sim com a cabeça:

— Depois do café.

— Não precisa comprar muita coisa, amor — ela disse. — Quer dizer, além das coisas pro churrasco.

Marcelo estava planejando um churrasco para comemorar o primeiro aniversário de sua filha. Ele já tinha convidado seus amigos da vizinhança e esperava que a maioria deles comparecesse, especialmente os idosos imigrantes alemães.

— Bom, mas o churrasco é para os adultos. O que é que eu trago para as crianças?

— Eu vou fazer sanduíches e doces pra elas — disse Anabela. — Você pode trazer uns balões ou algo assim. Ela gosta de elefantes.

Ele sorriu, imaginando como sua esposa poderia saber uma coisa dessas.

* * *

Antes de ir ao mercado da cidade, Marcelo estacionou sua picape em frente ao escritório da companhia telefônica. Mesmo tendo telefone em sua fazenda, ele nunca fazia chamadas internacionais com ele. Na casa de Marcelo não havia lugar para Samen.

Ele comprou umas fichas no balcão e dirigiu-se à cabine. Depois do segundo toque, Leon atendeu.

— Minha festa vai ser neste final de semana — Samen disse. — Eu convidei todos eles.

— Quantos confirmaram? — perguntou Leon.

— Nenhum deles. Nós não temos esse tipo de formalidade por aqui; você apenas chama alguns e faz comida a mais.

— Então você não sabe quem vem? — Leon parecia contrariado.

— Não se preocupe — disse Samen. — A vida no campo não é muito agitada. Ninguém perde uma festa.

— Bem, mas faça o possível pra trazer esse Klaus.

— Vou tentar.

Samen suspeitava desse homem conhecido como Klaus Schneider desde o dia em que ele se contradisse numa conversa sobre armas. Após ter várias vezes afirmado ser um pacifista suíço, Klaus demonstrou um notável conhecimento sobre armas alemãs da Segunda Guerra. Samen percebeu o quão excitado ele ficou quando defendia a superioridade do armamento alemão durante um acalorado debate

em um dos churrascos da comunidade. Ao descrever Klaus para Leon, Samen descobriu que ele poderia ser um guarda do campo de Sobibor que tinha desaparecido nos anos 50.

— Faça isso — disse Leon.

Samen suspirou:

— Algo mais?

— Apenas faça como combinado.

Desligando o telefone, Samen deu outro suspiro e murmurou para si mesmo:

— Certo, chefe.

* * *

Klaus veio para a festa. Talvez fosse algum tipo de síndrome como aquela que faz com que os reféns passem a gostar de seus captores, ou talvez o ambiente realmente mudasse o caráter das pessoas, mas a verdade é que Marcelo considerava Klaus um de seus melhores amigos. Klaus era um velho bem humorado, desses que fazem piada sobre tudo. Marcelo ficaria sinceramente desapontado se Klaus fosse o guarda do campo de Sobibor.

— Que bom que você veio, Klaus! — disse Marcelo enquanto cuidava da churrasqueira que ele mesmo construía atrás de sua casa.

Sem saber que a festa era para ela, sua filha brincava, sob o olhar atento de Anabela, no gramado ao lado do quiosque da churrasqueira.

— Eu só vim por causa da cerveja grátis — disse Klaus, olhando para Marcelo com um certo ar de deboche em seus olhos azuis.

Marcelo apontou para a bomba de chope:

— Sirva-se.

Klaus encheu uma caneca e voltou a ficar ao lado de Marcelo.

— Agora que sua filha está ficando uma bela moça — ele disse —, eu acho que a gente devia arranjar um marido para ela.

Marcelo riu:

— Em qual candidato você está pensando?

— Meu neto caçula. Ele já está com três anos.

— Mas ele estaria interessado em que? — Marcelo disse enquanto salpicava a carne com água e sal. — Na minha propriedade ou na beleza dela?

— Em ambas — respondeu Klaus. — Você já percebeu que a pele dela é mais escura que a sua?

Marcelo virou-se para sua filha. Ela estava se tornando uma mulatinha, sem dúvida. Afinal, a droga do *Der Professor* tinha efeito apenas em sua pele, não em seus genes. Mas ele tinha uma resposta pronta para perguntas como a de Klaus:

— Bem, meu sangue não é cem por cento português. Minha avó materna era africana. Minha filha deve ter herdado alguns desses genes.

Klaus riu:

— Relações íntimas sempre nos trazem algum tipo de punição — ele disse antes de server todo o conteúdo de sua caneca em uma só golada.

Marcelo também riu:

— Você é *velho* demais pra saber dessas coisas.

— Mas não pra me lembrar delas.

— Se lembrar ou se arrepender?

Franzindo a testa, Klaus olhou para baixo. Ao erguer a cabeça, ele já estava sorrindo:

— Você conhece aquela do...

Enquanto Klaus contava sua piada, Marcelo viu sua esposa com a máquina fotográfica nas mãos, pronta para tirar as fotos.

Ao final da festa, um filme de 24 poses tinha sido consumido.

* * *

Enquanto sua filha dormia no quarto, Marcelo e Anabela transaram na cozinha. Ele geralmente ficava excitado de manhã, embora a paternidade tivesse alterado seus hábitos.

Com um último beijo, Anabela disse:

— Deixa eu terminar o café, seu tarado.

Antes de sair da cozinha, ele perguntou:

— Tem lista de compras hoje?

— Tenho — ela disse. — e não se esqueça de pegar as fotos.

Ele fez que sim com a cabeça.

Quando chegou na cidade, ele foi à loja de fotografia e pegou o pacote com duas cópias de cada foto: uma para Anabela, outra para Leon.

Saindo da loja, ele atravessou a rua e entrou na agência do correio. Pegou as cópias que fizera para Leon e examinou uma a uma. Klaus aparecia em três delas.

Ele rasgou essas três fotos. Na parte de trás de outra foto com diversos imigrantes alemães idosos, ele escreveu: "K não veio. Doente."